UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ANA MARIA URQUIZA DE OLIVEIRA

**As modalidades de uso da língua no ensino de português na
Educação de Jovens e Adultos**

São Paulo
2019

ANA MARIA URQUIZA DE OLIVEIRA

**As modalidades de uso da língua no ensino de português na
Educação de Jovens e Adultos**

Versão original revisada

Dissertação apresentada à Faculdade de
Educação da Universidade de São Paulo
como requisito parcial para a obtenção do
título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Linguagem e
Educação.

Orientador: Prof. Dr. Émerson de Pietri.

**São Paulo
2019**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação

Ficha elaborada pelo Sistema de Geração Automática a partir de dados fornecidos pelo(a) autor(a)
Bibliotecária da FE/USP: Nicolly Soares Leite - CRB-8/8204

Um	<p>Urquiza de Oliveira, Ana Maria</p> <p>As modalidades de uso da língua no ensino de português na Educação de Jovens e Adultos / Ana Maria Urquiza de Oliveira; orientador Êmerson de Pietri. -- São Paulo, 2019.</p> <p>186 p.</p> <p>Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação Educação, Linguagem e Psicologia) -- Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2019.</p> <p>1. Ensino de Português. 2. Educação de Jovens e Adultos. I. de Pietri, Êmerson , orient. II. Título.</p>
----	--

Nome: URQUIZA, Ana Maria de Oliveira

Título: As modalidades de uso da língua no ensino de português na Educação de Jovens e Adultos

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Linguagem e Educação.

Orientador: Prof. Dr. Émerson de Pietri

Aprovado em:

Banca examinadora

Prof. Dr. Émerson de Pietri

Instituição: FEUSP

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Dedico este trabalho àquela que é meu exemplo de vida, minha inspiração, minha mãe, Maria da Graça Urquiza de Sousa. E dedico à 7ª A, turma que vivenciei junto a mim, professora, momentos de aprendizagens muito significativas para nós todos.

AGRADECIMENTOS

Sou grata a DEUS, criador e guia da minha vida!

À minha mãe, meu exemplo maior de luta e perseverança.

Ao meu esposo, que me ajudou a ser mais forte que o medo quando este muitas vezes me rodeou; segurou minha mão e me abraçou para que eu desistisse de desistir.

Aos meus filhos, que fizeram comigo este trabalho, sem eles eu não teria conseguido! Seus cuidados e apoio foram essenciais durante todo o percurso de luta e renúncia, das muitas vezes que quis estar com eles, e precisei estar com Bakhtin, Volochínov, Freire e os demais. Não foi fácil chegar até aqui, mas, CHEGAMOS!

Ao meu orientador Professor Dr. Émerson de Pietri, que me ajudou em cada detalhe nesta luta constante que é a pesquisa científica. Um pesquisador que foi também um amigo e conselheiro nos momentos em que pensamos não ser capazes. É de uma calma e mansidão que contagiam.

Aos Professores Doutores Lisete Arelaro, Maria Inês Batista Campos, Geraldo Tadeu de Sousa, Roberto da Silva, Bruno Bontempi e Cláudia Vóvio, que foram fundamentais no meu processo de aprendizagem e amadurecimento científico e muito me ajudaram a chegar até aqui. Pude aprender com eles além do acadêmico: o ombro amigo nas dificuldades, o cuidado – de mãe para mãe – que Cláudia teve para comigo na qualificação, estando eu gestante de oito meses, fiquei encantada com tamanha bondade.

Aos meus irmãos e irmãs, que sempre me apoiam e incentivam a lutar com palavras e com seus exemplos práticos de vida, todo(a)s guerreiro(a)s.

Aos meus alunos, que me proporcionaram momentos maravilhosos de aprendizagem mútua nos três semestres que estivemos juntos, em especial, os dois semestres da pesquisa. Aos amigos que encontrei durante o longo percurso do mestrado; e à Simone Allersdorfer, que me cedeu seus livros de Paulo Freire.

RESUMO

URQUIZA, Ana Maria de Oliveira. **As modalidades de uso da língua no ensino de português na Educação de Jovens e Adultos**. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

A pesquisa investiga o modo como a escuta, a leitura e o estudo de textos sobre um tema selecionado fundamentam a produção linguística escrita de alunos na Educação de Jovens e Adultos. Procura-se compreender como o tema, o estilo e os recursos argumentativos se organizam na apropriação da escrita. O quadro teórico está fundamentado nas reflexões de Bakhtin ([1979] 1993, 1997, 2003, 2015); Bakhtin/Volochínov (2014); Volochínov (2017); Brait (2009a, 2009b); Marcuschi (2001), Marcuschi & Dionísio (2007); Preti (2000, 2009), para explorar a relação dos estudos da linguagem, dos gêneros discursivos, da interação e do discurso do outro. Para tratar do Ensino de Português, Dolz & Schneuwly (1999); Geraldi (1997); Pietri (2007) e, sobre letramento, Colello (2017) e Soares (1998). Para tratar do direito à educação, garantido pela Constituição Federal, e do aluno como sujeito ativo e do tema gerador, selecionamos os estudos de Silva (2011, 2014), Saul (2000, 2009) e Freire (1981, 1986, 1988, 1996, 1998, 2001, 2006). Para trazer um pouco de história da educação básica na EJA, utilizamos o Projeto Político Pedagógico de Diadema (1997, 2007). A metodologia aplicada é a pesquisa-ação (THIOLLENT, 1986), uma vez que a pesquisadora é também a professora da turma. O objetivo foi mostrar que, ao ampliar as práticas de argumentação do aluno, por meio do processo de fala/escuta/leitura/estudo de textos, possibilitou a aprendizagem da escrita como instrumento de atuação social, desenvolvendo a visão crítica. Para desenvolver a investigação, examinam-se questões que sustentam a proposta de estudo da oralidade junto aos gêneros escritos. Para responder à questão de pesquisa – como o aluno apreende o gênero escrito, tendo a oralidade como suporte, de modo a aprimorar sua capacidade argumentativa –, são analisados textos dos alunos da 7ª A de uma escola pública municipal em Diadema, escritos no primeiro semestre de 2017. Os resultados dessa pesquisa-ação mostram a sala de aula como encontro de contrapalavras no acordo e/ou confronto de diversas vozes nos textos dos alunos, bem como a crítica pontual à falta de políticas públicas no discurso de resistência às desigualdades sociais.

Palavras-chave: Discurso Oral e Escrito. Ensino de Português. Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT

URQUIZA, Ana Maria de Oliveira. **The modalities of the use of the language in the teaching of Portuguese in the Education of Youths and Adults.** Dissertation (Master in Education). Education University. University of São Paulo, São Paulo, 2019.

The research investigates how listening, reading and studying texts on a selected theme underlies the written linguistic production of students in the Education of Young and Adults. It is tried to understand how the theme, the style and the argumentative resources are organized in the appropriation of the writing. The theoretical framework is based on the reflections of Bakhtin ([1979] 1993, 1997, 2003, 2015); Bakhtin/Volochínov (2014); Volochínov (2017); Brait (2009a, 2009b); Marcuschi (2001), Marcuschi & Dionísio (2007); Preti (2000, 2009), to explore the relationship of language studies, discursive genres, interaction and discourse of the other. To address the teaching of Portuguese, Dols & Schneuwly (1999); Geraldi (1997); Pietri (2007) and, on literacy, Colello (2017) and Soares (1998). In order to deal with the right to education, guaranteed by the Federal Constitution, and the student as an active subject and the generating theme, we selected the studies of Silva (2011, 2014); Saul (2000, 2009) and Freire (1981, 1986, 1988, 1996, 2001, 2006). To bring a little history of basic education in the EJA, we used the Educational Political Project of Diadema (1997, 2007). The applied methodology is action research (Thiollent, 1986), since the research is also the teacher of the class. The goal was to show that, to extend the student's practices of argumentation, through the process of speech/listening/reading/study of texts, enables the learning of writing as an instrument of social action, developing the critical view. To develop the research, we examine questions that support the proposal of orality study with written genres. In order to answer the question of research – as the student apprehends the written genre, having orality as support, in order to improve his argumentative capacity –, texts of the students of the 7th grade of a municipal public school in Diadema, written in the first semester of 2017. The results of this research action show the classroom as a counterbalance encounter in the agreement and/or confrontation of several voices in the student's texts, as well as the specific criticism of the lack of public policies in the discourse of resistance to social inequalities.

Keywords: Oral and Written Discourse; Teaching Portuguese; Youth and Adult Education.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Sequência didática pedagógica.....	56
Tabela 2 – Turmas de EJA da escola Dr Mário Santalúcia	65
Tabela 3 – Alunado da EJA no município de Diadema em 2017.....	68
Tabela 4 – Dados do questionário diagnóstico aplicado na 7ªA pela professora....	70

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CF	Constituição Federal
DCM	Diretrizes Curriculares Municipais da EJA, Diadema
DCNEB	Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica
EJA	Educação de Jovens e Adultos
F	Fala
FBSP	Fórum Brasileiro de Segurança Pública
GDAE	Gestão Dinâmica de Administração Escolar
HTPC	Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LD	Livro Didático
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
LP	Língua Portuguesa
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
P	Professora
PC-EJA	Proposta Curricular da Educação de Jovens e Adultos
PCD-EJA	Proposta Curricular de Diadema para a Educação de Jovens e Adultos
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PDE	PDE Plano de Desenvolvimento da Educação
PME	Plano Municipal de Educação
PNE	Plano Nacional de Educação
PNLD	Programa Nacional do Livro e do Material Didático
PPP	Projeto Político Pedagógico
SME	Secretaria Municipal de Educação
T	Texto
UBS	Unidade Básica de Saúde

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	11
1	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	19
1.1	Língua, linguagem e ensino.....	19
1.2	Interação verbal e dialogismo: gêneros discursivos na sala de aula.....	25
1.3	Discurso do outro e tomada de posição do aluno.....	34
1.3.1	O discurso do outro no gênero oral – o debate.....	39
1.3.2	O discurso do outro no gênero escrito – o artigo de opinião.....	43
1.4	Considerações sobre formação política na EJA – o posicionamento crítico e o processo de conscientização.....	46
1.5	Considerações sobre estilo.....	52
2	FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA.....	54
2.1	A EJA em Diadema e na escola Dr. Mário Santalúcia.....	59
2.2	O contexto da pesquisa: a escola e a turma.....	66
2.3	Caracterização dos alunos – O perfil dos sujeitos da pesquisa.....	70
2.4	Objetivos e metodologia da proposta de trabalho pedagógico	75
2.5	A INTERAÇÃO NA SALA DE AULA.....	76
2.5.1	O posicionamento dos alunos e o uso da oralidade – o debate.....	76
2.5.2	O posicionamento dos alunos e o uso da escrita – Produções textuais.....	78
3	COM A PALAVRA, OS ALUNOS.....	80
3.1	O discurso oral dos alunos: debate e roda de conversa.....	81
3.1.1	O tema gerador como mobilizador do conhecimento prévio no debate.....	82
3.1.2	O posicionamento do aluno ao fazer uso do discurso do outro no texto falado.....	85
3.1.3	O lugar de injustiçado social e a reivindicação por melhores condições de vida.....	87
3.1.4	A responsabilização do outro pelas desigualdades sociais e	

	econômicas.....	91
3.1.5	Marca de resistência – a educação e a cultura como fatores de mudança social.....	94
3.1.6	O uso da linguagem como marcador de desigualdade social.....	99
4	A APROPRIAÇÃO DE RECURSOS LINGUÍSTICO-DISCURSIVOS E ARGUMENTATIVOS NO DISCURSO ESCRITO DO ALUNO DA EJA.....	106
4.1	A ausência da voz do aluno – o silenciamento da e pela escrita.....	108
4.2	A voz do aluno – a contrapalavra ao silenciamento da e pela escrita.....	109
4.2.1	A voz do aluno – o nós como representativo de seu grupo social..	109
4.2.2	A citação do discurso do outro como discurso de autoridade.....	111
4.2.3	A resistência ao silenciamento da escrita – o eu como postura responsiva ativa.....	117
4.3	O discurso cotidiano da periferia no estilo individual do aluno – a denúncia da desigualdade social.....	119
4.4	Discurso de resistência – enunciados do rap no discurso do aluno.....	124
4.5	Discurso de conscientização de que a educação promove mudança social.....	127
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	132
	REFERÊNCIAS.....	136
	ANEXOS.....	142
	ANEXO 1 – Textos trabalhados com os alunos.....	142
	ANEXO 2 – Debate.....	147
	ANEXO 3 – Rodas de conversas.....	152
	ANEXO 4 – Questionário Diagnóstico da SME.....	160
	ANEXO 5 – Questionário da Professora.....	162
	ANEXO 6 – Textos dos Alunos.....	163
	ANEXO 7 – Normas para Transcrição.....	179
	ANEXO 8 – Fotos dos alunos nas aulas.....	180

INTRODUÇÃO

O uso que se faz da linguagem pode libertar ou oprimir o sujeito. Tem caráter político, não se dá de forma neutra. Freire (1988) defende o direito à voz para todos que é fundamental ao educador, que compreende o homem como igual, no uso da palavra. Afirmamos, portanto, a mediação entre fala e escrita, a oralidade e o ensino da escrita, faz com que o aluno passe a entender que ambas constituem atividades orientadas pela busca de sentidos e significados.

Nesta pesquisa estudamos como se desenvolve o processo argumentativo dos alunos sobre o tema gerador e como se apropriam das interpretações dos textos lidos sobre o tema, a fim de subsidiarem o texto escrito no gênero artigo de opinião. Para alcançar nossos objetivos, fizemos uma exposição sobre a importância de se conhecer e saber utilizar as duas modalidades de uso da língua, conforme o objetivo da comunicação, e das bases teóricas que alicerçam a análise da argumentação falada e escrita na sala de aula. A análise das falas e dos textos dos alunos ratificou essa constatação. As aulas foram realizadas na turma de 7ª série (antiga nomenclatura, ainda em uso na Educação de Jovens e Adultos no município de Diadema) na escola pública municipal Dr. Mário Santalúcia. Para responder às questões de pesquisa propostas, analisamos as aulas que sistematizavam as discussões e os registros escritos finais dos alunos.

O *corpus* é constituído de textos de oito alunos e essa seleção se fez em função da relação que estes estabelecem com a leitura e a escrita, visto se tratar de alunos com histórico de distanciamento da escola e, portanto, do contato com a modalidade escrita da língua. Dividido em dois grupos, cada grupo representa um aspecto específico em relação a esse contato com a escrita. O primeiro, marca o pouco contato com a leitura e escrita fora dos espaços da sala de aula, e, o segundo, o oposto disso.

A partir dos dados foi possível verificar a ocorrência de indicadores do discurso sistematizado, o ensinado na escola, através dos recursos linguísticos típicos do texto argumentativo presentes nos discursos escritos dos discentes. A estrutura do discurso escrito, a apropriação de conceitos, o discurso do outro evidenciado nos argumentos estiveram marcando a apreensão por parte dos

estudantes, dessas características do artigo de opinião. Recorremos aos pressupostos freirianos de aluno sujeito ativo e, aos bakhtinianos, de dialogismo e interação social. O trabalho possibilitou que a análise se deslocasse de uma abordagem centrada no indivíduo para uma abordagem do sujeito enquanto ser social e do grupo como produtor de pensamento. Observamos que apreender e argumentar foram procedimentos enunciativos característicos e presentes no processo de aquisição de conhecimentos dos alunos por meio dos gêneros oral debate e roda de conversa e, escrito, artigo de opinião.

É interessante destacar a importância na Educação de Jovens e Adultos (EJA), de o aluno refletir sobre a presença da oralidade junto ao ensino da escrita, estabelecendo relações entre diferentes textos, a fim de produzir outros textos significativos para sua atuação social e política. Essa dimensão aproxima o estudante de sua língua, por meio da interação, o mesmo a percebe como constitutiva de sua identidade como falante e se sente encorajado no sentido de fazer o uso produtivo de ambas as modalidades. Trata-se, inclusive, de um processo de humanização do ensino no sentido de se recuperar o conhecimento que ele traz para a sala de aula ao promover o processo de aprendizagem do novo. Possibilita a promoção da autoestima do aluno, compreendido como um sujeito ativo e capaz de aprender sempre mais.

Ainda observamos práticas de ensino de Língua Portuguesa pautadas nos moldes da denominada educação bancária (FREIRE, 1978), caracterizada por um processo vertical no qual o professor é um ser superior que ensina algo a ignorantes. Justamente nesta contraposição, na urgência de propostas que visem a questionamentos e a ações concretas para uma educação democrática e transformadora desenvolvemos a presente pesquisa. Para isso, utilizamos recursos como: diário de bordo com anotações detalhadas sobre o desenvolvimento das atividades ao longo das aulas, gravações de vídeo e áudio para análise dos textos orais e questionários socioculturais dos alunos, escrita e xérox de textos.

Na primeira etapa, analisamos os modos pelos quais os estudantes produziam conhecimentos a partir de vivências práticas com o uso da oralidade – nessas aulas tiveram mais segurança ao emitir opinião; no segundo momento, fizemos leituras e rodas de conversas sobre os textos com a temática da desigualdade social, o que possibilitou aos estudantes referenciar suas falas e

argumentos com a opinião do outro; no terceiro momento, os alunos produziram textos escritos no gênero artigo de opinião.

Buscamos analisar a argumentação dos alunos através do tema gerador proposto por Freire (1978) – tema que faz parte da realidade de vida concreta dos estudantes – e como eles se apropriam dos argumentos de outrem (BAKHTIN, 2015) nas interações que ocorrem em sala de aula. Nos termos de Bakhtin, buscamos mostrar o discurso do aluno com organização temática, composicional e estilística própria. As discussões se dão em torno do outro na produção discursiva em função do papel que esse sujeito pode ocupar nessa produção. Com este fim, os gêneros orais – debate e roda de conversa, também as leituras e interpretações dos textos lidos sobre os temas propostos, constituíram atividades que subsidiaram a produção de textos escritos. O trabalho com o artigo de opinião faz parte do programa curricular da 7ª série e é um tipo de texto que possibilita observar a inserção das palavras do outro, presentes no discurso do autor/produtor de texto. O gênero tem como característica o uso de argumentos de outros para dar respaldo ao que o autor defende no texto; trata-se de um texto argumentativo no qual o estudante pode desenvolver sua opinião.

O **objetivo da pesquisa** consiste em analisar o modo como o aluno da EJA utiliza a sua capacidade argumentativa no uso da oralidade, em sala de aula, modalidade que lhe é familiar, devido a sua vivência; e observar o modo como utiliza a sua capacidade argumentativa no uso da escrita, ao produzir texto no contexto da sala de aula, através de um processo pedagógico pautado no ensino linguístico-discursivo do gênero específico, função da escola, visto que, as diferenças linguísticas e/ou sociais das modalidades de uso da língua falada e escrita estão presentes na sala de aula (MARCUSCHI, 2001). Temos, pois, como objetivos específicos:

- ✓ Observar o tipo de argumentos que o aluno utiliza em suas produções orais e como estes fundamentam seu posicionamento crítico; observar as características linguístico-discursivas presentes no texto oral;
- ✓ Observar o tipo de argumentos que o aluno utiliza em sua produção escrita e como estes fundamentam seu posicionamento crítico; observar as características linguístico-discursivas presentes no texto escrito;

- ✓ Observar como o aluno se utiliza do discurso do outro para se posicionar: se faz e como faz referência aos textos fonte e/ou a outros textos de seu conhecimento de mundo.

Para isso, temos como perguntas de pesquisa:

- ✓ Como o estudo de gêneros orais – debate e roda de conversa – permite ao aluno desempenhar a sua capacidade argumentativa na sala de aula?;
- ✓ A prática da leitura de textos de diferentes gêneros discursivos na sala de aula possibilita ao aluno fazer uso da habilidade argumentativa no texto escrito escolar?;
- ✓ Como o discurso do outro possibilita ao aluno posicionar-se em seu texto escrito?

Dados os objetivos específicos, o problema de pesquisa visa investigar de que modo o trabalho com a oralidade-escrita no ensino de Língua Portuguesa (LP) na EJA produz efeitos sobre a formação de sujeitos críticos e sobre a formação linguística através da apropriação de recursos linguístico-argumentativos no texto escrito.

Selecionamos pontos importantes a serem analisados nos textos orais e escritos dos alunos, bem como das rodas de conversas sobre os textos lidos referentes a este problema de pesquisa com o intuito de refletirmos sobre os mesmos não para mostrar uma verdade absoluta, mas o resultado de um trabalho voltado para a busca de melhoria do ensino de EJA junto a muitos outros maiores e mais importantes que já foram realizados por outros pesquisadores e servir de exemplo para outros que virão. A luta por uma educação de qualidade no país se faz necessária.

Nessas circunstâncias, interessa-nos um trabalho de integração oralidade/escrita que possibilite ao aluno reconhecer as situações de uso da língua para que se evidencie a diversidade da linguagem em diferentes contextos. A análise, realizada segundo pressupostos bakhtinianos, atenta para a maneira como os sujeitos operam recortes e apropriações de concepções de linguagem diversas em seu retorno à sala de aula. A ideia é que o professor de LP, ao desenvolver um trabalho de apresentação dos gêneros orais como estratégia para conduzir o aprendiz, da prática oral à escrita, apresente o gênero escrito não como ponto de partida, mas como ponto de chegada, estimulando-o à autonomia e ao senso crítico.

Faz-se necessário, aqui, destacar, junto à aquisição da leitura, as condições de vida do sujeito (FREIRE, 1986). Defendemos como pesquisadora, e fazemos uso, como professora, dos gêneros orais, a fim de perceber o conhecimento prévio do estudante sobre o tema gerador, para que ele participe, com segurança, dos processos interativos e de que, após o processo de interação com leituras e rodas de conversas sobre textos de diferentes gêneros orais e escritos, possua recursos argumentativos que lhe possibilitem defender seus pontos de vistas através dos gêneros falado – debate e, escrito, – artigo de opinião, apropriando-se e respondendo a argumentos e ideias de outro(s).

Posicionamo-nos, desta forma, em defesa do direito do acesso à língua escrita, evidenciando ao aluno o pensar na língua escrita como um instrumento social e político e a necessidade de se apropriar dela para utilizá-la segundo a necessidade do ato comunicativo, aprimorando a capacidade de criticar, argumentar, transformar e atuar no mundo, lendo e escrevendo – atividades que fazem parte do existir humano (FREIRE, 1986). Acreditamos que é função da escola desenvolver o ensino da escrita, pois esta é uma das modalidades de uso da língua a qual o estudante não tem contato direto no seu dia a dia. O uso diário da língua de que ele dispõe é a oralidade e apenas em algumas situações e circunstâncias, ele se depara com a escrita. É o seu direito ter acesso ao conhecimento dela na escola para que possa dela fazer melhor uso quando se fizer necessário.

Como embasamento teórico, utilizamos estudos desenvolvidos por Bakhtin ([1979]1993, 1997, 2003, 2015); Bakhtin/Volochínov (2014); Volochínov (2017); Brait (2009a, 2009b) e Morson & Emerson (2008), para explorar a relação dos estudos da linguagem, da interação, dos gêneros discursivos e do discurso do outro. Para abordar sobre a relação oralidade e escrita, valemo-nos dos trabalhos de Marcuschi (2001), Marcuschi & Dionísio (2007) e Preti (2000, 2009). Para tratar do Ensino de Português, Dolz & Schneuwly (1999); Geraldi (1997); Pietri (2007) e, sobre letramento, Colello (2017) e Soares (1998). Para tratar do direito à educação, garantido pela Constituição Federal, do aluno como sujeito ativo, do tema gerador e do posicionamento político crítico, selecionamos os estudos de Silva (2011, 2014), Saul (2000, 2009) e Freire (1981, 1986, 1988, 1996, 1998, 2001, 2006). Para trazer um pouco de história da educação básica na EJA, utilizamos a Proposta Curricular de Diadema para a Educação de Jovens e Adultos (PCD-EJA, 1997, 2007).

Esta pesquisa, pelo seu teor está, portanto, caracterizada como pesquisa-ação e tem a pesquisadora na pessoa da professora da turma, envolvida nas ações com os alunos – atuantes ativos no processo de ensino-aprendizagem, sendo co-construtores de seus conhecimentos. As coletas do material para análise foram realizadas no 1º semestre de 2017, período em que os alunos cursavam a 7ª série do ensino fundamental II. O trabalho parte do princípio de que a pesquisa-ação não deixa de ser uma forma de experimentação em situação real, na qual “os pesquisadores intervêm conscientemente e os participantes não são reduzidos a cobaias, e, sim, desempenham um papel ativo” (THIOLLENT, 1986, p. 21).

No decorrer da pesquisa, utilizamos como procedimentos metodológicos, técnicas etnográficas – como a observação participante, relativa ao envolvimento com os alunos na prática das aulas – e diário de campo relativo aos registros do que os estudantes produzem em sala de aula quanto aos seus usos de leitura e escrita (THIOLLENT, 1986). Esta pesquisa orienta-se, desta forma, a partir do conhecimento empírico obtido no cotidiano da vida prática (FREIRE, 1985) e da perspectiva do homem como ser social que está em constante aprendizagem na vida concreta (BAKHTIN, 2003). Nesse sentido, encontramos respaldo na metodologia da pesquisa-ação na qual o participante comum conhece os problemas e as situações nas quais está vivendo. De modo geral, “quando existem condições para sua expressão, o saber popular é rico, espontâneo, muito apropriado à situação local” (THIOLLENT, 1986, p. 67).

Segundo Thiollent (1986), os resultados do trabalho de pesquisa podem ser comparados aos do trabalho na sala de aula, pois são obtidos ao longo do processo em que atuamos no hoje, para melhorar o trabalho de amanhã. Em função disso, a tomada de consciência não é um processo concebido apenas depois da divulgação dos resultados. Antes, é ligado à própria geração de dados, sob forma de questionamento. E nesse contexto das práticas educacionais, vistas numa perspectiva transformadora e emancipatória, as ideias dão lugar a uma atualização que visa promover a disposição a conhecer e agir racionalmente.

O texto é organizado em quatro capítulos. Anterior a eles, esta Introdução contextualiza o objeto e o problema de pesquisa, o objetivo, as questões de pesquisa, as hipóteses de estudo, o método e as contribuições.

No capítulo 1 que aborda a fundamentação teórica trazemos quatro seções: na primeira, Língua, linguagem e ensino, referenciamos os pressupostos bakhtinianos fundamentais para a compreensão da investigação quanto à relação oralidade e escrita no uso da linguagem nas aulas de LP. Em Interação verbal e dialogismo: gêneros discursivos na escola, tratamos da discussão dos enunciados concretos dos alunos realizados em contexto escolar. Na terceira, Discurso do outro e tomada de posição do aluno, discorremos sobre a presença do outro nas relações dialógicas no cotidiano, nesse caso, o cotidiano escolar, segundo os preceitos de Bakhtin (2015), Bakhtin/Volochínov (2014) e Volochínov (2017). Finalmente, na quarta, tratamos da Formação Política na EJA consoante estudos de Freire (1980, 1986, 2001), Saul (2000, 2009) e Silva (2011, 2014), a fim de observar o caráter de formação de pensamento político crítico que se dá no estudante da EJA.

O capítulo 2 trata da fundamentação metodológica. Nele, trazemos as informações sobre o contexto da pesquisa – a escola e a turma. Apresentamos os sujeitos da pesquisa, a concepção de educação da escola, a caracterização da comunidade e o perfil socioeconômico dos estudantes. Seguimos, ainda, com discussões sobre pesquisa-ação: as ações da professora em sala de aula e a interação dos alunos, a importância da pesquisa-ação, as perguntas de pesquisa e os desafios encontrados ao longo do percurso.

Nos capítulos 3 caracterizamos o processo de trabalho pedagógico com a oralidade. Buscamos mostrar o caminho percorrido pelos estudantes no processo de trabalho pedagógico, tendo a oralidade como ponto de partida para adentrar no trabalho com a escrita. Discutimos sobre o debate dos alunos, como meio de se valer do conhecimento prévio e do tema gerador freiriano e também do posicionamento crítico. Trazemos discussões a respeito das rodas de conversas dos textos para averiguar o modo como os alunos se utilizam do discurso do outro ao fazer uso da argumentação.

No capítulo 4 trazemos a análise do *corpus* e buscamos mostrar a apropriação de recursos linguístico-argumentativos no texto escrito. Refletimos sobre a apropriação de recursos temáticos e argumentativos e o estilo como recursos linguísticos marcadores do posicionamento dos alunos por meio do discurso do outro. Discorremos na primeira parte sobre os temas trabalhados para o uso da linguagem conforme estudos de Bakhtin. No decorrer da investigação

examinamos questões que sustentam a proposta de estudo da oralidade como parceira no acesso aos gêneros escritos pelo aluno da EJA, quais sejam: 1) A participação efetiva dos discentes como participantes ativos no processo de aprendizagem da leitura, escrita e produção textual; 2) O discurso dos alunos e o que passam a dizer, observando as mudanças relativas à apropriação do gênero e o como dizem. Na segunda parte apresentamos dados sobre a análise dos sete textos produzidos pelos alunos em torno do tema e do uso do discurso do outro ao produzir o seu discurso.

Nas Considerações Finais apresentamos uma síntese dos resultados obtidos seguida das referências bibliográficas e dos anexos que trazem documentos fundamentais do trabalho pedagógico na sala de aula, bem como de documentos e textos essenciais à realização da pesquisa. A partir desses resultados, as hipóteses levantadas no início foram detalhadas e verificadas.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O diálogo só existe quando aceitamos que o outro é diferente e pode nos dizer algo que não conhecemos (FREIRE, 1988, p. 36).

1.1 Língua, linguagem e ensino

Bakhtin (2003) analisa a língua no ato comunicativo, na relação entre os interlocutores. Para ele, todo e qualquer ser humano é apto a dialogar com o outro, já que somos todos seres em construção. O autor privilegia a natureza social da linguagem vendo o homem, um ser social que se comunica, interage. O filósofo russo defende a palavra como sendo de todos, na interação, sai de um para outro interlocutor num processo contínuo de troca de experiências, no sentido de que todo falante tem a capacidade de se utilizar das palavras para interagir com seus pares num dado grupo com o qual convive. Para ele, a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico e vivencial, ela não é neutra e não pertence a alguém por inteiro, ela é de todos e para todos.

Ainda segundo Bakhtin (2003, p. 326):

A língua materna, seu vocabulário e sua estrutura gramatical, não conhecemos por meio de dicionários ou manuais de gramática, mas graças aos enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos na comunicação efetiva com as pessoas que nos rodeiam.

Se a língua é processo de interação criada convencionalmente por sujeitos pertencentes a uma dada cultura, a fim de executar uma ação social, ela deve ser ensinada levando em conta as práticas sociais, preparando o aluno para agir e entender diferentes situações comunicativas.

Seguindo essa linha de raciocínio de estudos da linguagem, este trabalho visa observar as possibilidades argumentativas em práticas letradas, com o suporte oferecido pela produção de gêneros orais em aulas de LP no ensino fundamental II na EJA, a fim de traçar contribuições para a formação de pensamento político-crítico

no aluno para questionar os seus direitos e deveres como estudante brasileiro usuário da língua e como cidadão, seguindo pressupostos freirianos.

A proposta de ensino que defendemos é aquela que traz a prática do debate fundamentada teórica e metodologicamente em proposições bakhtinianas de linguagem e gêneros discursivos com o objetivo de formar um cidadão com acesso à cultura e capaz de expressar ideias utilizando-se das práticas de oralidade e/ou da escrita, segundo a necessidade de comunicação, para construir ou transformar o contexto. Isso significa dizer que não se pode pensar ensino de leitura e produção de texto fora do espaço das relações dialógicas em que o ser humano se constitui.

Deste ponto de vista, a sala de aula é lugar ideal para pensar e praticar o ensino da oralidade, utilizando-se da escuta dos alunos em suas falas sobre seus conhecimentos prévios acerca do tema da discussão, seja no uso do debate, na roda de conversa ou ainda na leitura de textos. Esses discentes são sujeitos que instauram suas visões de mundo, convidá-los a interrogar-se sobre si, sobre o *outro* e sobre como se constrói o conhecimento, vendo-se como sujeitos ativos no processo é primordial. Ao estabelecer relações entre os textos, desenvolvendo uma compreensão responsiva, o aluno tende a assumir posições críticas e valorativas e se reconhecer participante no processo de seu desenvolvimento de aprendiz da língua falada e escrita:

É no processo da interação com o outro que nos tornamos sujeitos. O eu só existe relacionado a um tu: “ser significa comunicar-se” e um “eu” é alguém que, por sua vez, é em nossa existência, de tal modo que a construção do eu, mediante o verbal, passa pelo diálogo como forma primária de comunicação e pensamento e, mais ainda, como concepção do sujeito e seu ser (BRAIT, 2009b, p. 156).

Ao tratar da língua e da linguagem, o filósofo russo disserta a respeito da singularidade (o eu) no encontro com o outro – o eu em relação aos outros com os quais interage (BAKHTIN, 2015). Esse encontro com o outro por meio das palavras no momento da aula é imprescindível para que o aprendiz se coloque no lugar do outro na troca de informações que se dá na interação. Ao expressar sua singularidade, o indivíduo está também participando de um todo, de grupos sociais que constituem o mundo concreto (o contexto), o aqui e agora, as relações humanas no concreto da vida. Trata-se das relações de interação da vida, do enunciado concreto nas relações entre os usuários da língua, seja pela oralidade, seja pela

escrita. Os falantes – alunos da EJA – fazem uso na prática das características da linguagem, embora não compreendam esse uso escolar, sistematizado. Até mesmo na apreensão da capacidade de falar, a criança não compreende a estrutura da língua teoricamente, porém segue a estrutura utilizada pelos falantes com os quais convive e dos quais aprende a utilizar a língua na oralidade.

Defendemos o uso do princípio ético bakhtiniano no qual o eu só existe na relação com o outro, baseado nos modelos primários da relação do sujeito com o mundo no vivenciamento concreto (nas relações dialógicas do dia a dia). O autor apresenta o homem com necessidade estética absoluta do outro, que é o único capaz de criar para ele uma personalidade externamente acabada (só posso me vê através do olhar do outro, do julgamento do outro), mais uma vez, ressalta o valor do outro nas relações dialógicas da vida concreta assegurando que o *eu* não se faz, não existe sem o outro.

As relações dialógicas se dão com o uso da palavra e a palavra não pertence a ninguém, é objeto das interações, do enunciado concreto, está sempre na fronteira, pois é utilizada por diferentes falantes em diferentes tempos e de diferentes culturas (BAKHTIN, 2003). É nas relações dialógicas, na vida concreta, que a palavra, na boca do falante, desempenha a função de valorar significados que só são possíveis de acontecer na vivência da palavra de boca em boca.

Os belíssimos textos de Bakhtin dão-nos embasamento teórico para discutir questões de linguagem no concreto das aulas de LP e sustentação para observar como se dão as relações dialógicas produzidas no contexto da sala de aula com o intuito de observar e analisar a presença das estruturas características da linguagem falada e/ou escrita, conforme o objetivo do ato comunicativo desenvolvido, observando-se o contexto em que acontece essa interação. Fazendo uma relação com a vivência do estudante da EJA, observa-se que esse estudante adulto já dispõe, ao contrário da criança, de um repertório maior de palavras da língua, toda a estrutura sintática e um conhecimento de mundo vasto devido à sua vivência no mundo concreto na sociedade em que vive. Ao apreender os conceitos da gramática, por exemplo, ele tem a vantagem do repertório de vocabulário e uso da língua por meio da oralidade, sendo a escrita, o que constitui a novidade:

Tendo em vista o trabalho com a língua em sala de aula, sabemos que é como *língua escrita* que ela é ali mais estudada, mas é como

língua oral que se dá seu uso mais comum no dia-a-dia. Além disso, a criança, o jovem ou o adulto já sabe falar com propriedade e eficiência comunicativa sua língua materna quando entra na escola, e sua fala influencia a escrita, sobretudo no período inicial da alfabetização, já que a fala tem modos próprios de organizar, desenvolver e manter as atividades discursivas. Esse aspecto é importante e permite entender um pouco mais as relações sistemáticas entre oralidade e escrita e suas inegáveis influências mútuas (MARCUSCHI & DIONÍSIO, 2007, p. 14-15).

O uso da língua se dá conforme interações sociais que implicam o contexto histórico, as expressões referentes a determinadas culturas e as palavras são pronunciadas segundo a necessidade de comunicação, sendo evidente que o meio em que os indivíduos estão inseridos reflete no uso da linguagem. O tema abordado pela 7ª série nessa turma e nesse período é impossível de ser visto/avaliado da mesma maneira por outros sujeitos na mesma série em outro espaço e/ou outro tempo ou ainda por estes mesmos alunos num outro espaço-tempo:

Todo dizer, socialmente dirigido, é acompanhado por determinações históricas e por expressão ideológica, e as formas por meio das quais os sujeitos respondem ao dizer do outro são formas de respostas ao meio social, são expressões ideológicas dos modos como a consciência pode apreender a ordem do real nos horizontes históricos em que os sujeitos se situam (BRAIT, 2009b, p. 112).

Brait (2009b) destaca o uso que fazemos da linguagem na interação repleta de determinações históricas e culturais – seres sociais que somos – a efetiva realização do uso da palavra se dá na vida concreta com sujeitos reais que dialogam entre si. Ao dizer algo, o dizemos para alguém, há intenção e objetivos por trás desse dizer e esperamos um retorno, ainda que seja o silêncio. Logo, a presença dessas características inerentes à linguagem acontece nas relações dialógicas que se estabelecem no cotidiano das aulas com os sujeitos sociais envolvidos.

Portanto, as concepções de língua e linguagem abordadas fundamentam-se na perspectiva filosófica trazida por Bakhtin, que pode contribuir para uma metodologia de ensino de LP mais significativa, principalmente na EJA, por ter um alunado com distanciamento da escrita formal que se dá na escola. Essa concepção procura focar a língua priorizando a interação discursiva que comporta todas as condições de produção do enunciado (em que contexto e com quais sujeitos esse enunciado é construído) o que é preponderante para a construção dos sentidos. A

esse respeito, pactuamos da proposta de Brait de que o lugar que ocupamos na sociedade não nos permite selecionar o nosso dizer sem antes fazer uso de normas e regras de utilização da linguagem:

Dado o fato de que a linguagem, tanto na fala como na escrita, nunca é uma realização aleatória e individual – posto que os lugares sociais que ocupamos exigem de nós o respeito a padrões de utilização por meio de gêneros relativamente sistematizados, e também por meio de esquemas, igualmente relativizados, mais ou menos sistemáticos de apropriação e interação com a palavra alheia (BRAIT, 2009b, p. 118).

Bakhtin e Marcuschi apontam o uso e a seleção do gênero discursivo conforme contexto de uso, pois estes são relativamente sistematizados, não são estáticos, uma vez que a língua é dinâmica como é a vida. Seguindo essa linha de pensamento, as formações sociais nunca são perfeitamente planejadas, elas se adequam à realidade daquele grupo de pessoas. O tempo é aberto e a cada momento encerra possibilidades múltiplas. Acreditamos poder incluir aqui o espaço da sala de aula. O estudante adulto, se bem fundamentado pelo trabalho metodológico do professor, é capaz de compreender a troca contínua que existe nas relações dialógicas – as observadas e vivenciadas no contexto das aulas, como sinal de que o conhecimento se dá na interação, de que o conhecimento de um não pode ser motivo de menosprezar o do outro, pois as relações dialógicas se dão em todo e qualquer espaço, cultura e tempo, o que difere é quem são os sujeitos envolvidos nessas relações.

De acordo, ainda, com essa análise, a língua não é transmitida para ser memorizada como algo estático e, portanto, o indivíduo não a recebe pronta para ser usada. Essa habilidade é humana, não é de pertencimento de alguns, mas constitui característica de todo usuário da língua. O estudante da EJA – parte de grupos da sociedade em que se encontram os menos favorecidos, carece desse conhecimento de análise da língua em que se apresentam as duas modalidades de uso, explicitando as características e funções de cada uma, pois é por meio dela também que são humilhados e tachados de nomes depreciativos em relação ao uso da linguagem de que dispõem. “Assim, o nosso ponto de vista será de tal modo construído a ponto de permitir uma visão multifacetada do funcionamento da

linguagem dentro de um paradigma elástico que evita olhares redutores e preconcebidos” (MARCUSCHI, 2009, p. 23).

Ora, esse uso já é marca de opressão. A linguagem é um objeto utilizado pelo homem e, portanto, nesse uso existem as relações de poder e defendemos não só o conhecimento desse fato pelo aluno, bem como a sua conscientização para mudar o seu contexto e lutar contra as injustiças sociais das quais é vítima. Marcuschi (2007, p. 37) assegura que “é interessante observar como a população menos letrada e até analfabeta tem uma noção clara do poder da escrita e percebe a diferença entre um ambiente em que ela é menos exigida e mais exigida”, observaremos esse fato na análise dos textos dos alunos.

Pietri (2012), ao discutir sobre a oralidade, a escrita e as condições de produção de textos na escola, sustenta que a escrita estaria mais sujeita que a oralidade, à normatização, devido à hegemonia que possui na sociedade burguesa e aos efeitos que se produzem nessa sociedade quanto à possibilidade de produção de um sentido único como base no escrito.

Seguindo essa linha de raciocínio, observa-se a fundamental importância de valorizar o conhecimento prático de língua, o que o estudante traz para sala de aula e, num processo de atuação viva, concreta, real, inserir no seu mundo o contato com o novo, a modalidade escrita. Essa é a visão da língua enquanto constitutiva do sujeito que aponta para um estudo, uma pesquisa diferente da que se faz na tradição do objetivismo abstrato, criticado por Bakhtin, uma vez que a atitude do objetivismo abstrato toma a língua como uma abstração, fora dos processos de comunicação verbal, da interação discursiva que comporta os fatores sócio-histórico-ideológicos. Volochínov (2017, p. 182) diz que “a ruptura entre a língua e seu conteúdo ideológico é um dos erros mais graves do objetivismo abstrato”. Como Bakhtin, ele também critica a sistematização da língua em caráter fragmentário, focalizando seus aspectos formais desvinculado de seu processo ideológico, pois a reflexão linguística de caráter formal-sistemático trata a língua como um objeto pronto e acabado, desconsiderando todo o processo histórico-ideológico, voltando-se para o estudo da enunciação numa perspectiva monológica isolada, isto é, a enunciação fora dos contextos de produção e recepção:

A realidade efetiva da linguagem não é o sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato

psicofisiológico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados (2017, p. 218).

O pressuposto é que nos processos interativos identifica-se, antes de qualquer coisa, o gênero em questão. Logo, o ensino fragmentado, desvinculado das condições de produção, segundo Bakhtin, não favorece a apropriação efetiva da linguagem, uma vez que dificulta a construção do sentido e não ajuda na criação de uma linguagem própria, visto que, apenas visa à análise da linguagem alheia dada pronta, estabelecida e descontextualizada, uma metodologia calcada numa orientação monológica, na contramão do princípio dialógico inerente à linguagem.

Diante do exposto, o posicionamento político-crítico do aluno, ao se expressar oralmente ou pela escrita, é defendido conforme pressupostos bakhtinianos do discurso do outro e da capacidade de reação-resposta de todo usuário da língua, seja no uso da modalidade falada ou escrita.

Brait, ao tratar do discurso do outro nas relações dialógicas, à luz bakhtiniana, sustenta seu parecer favorável ao que defende o filósofo da linguagem, trazendo reflexões referentes ao caráter de ouvir/ler, entender/compreender o discurso do outro e emitir/expressar parecer sobre o discurso. Conforme a autora, nós agimos no uso da linguagem com e sobre palavras/ideias de outros:

[...] todo diálogo é marcado pela presença do outro, na medida em que se constitui sempre numa forma de reação-resposta (de concordância e discordância, parcial ou total, de acréscimo, exclusão, ironia, exaltação, ódio, alegria, medo, etc.) à palavra do outro – dos outros. Nesse sentido, o enunciado está sempre refletindo ou refratando ideologicamente a voz alheia, e as formas e as possibilidades dessa realização são inúmeras como são inúmeros os temas e as situações de nossos relacionamentos verbais (BRAIT, 2009b, p. 121).

1.2 Interação verbal e dialogismo: gêneros discursivos na sala de aula

Todas as esferas da atividade humana estão relacionadas com a utilização da língua, portanto, o caráter e os modos dessa utilização são tão diversos quanto essas esferas. Bakhtin considera um dos aspectos mais marcantes do gênero, o fato

de que se deve considerá-lo como um meio social de produção e de recepção do discurso e que diz respeito à questão do uso. Portanto, todo funcionamento significativo da linguagem se dá por meio de discursos orais e/ou escritos produzidos e recebidos nos discursos da vida cotidiana e realizados em gêneros que circulam na sociedade por meio do enunciado concreto. Adotamos, pois como referencial, a noção de língua como prática interativa seguindo proposições de estudiosos como Bakhtin (2003, 2015), Bakhtin/Volochínov (2014), Volochínov (2017), Marcuschi (2001) e Marcuschi & Dionísio (2007) para aprofundar a discussão sobre o ensino-aprendizagem de LP num trabalho com os gêneros discursivos na EJA.

A essência da visão bakhtiniana da linguagem está no esmero em que ele observa o uso da palavra viva na boca do povo, o falante/usuário da língua no ato dialógico, no momento da interação por meio do ato enunciativo que se faz contínua e constantemente como contínua é a vida concreta:

A palavra não é um objeto, mas um meio constantemente ativo, constantemente mutável de comunicação dialógica. Ela nunca basta a uma consciência, a uma voz. Sua vida está na passagem de boca em boca, de um contexto para outro, de um grupo social para outro, de uma geração para outra. Nesse processo ela não perde o seu caminho nem pode libertar-se até o fim do poder daqueles contextos concretos que integrou (BAKHTIN, 2010, p. 232).

Bakhtin/Vochínov (2014), ao desenvolverem a noção de dialogismo, avaliam a interação entre os sujeitos e a realidade social como algo essencial no discurso e destacam a natureza dialógica não só no discurso, mas na vida como um todo. A vida é a real expressão da interação, pois é nela que os enunciados se desenvolvem na cadeia discursiva do ato comunicativo na vida cotidiana. Nesse processo de interação, todos têm respostas avaliativas, um simples silenciar constitui uma resposta, o indivíduo expressa algo ao silenciar.

Ao tratar da interação verbal e do diálogo, o filósofo da linguagem parece estar falando da afetividade, da emoção, a nosso ver, o que permite acentuar que, no enunciado concreto no uso da língua viva, no ato da enunciação, o falante está atuando não apenas com o aparelho fonador, mas com o corpo, a alma e o espírito. Nesse sentido, o uso da palavra no diálogo não se dá como novidade, ela faz parte da vida e traz uma carga de cultura e se desenvolve por meio de outra cultura – a do falante – no momento da enunciação:

A única forma adequada de expressão verbal da autêntica vida do homem é o diálogo inconcluso. A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal (BAKHTIN, 2003, p. 348).

Morson & Emerson (2008) denominam Bakhtin um humanista e reafirmam seu perfil de pensador e filósofo convicto de uma postura singular de abordagem e tratamento teórico-metodológico sobre a linguagem como interação. A nosso ver, isso se dá pelo fato de o autor russo valorizar a presença do outro nas relações dialógicas defendendo que o *eu* não existe sem a presença de um *tu*. Para haver o diálogo, o mais simples e cotidiano que seja, é indispensável a presença de, no mínimo, dois interlocutores.

Dessa forma, o ensino de LP não se restringe à gramática, pois a língua vai muito além, observar o contexto e os envolvidos no processo de comunicação tanto no uso da língua como objeto de ensino quanto como matéria-prima da comunicação humana, é imprescindível.

Ainda, conforme Morson & Emerson, a premissa defendida por Bakhtin é a de que todo uso autêntico da língua é feito em textos produzidos por sujeitos históricos e sociais que mantêm algum tipo de relação entre si e visam a algum objetivo comum. Essa colocação sustenta o que defendemos quanto à importância do contexto de produção oral e/ou escrita em que se insere o aluno.

Em vista disso, considerando o ensino/aprendizagem da leitura/escrita, tomar o projeto discursivo, necessariamente vinculado ao gênero, é produtivo para a compreensão dos processos que orientam os elementos constitutivos da leitura/produção textual.

Dadas as circunstâncias, a escola – ao tratar da leitura/escrita apenas numa perspectiva formal, tendo em vista os sistemas de regras fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas e seu léxico – apresenta um ensino prescritivo, com ênfase nos aspectos formais e normativos em detrimento do que seria, do ponto de vista que se faz nos estudos bakhtinianos, mais produtivo: os estudos dos gêneros

discursivos tendo como centro o contexto de interação discursiva. Nessa relação, Pietri (2007, p. 13) aponta que:

A entrada do texto na escola e as atividades de leitura que serão desenvolvidas com ele em sala de aula pedem que o processo de escolarização desse texto – sua escolha para ser usado como material de ensino da leitura – seja feito levando-se em conta as possibilidades de leitura do aluno.

Cada gênero é um modo especial de construir e dar acabamento ao texto situado no tempo e no espaço conforme características linguísticas e é capaz de abarcar tão somente determinados aspectos da realidade. Cada gênero possui determinados princípios de seleção, determinadas formas de visão e concepção da realidade, determinados graus na capacidade de abarcar e penetrar com profundidade na realidade e promover acabamento substancial na unidade temática. Aqui, ressaltamos a importância de uma relação, na sala de aula, com os gêneros, de modo a possibilitar ao aluno compreender a variação dos gêneros orais e escritos conforme o contexto de produção. Referimo-nos ao trabalho com os gêneros no contexto das aulas e destacamos a importância da escolha criteriosa do gênero junto ao tema, com vistas a desenvolver um trabalho significativo para o aluno da EJA. Com Pietri (2007), destacamos a importância do trabalho de seleção dos textos a serem trabalhados na sala de aula. Pode-se partir do tipo de texto que predomina num determinado gênero de discurso e, com base nas características desse tipo de texto, realizar atividades de leitura que evidenciem para o aluno a organização textual própria a determinado gênero, além das características próprias ao texto que está sendo lido.

O gênero não deve ser abstraído da esfera que o cria e o usa, é importante conhecer o tipo de atividade, o contexto espaço-temporal e as relações intersubjetivas, pois como o tempo é histórico e o espaço é social, os gêneros representam e refratam a realidade de acordo com as manifestações dos sujeitos da comunicação. Nesse sentido, o homem vê e sabe sempre algo que o outro não sabe e, possibilitar ao aluno conhecer e entender essa realidade, constitui algo relevante para ele que vive numa sociedade excludente e opressora, e essa exclusão é feita também através do uso da linguagem. É na vida cotidiana que acontece a comunicação e nela, os enunciados vão se formando nos diálogos das pessoas, e, assim, os gêneros surgem numa relação em que, desaparecem uns, enquanto

aparecem outros: “O gênero sempre é e não é o mesmo, sempre é o novo e velho ao mesmo tempo. O gênero renasce e se renova em cada obra individual de um dado gênero: [...] o gênero vive do presente, mas sempre recorda o seu passado, o seu começo” (BAKHTIN, 2010, p. 121).

Como a língua integra a vida por meio dos discursos que produzimos, os leitores/interlocutores produzem e/ou interpretam o discurso, vivendo tempo e espaço diferenciados. Os gêneros se interligam e interpenetram e isso significa que cada área da atividade humana entende a realidade com base em suas próprias formas de percepção do mundo, alterando e influenciando esse meio também de forma particular, já que o homem é um ser social, mas com singularidade em suas relações. Numa aula de leitura e estudo de textos, o aluno da EJA pode compreender a diferença que há entre o tempo e a cultura da produção do texto e o tempo e a cultura em que ele está inserido socialmente no momento da leitura. Essa compreensão possibilita a ele refletir sobre a utilidade dos textos produzidos no passado e no presente, produzidos por grandes autores, assim como também, os textos produzidos por ele no contexto escolar. Deste ponto de vista, acreditamos que o trabalho de produção de texto não será mais visto por ele como uma maneira de adquirir uma nota, nem tampouco como uma atividade descontextualizada e sem significação real para ele. Antes, poderá se vê um real produtor de enunciados, visto que o distanciamento entre o autor renomado e o autor estudante da EJA – ele próprio – é trabalhado de forma a romper essa barreira de verticalização de um em relação ao outro, conforme capacidade de todo usuário da língua de se comunicar em ambas as modalidades de uso.

Dessa forma, poderá encontrar sentido real nesse estudo da língua por meio das leituras e produções textuais aproximando-os à vida concreta para ultrapassar o pensamento retrógrado de que a produção em contexto da sala de aula se dá apenas para passar para a série seguinte. E, ainda, é de extrema relevância observar que o gênero, como fenômeno social, só existe em determinada situação comunicativa e sócio-histórica, e cada uma dessas situações é que determina um gênero com características temáticas, composicionais e estilísticas próprias.

A heterogeneidade linguística é que determina as subdivisões dos gêneros. Os tipos de texto vão desde o diálogo cotidiano informal até a tese científica. Essa relação do mais informal ao mais formal serve para elencar a variedade de usos do

discurso representada nos gêneros e sustentar a importância que cada um tem em seu contexto de uso, evitando assim a supervalorização de um em detrimento de outro.

Pietri (2007) focaliza que o trabalho com a leitura do texto para o aluno carece de um envolvimento do professor no planejamento de atividades baseadas na maior oferta textual possível, prever que outras leituras serão necessárias para fundamentar a leitura do(s) texto(s) lido(s) em sala de aula. Em face disso, o processo pedagógico buscou trabalhar com o debate informal, a música, a crônica, o artigo de opinião, todos com a mesma temática.

Diante disso, os gêneros típicos da escrita funcionam como instrumentos, uma forma de uso mais elaborada da linguagem para construir uma ação verbal em situações de comunicação mais complexas e relativamente mais evoluídas: artística, cultural, política. O estudo de LP por meio dos gêneros discursivos exerce uma diferença enorme e proveitosa, já que se utiliza de textos concretos da vida real, plena, viva. Não se dissocia, aqui, a vivacidade da língua para se ater a regras gramaticais. Logo, este tipo de ensino possibilita a manutenção da disparidade dicotômica da língua culta como correta enquanto os usos sociais, por serem representativos da população, são vistos como incorretos e utilizados inclusive como forma de opressão social.

Para Bakhtin (2003), conhecer, representar o real significa estar no mundo, dar sentido à realidade. Em virtude disso, não há como estudar a linguagem tendo em vista apenas critérios linguísticos, há que se observar a totalidade do ato discursivo que aponta para uma realidade extralinguística indispensável para a construção dos sentidos. Portanto, o ensino/aprendizagem que se pretenda mais significativo não pode desconsiderar essa totalidade.

Desse modo, o ensino/aprendizagem de língua deve ter como ponto de partida o gênero discursivo, uma vez que esse conceito mostra-se, na concepção bakhtiniana, como a unidade central da comunicação verbal. É preciso observar a enunciação, o concreto do uso da língua para assim, evitar a compreensão apenas escolástica, prescritiva das formas sintáticas. Ora, a língua se apresenta a nós de forma concreta logo que começamos a falar, enquanto as regras de utilização da gramática são um estudo teórico que se apresentam apenas na escola: “[...] Esses gêneros do discurso nos são dados quase da mesma forma que nos é dada a língua

materna, a qual dominamos livremente até começarmos o estudo teórico da gramática” (BAKHTIN, 2003, p. 282).

Nessa linha de raciocínio, Morson & Emerson (2008) compactuam com Bakhtin quanto à crítica àquele linguista – que só tem segurança ao operar com a unidade frase, pois para ele, a enunciação completa não é segura. Vê a palavra definida exclusivamente como termos de um elemento potencial da fala e não com a enunciação completa. Palavra vista isoladamente, morta, carente de interação. Contudo, a metodologia de ensino/aprendizagem, na perspectiva do filósofo da linguagem, contrapõe essa realidade. Ao desconsiderar a essência da linguagem, fragmentando a língua, atendo-se apenas às formas estruturais e materiais, isolando-a da totalidade do ato discursivo, é tirar da linguagem o ato interativo, o todo da enunciação.

O ensino a partir do gênero discursivo só faz sentido se estiver a serviço do desenvolvimento da leitura e da produção textual dentro do contexto do cotidiano da vida escolar. Nesse sentido, o currículo da disciplina de LP da educação básica na EJA, pode abrir espaço para os gêneros orais como debates, vídeos, músicas, cordel, repente, rap, bem como para os gêneros escritos considerados da língua culta – estes, sendo inseridos e trabalhados detalhadamente num processo metodológico de ensino voltado para a particularidade do objetivo de aprendizagem específico de cada gênero.

Ainda em relação aos gêneros discursivos e ao enunciado concreto, abordamos o estudo dos discursos dos alunos produzidos em contexto da sala de aula, a fim de observar como se dá o aprendizado da língua através dos gêneros discursivos, como os alunos se utilizam do tema, da composição formal e do estilo ao produzirem seus textos e como se posicionam em relação ao discurso do outro. Evidenciamos que tais conceitos são apresentados ao estudante conforme seu contexto de aula e realidade concreta de conhecimento prévio da língua. Ao estudar as características do gênero dado e após a leitura de textos representativos do mesmo, ele aprende a utilizá-las ao produzir seu texto.

É importante que este estudante tome conhecimento de que o contexto de produção de um texto oral e/ou escrito é essencial junto aos envolvidos no ato interativo, sendo capaz também de entender a relação constante de troca de

conhecimentos que se dá nas relações dialógicas por meio das vozes de outro (s) inseridas nas *suas*. Para o filósofo da linguagem,

Um membro de um grupo falante nunca encontra previamente a palavra como uma palavra neutra da língua, isenta de aspirações e avaliações de outros ou despovoada das vozes dos outros. Absolutamente. A palavra ele a recebe da voz de outro e repleta de voz de outro. No contexto dele, a palavra deriva de outro contexto, é impregnada de elucidação de outros (BAKHTIN, 2010, p. 232).

Aprender com Bakhtin e poder desenvolver um trabalho na sala de aula da EJA voltado para este fim, é muito importante e produtivo para o aprendiz, uma vez que o ensino não se dá de forma fragmentada, antes, o estudante é convidado e levado a refletir sobre o uso da linguagem nos enunciados concretos do dia a dia.

O trabalho com a oralidade possibilita apresentar ao aluno os gêneros típicos de sua realidade de vida concreta, desencadeando nele um fator de segurança ao se expressar na sala de aula por se tratar de uma linguagem que se aproxima daquela utilizada por ele no cotidiano, visto que “o homem em sua especificidade humana sempre exprime a si mesmo (fala), isto é, cria texto (ainda que potencial)” (BAKHTIN, 2003, p. 312). Possibilita também observar o colega (o outro) e perceber que a comunicação se faz pela interação.

Pensamos que a escola não pode ensinar a língua enfatizando sua estrutura, seu vocabulário. Ora, se o que se busca é que o aluno seja um usuário competente da linguagem no exercício da cidadania nas situações sociais diversas que se colocam fora do espaço da escola, a busca por um emprego, os encontros com outros, a defesa de seus direitos e opiniões, é indispensável que o trabalho docente se desenvolva partindo desse princípio.

A prática de uso da escrita requer um cuidado meticuloso, pois os alunos não têm contato diário com ela. Desse modo, entendemos que não basta ensinar oralidade, mas seu ensino deve acontecer levando em consideração as práticas sociais. Não se pode, assim, entender a fala (mesmo em situações informais) como o uso incorreto da língua e os alunos precisam ter este conhecimento a fim de que não sintam vergonha de falar. Marcuschi (2007, p. 22) esclarece que “na sociedade atual, tanto a oralidade quanto a escrita são imprescindíveis”. É importante não confundir seus papéis e contextos de uso e não discriminar seus usuários.

A partir desse apontamento, afirmamos que o aluno da EJA precisa saber utilizar a língua conforme as situações comunicativas: em uma entrevista de emprego (menos informal) e em uma conversa com familiares e amigos (mais informal). Saber escrever um texto para ser capaz de fazer uma redação, ao concorrer a uma vaga de trabalho, por exemplo – atividades que fazem parte de sua vivência na sociedade. Conhecer o gênero artigo de opinião e aprender a ser autor de um texto neste gênero, incentivou os discentes a se olharem como aptos, como capazes. Pietri (2007) sustenta que a leitura não é uma prática escolar, mas uma prática escolarizada e que as práticas de leitura podem se desenvolver independentemente da escola, ainda que a escola seja, numa sociedade como a nossa, a principal instituição responsável pelo seu ensino. Nossos alunos apresentam contato com a leitura e a escrita fora do espaço da sala de aula, porém, têm a instituição escolar como referência de uso da prática sistemática de uso da língua e, portanto, como a portadora do conhecimento legitimado.

Com base nas falas dos estudantes e, conforme o lugar que ocupamos como professora e pesquisadora, podemos dizer que o pensamento destes alunos é o de que a escrita é algo muito distante e para poucos. E eles se incluem nestes poucos, obviamente. Esse fato gera neles insegurança ao lidar com essa modalidade de uso da língua, no seu processo de aquisição, por meio dos gêneros discursivos.

Em vista disso, destacamos que é na escola que este estudante tem seu primeiro contato com a escrita formal e as regularidades e normas que a constituem implicam em novas exigências feitas a eles que afetam a sua maneira de lidar com a língua escrita. Nessa nova relação do discente com a escrita na nova realidade do espaço escolar, ele se identifica mais com a oralidade por ser esta a que mais utiliza no seu cotidiano, sendo a escrita, a representação do novo. Nosso olhar busca investigar a relação do aluno com as duas modalidades de uso da língua e é a partir desse lugar que vamos tecer as considerações que se seguem.

Assim, entendemos que o aprendiz, ao ocupar esse novo lugar de sujeito autor do texto escrito no espaço escolar, pode apresentar dificuldades de identificação com as especificidades do discurso escrito, principalmente, pois esta modalidade requer, dele, mais responsabilidade, já que esse contato muitas vezes só acontece no espaço da escola.

1.3 Discurso do outro e tomada de posição do aluno

O gosto pela leitura/produção textual como uma ação responsiva e autônoma parece não se efetivar facilmente através de um ensino que explora as características das formas composicionais dos gêneros ou expõe a nomenclatura gramatical dissociada do contexto. O que nos parece mais proveitoso é que os alunos se apropriem de ações inerentes à leitura/escrita através de debates, trocas de ideias, partilha de pontos de vista, do tom apreciativo, ou seja, atitudes que revelem um posicionamento:

[...] não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos do passado, isto é, nascidos do diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro, do diálogo (BAKHTIN, 2003, p. 410).

Entendemos que, ao se utilizar dos textos de outros autores e de outros tempos e culturas, o estudante pode perceber a constante troca de informações e conhecimentos que existe nas relações dialógicas, tanto orais, quanto escritas. Quando ler o texto, ele pode ser capaz de refletir sobre o tema relacionando-o à sua realidade concreta e atual de um cidadão inserido num espaço de tempo e numa cultura que dialoga com a do autor do texto renovando-se no processo dialógico que consta de no mínimo dois interlocutores. Esse fato se contrapõe ao ensino tradicional que leva ao estudante de periferia textos e situações bem distantes de suas realidades de vida, causando a falta de entendimento do texto e, portanto, o estudo do gênero discursivo centrado no contexto de interação não é levado em consideração.

É de fundamental importância levar ao aluno da EJA textos que se relacionem às suas realidades de vida concreta, a fim de que eles possam interagir e emitir parecer sobre os textos trabalhados. Contrapondo-se a isto, o ensino torna-se totalmente sem sentido para este alunado. Pietri (2007) diz que a atividade de leitura exige muito trabalho, e o prazer da leitura se origina das possibilidades de realizar esse trabalho. Destaca ainda, que não nascemos com essas possibilidades, mas as adquirimos e desenvolvemos, portanto, podem sofrer alterações/mudanças

continuamente. Acreditamos que para o aluno da EJA esse trabalho é muito mais difícil, pois o seu distanciamento com a leitura e a escrita é um fato marcante. A escolha dos textos a serem levados para a sala de aula precisa ser um critério voltado para suprir essa ausência e, aos poucos, ir proporcionando o gosto pelo contato, leitura e produção de discursos na modalidade escrita.

Na escola Dr. Mário Santalúcia em Diadema, o Projeto Político Pedagógico é desenvolvido levando em consideração esse princípio e os Parâmetros Curriculares Municipais para a EJA alertam nesse sentido. Os poucos livros didáticos voltados para esta modalidade de ensino no município trazem textos que se adéquam aos temas relacionados ao mundo dos jovens e adultos, como mundo do trabalho, a escolha da carreira, trabalho e qualidade de vida, pluralidade cultural, cidadania e qualidade de vida, a mulher na sociedade, temas do livro utilizado pela professora da turma – Caminhar e transformar – Língua Portuguesa – Anos finais do Ensino Fundamental – EJA de Priscila Ramos de Azevedo Ferreira – FTD – Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD/2014-2016).

No capítulo quatro da unidade quatro, a autora coloca textos do gênero artigo de opinião, mas não apresenta nenhuma informação sobre o gênero. Traz os textos “Internet e fraude” e “A leitura no Brasil” para serem lidos e discutidos e, logo após, traz questões sobre os textos e sobre o gênero. Traz também a produção textual na seção intitulada Mãos à obra, treinando a argumentação: o artigo de opinião. Outro livro utilizado pela professora é Alcance EJA – anos finais do Ensino Fundamental – EJA – de Laura Volp do PNLD 2014, editora Positivo que traz temas como: espaços urbanos e vida simples, as grandes cidades; convivência urbana – igualdade racial; sociedade e igualdade; lições de vida: desprendimento e respeito; falando do Brasil – diversidade cultural; novos papéis sociais – a mulher. A autora traz textos do gênero artigo de opinião nas unidades treze (capítulo vinte e oito com os textos “Mudanças no mundo do trabalho” de Denise Lopes Aparecida, texto divulgado na Revista Filosofia, Ciência, Vida e o texto “Tecnologia e Comunicação” de Ethevaldo Melo de Siqueira divulgado na Telefônica, São Paulo, 2006; unidade quinze, capítulo trinta e um, o texto “Lugar de mulher é na cozinha?” De Nagib, editora contexto, 2006 e no capítulo trinta e três o texto “Brasileiro com muito orgulho” de João Carlos Agentini, Moderna, 2004. As questões sobre os textos e sobre o gênero são colocadas na seção *Pensar e Produzir*. Outros livros do ensino regular são

utilizados, bem como outras fontes de pesquisa para enriquecer o trabalho nas aulas de leitura e estudo de textos, visto que os LD específicos de EJA, não informam o aluno sobre as características do gênero abordado.

A respeito das práticas de leitura na escola e da apropriação do texto pelo LD, Pietri (2007) destaca a organização comum da divisão em unidades temáticas que geralmente se iniciam com a apresentação de um texto para leitura e, com base nesse texto, outras atividades são propostas, tais como atividades de discussão sobre a temática apresentada. O autor chama a atenção para as estratégias utilizadas no trabalho de apresentação do texto ao aluno de forma que ele seja bem fundamentado para o contato com o discurso escrito. Como vimos, os LD voltados para a EJA, não atendem às expectativas de ensino propostas pelo autor e demais estudiosos do assunto.

Pietri faz uma classificação dos conhecimentos prévios que o aluno dispõe ao entrar em contato com o texto – conhecimentos linguísticos, textuais e de mundo (ou enciclopédico). O conhecimento linguístico, enquanto conhecimento prévio necessário para a compreensão de um texto é notório quando o texto é de uma língua com a qual temos pouco ou nenhuma familiaridade. Para o estudante da EJA, a modalidade escrita formal da língua representa esse distanciamento o que requer todo um cuidado ao preparar aula e selecionar textos para as aulas de leitura. Com o autor, destacamos que esses mesmos conhecimentos são colocados em jogo no momento de produzir e compreender um texto.

O conhecimento textual da classificação do autor enfatiza a necessidade de o aluno conhecer os tipos de texto como requisito para a realização da leitura de modo satisfatório, já que as características dos diferentes tipos de textos pedem diferentes posicionamentos do leitor em relação ao que é lido. Ao falar do conhecimento de mundo, o terceiro na classificação dos conhecimentos prévios do aluno, constitui-se nas experiências que a pessoa tem ao longo de seu percurso de vida e pode ser adquirido em situações controladas, formais, como as que se encontram na escola, como também, de modo informal. Esse estudo feito por Pietri é muito interessante para a discussão da proposta pedagógica defendida por nós e vem ao encontro do que é proposto por Freire a respeito do tema gerador.

Embasados nesses autores, trabalhamos com o tema desigualdade social, selecionado para o primeiro bimestre de 2017, que trata de perto a realidade de vida

da comunidade escolar – habitantes de um bairro de periferia em Diadema. Leitores de Paulo Freire e adeptos de seus pressupostos, pensamos no tema, levando em consideração tanto a vida concreta dos alunos e o tema gerador, como também o trabalho com os gêneros discursivos, tendo como centro, o contexto de interação defendido por Volochínov (2017, p. 145):

Para observar o fenômeno da língua, é necessário colocar os sujeitos falante e ouvinte, bem como o próprio som, no ambiente social. Pois é necessário que tanto o falante quanto o ouvinte pertençam a uma mesma coletividade linguística, a uma sociedade organizada de modo específico. É necessário ainda que os nossos dois indivíduos sejam abarcados pela unidade da situação social mais próxima, isto é, que o encontro entre essas duas pessoas ocorra em um terreno determinado.

O trabalho com os gêneros deve proporcionar o contato com uma gama diversificada deles, contemplando os textos típicos da oralidade bem como propiciando ao aluno o contato e o domínio de gêneros típicos da escrita exigidos na sociedade atual, promovendo multiplicidade na leitura/escrita. Considera-se que essa posição aponta, necessariamente, para o gênero discursivo, uma vez que é impossível fazer tal abordagem desconsiderando o gênero, por está na base do projeto discursivo. Para Pietri (2007, p. 20): “a noção de gêneros de discurso oferece, portanto, outros elementos para se considerar a atividade de leitura e, desse modo, evidencia outros conhecimentos prévios necessários para a compreensão do texto”.

São oportunas as palavras de Brait (2009b, pp. 118, 119), quando assegura a perspectiva bakhtiniana: “[...] no discurso cotidiano de qualquer pessoa que vive em sociedade (em média), pelo menos a metade de todas as palavras são de outrem reconhecidas como tais”. Nessa direção, a aula de LP precisa estar centrada numa situação concreta de interação discursiva. Parte-se do pressuposto teórico de que a linguagem é uma forma de interação social e que é observada como um fenômeno interativo e dinâmico que envolve atividades de diálogo e negociação entre indivíduos socialmente constituídos em diferentes contextos situacionais de uso. O aluno adulto precisa dar sentido para a sua aprendizagem para que ela ocorra concretamente. Pessoas que chegam para aprender ou para aperfeiçoar a sua

leitura de palavras, na sala de aula, precisam aprender também a ler, crítica e criativamente, o seu próprio mundo e a sua própria vida.

Nesse sentido, por meio da releitura feita por Brait dos pressupostos bakhtinianos, é possível constatar que a comunicação humana se estabelece a partir dos gêneros discursivos que organizam a fala e a escrita sem os quais ficaria impossível a interação. Frente à tentativa de observar o discurso do outro na sala de aula, podemos pensar que o discurso do aluno, apoiado nas palavras dos textos lidos, reflete a aquisição de recursos argumentativos típicos do artigo de opinião. Pensando dessa forma, acreditamos que o aluno autor em processo de escolarização, em sua produção escrita, sente-se autorizado a assumir o seu dizer, referenciado no discurso alheio. Entendemos que formar jovens e adultos leitores é investir na formação de alunos que saibam ler e escrever com compreensão e com significado, que realmente possam usufruir da função social da linguagem escrita.

Com base na análise do *corpus*, observamos que os alunos produziram textos argumentativos em que foi possível observar as características linguísticas particulares do gênero trabalhado. Logo, o texto de opinião traz recursos linguísticos que procuram validar a opinião do autor tendo por base referências argumentativas de outros discursos e autores. Pietri (2007, p. 19) classifica o texto expositivo-argumentativo “como aquele que pede do leitor um posicionamento mais constante, no que diz respeito às suas atitudes, diante das tentativas de convencimento que o texto lhe apresenta a respeito do tema que trata”. Percebemos inclusive, que os alunos buscam desenvolver estratégias para compreender o contexto de uso da escrita, dentro do meio social em que estão inseridos. Portanto, estão compondo e recompondo seus conhecimentos e pensando sobre a escrita. Através das observações, notamos que estes jovens e adultos estão em diferentes níveis de escrita e de aprendizagem. Estão aprendendo uns com os outros em múltiplos aspectos e comprovando que a aprendizagem acontece a partir de trocas e pela inclusão.

Em função dessas observações, ainda conforme Pietri (2007), ressaltamos a necessidade de se pensar sobre o trabalho com o ensino de LP. E, aqui, na função de pesquisadora, fazemos destaque ao ensino na EJA. O pensar a relação leitura/ estudo de textos exige um cuidado meticuloso ao se fazer a seleção dos textos a serem trabalhados na sala de aula. Ainda segundo o autor, a mediação do professor

é fundamental para o leitor ainda em formação e implica na escolha adequada de textos a serem lidos em sala de aula. Essa mediação deve se dar para destacar a natureza intertextual constitutiva de qualquer texto, destacar que um texto se constrói a partir de outros textos, e que a leitura de um mesmo texto se modifica em função da leitura, prévia ou posterior, de outros textos.

1.3.1 O discurso do outro no gênero oral – o debate

O debate é um gênero discursivo oral que possibilita o posicionamento entre os envolvidos desencadeando o desenvolvimento da postura crítica e reflexiva sobre questões de interesse social, bem como a capacidade de argumentar, dialogar, ouvir e respeitar o outro. Requer dos envolvidos um conjunto de capacidades de comunicação e de procedimentos discursivos essenciais ao posicionamento diante de situações enunciativas que envolvem a discussão do tema.

O currículo de LP da 7ª série no PPP da escola propõe o trabalho com o debate. O planejamento das professoras de LP da EJA no ano de 2017 traz como objetivos de aprendizagem referentes a esse gênero: “Praticar a linguagem oral, expressando ideias, sentimentos, opiniões, acolhendo ou debatendo de forma crítica, porém respeitosa”.

Valendo-se dessas proposições, no contexto escolar, junto a Bakhtin e Marcuschi que desenvolvem pressupostos dirigidos à aplicação do ensino com os gêneros orais, destacamos a importância do trabalho com a oralidade em parceria com a escrita:

Certamente, todos nós falamos e ouvimos muito mais do que escrevemos ou lemos, mas o peso dessas práticas não é o mesmo sob o ponto de vista dos valores sociais. Contemplar a língua em uso é importante porque pode auxiliar bastante nossas ações no trabalho de desfazer tais equívocos. É certo que a escola existe para ensinar a leitura e escrita e estimular o cultivo da língua nas mais variadas situações de uso. Mas como a criança, o jovem ou o adulto já dominam a língua de modo razoável e eficiente quando chegam na escola, esta não pode partir do nada. Isso justifica que se tenha uma ideia clara dessa competência oral para partir dela no restante do trabalho com a língua. A escola não vai ensinar a língua como tal, e sim *usos* da língua em condições reais e não triviais da vida cotidiana (MARCUSCHI & DIONÍSIO, 2007, p. 8).

Nessa linha de pensamento, Pretti (2009, p. 25) critica a relação das duas modalidades de uso da língua de forma dicotômica. Para o autor,

Esse estranhamento entre as duas modalidades da língua em polos opostos, como se não se implicassem mutuamente, como se o funcionamento de uma não tivesse relação com o funcionamento da outra, desrespeita a essência da linguagem, como o desconhecimento de que ambas as modalidades de desempenho constituem, para o homem, interfaces do exercício da faculdade da linguagem.

Ainda em se tratando do trabalho com o debate, os pressupostos freirianos do ensino voltado à tomada de posição do aluno dão embasamento a essa escolha. Ira Shor em diálogo com Freire (1985, p. 176) argumenta que “se os estudantes perceberem seus próprios comentários como importantes, estarão reconhecendo seus pares como criadores de um diálogo de valor”. Shor (1985, p. 184) salienta também que estes estudantes:

Resistem à estranha língua de dominação resistindo às perguntas do professor. Sentem-se mais seguros em silêncio. Seus professores sempre os corrigem e lhes dizem que coisas devem falar, de modo que o simples ato de abrir a boca já os induz a sentir-se inferiores.

Embora o autor esteja referindo-se a estudantes americanos, sua fala cabe à realidade de nossos estudantes de EJA, sujeitos da pesquisa. A condição de abandono social em que estão envolvidos reflete no uso da língua – que lhes tolhe a autoestima e a autoconfiança – ao fazerem uso de suas linguagens na escola.

O trabalho com a oralidade requer uma observação detalhada do contexto de sua realização. Na sala de aula da EJA, as condições de uso do debate, juntam-se ao trabalho com a oralidade enfatizando o objetivo da interação, o lugar do usuário da língua, o tema da discussão e o posicionamento crítico. O lugar da professora no trabalho pedagógico foi o de explicitar as regras do debate informal e os objetivos esperados, bem como intervir nos momentos oportunos para dá continuidade ao diálogo dos alunos, evidenciando o caráter de uma conversa informal, adequado ao nível escolar dos alunos, com o intuito de coletar conhecimentos prévios (FREIRE, 1978, 1996) para relacionar ao novo. Dar sentido ao projeto pedagógico situando-os em relação aos objetivos do processo total, o trabalho com o oral e o escrito (BAKHTIN, 2015; BAKHTIN/VOLOCHÌNOV, 2014; MARCUSCHI, 2001).

Nesse contexto, articuladas, ao caráter argumentativo da linguagem, pontuamos as características linguísticas a serem trabalhadas com o gênero: o contexto de produção do debate: a sala de aula de alunos de 7ª série da EJA; o gerenciamento da palavra no debate: como se desenvolvem e se distribuem as falas na escuta do outro; a presença do discurso do outro nas falas dos participantes ao utilizar falas de outros em suas colocações das quais se valem como fonte de fundamentação ao seu dizer. Focamos aqui no discurso citado. A esse respeito, em parceria com Bakhtin/Volochínov (2014), desenvolvemos nosso trabalho junto a pressupostos que tratam a dimensão dialógica da linguagem, junto aos quais defendemos que o uso da linguagem nunca se faz neutro. Para Bakhtin (2010, p. 337), a palavra existe para ser ouvida e respondida:

A palavra, a palavra viva, indissociável ao convívio dialógico, por sua própria natureza, quer ser ouvida e respondida. Por sua natureza dialógica ela pressupõe também a última instância dialógica. Receber a palavra, ser ouvido. É inadmissível a solução à revelia. Minha palavra permanece no diálogo contínuo, no qual ela será ouvida, respondida e reapreciada.

Além desse suporte teórico, fazemos uso de pressupostos freirianos de posicionamento crítico. Com Freire (1996), defendemos o estudo crítico relacionado a um ensino igualmente crítico que demanda necessariamente uma forma crítica de compreender e de realizar a leitura da palavra e a leitura de mundo, leitura do texto e do contexto. A vida concreta do estudante há de ser considerada no processo de ensino-aprendizagem. Logo, a educação não está dissociada do cotidiano do aprendiz.

No que concerne ao trabalho com o debate, a interação dos envolvidos propicia o ensino-aprendizagem da modalidade oral e visa a capacitar o aluno a reconhecer e fazer uso dos recursos linguísticos típicos do gênero, como se relacionar com o outro numa troca de conhecimentos em que se dá com a fala e a escuta; compreender um tema polêmico e argumentar sobre ele; emitir argumentos com o propósito de influenciar a opinião do outro, assim como ver o argumento do outro como uma possibilidade de mudar o seu. A esse respeito, destacamos com Volochínov (2017, p. 188) que “a palavra materna é de casa, ela é percebida como uma roupa habitual ou, melhor ainda, como aquela atmosfera costumeira na qual vivemos e respiramos. Nela não há mistérios”.

Sabemos que a escolha do tema é muito importante para o desenvolvimento do debate. Portanto, baseados em Freire, identificamos um assunto que pudesse desenvolver nos alunos a participação efetiva ao falar do que de perto os rodeia, a desigualdade social. O tema gerador se fez imprescindível nesse trabalho, pois

Procurar o tema gerador é procurar o pensamento do homem sobre a realidade e a sua ação sobre esta realidade que está em sua práxis. Na medida em que os homens tomam uma atitude ativa na exploração de suas temáticas, nessa medida sua consciência crítica da realidade se aprofunda e anuncia estas temáticas da realidade (FREIRE, 1980, p. 32).

Ainda sobre o tema, pensamos na proposição bakhtiniana do discurso do outro que vê o uso da palavra, das ideias como sendo um constante reaproveitamento do que outros já disseram sobre determinado assunto:

O tema do sujeito que fala tem um peso imenso na vida cotidiana. Ouve-se, no cotidiano, a cada passo, falar do sujeito que fala e daquilo que ele fala. Pode-se mesmo dizer: fala-se no cotidiano sobretudo a respeito daquilo que os outros dizem – transmitem-se, evocam-se, ponderam-se, ou julgam-se as palavras dos outros, as opiniões, as declarações, as informações; indigna-se ou concorda-se com elas, discorda-se delas, refere-se a elas, etc. (BAKHTIN, 2002, p. 139).

O autor russo tem atenção especial com o diálogo tomado ao vivo na rua, na multidão, acontecendo na boca do povão, pois é nestes casos principalmente, que é possível ouvir e observar a frequência que se repetem palavras que mostram ser o uso das ideias uma constante aprendizagem dos que dizem *agora* em relação aos que já disseram *outrora*. Bakhtin é lindo e a sua beleza maior está em ver o diálogo repleto de transmissões e interpretações das palavras do outro, sendo que esse outro é também e, talvez, principalmente, o homem comum.

O debate é uma das ações sociais da linguagem em que o uso da argumentação se faz demasiadamente de forma explícita, como vimos, já que o ato de argumentar revela-se em alto nível como enunciativo e linguístico fundamental. O valor dos recursos linguísticos, situados no campo do tema, é fundamental para desencadear o processo da argumentação no discurso. É nesse sentido, que a seleção do gênero e a organização do trabalho com ele trazem em si significações que subjazem instruções que orientam a intenção argumentativa em jogo, revelando

as possibilidades de argumentação, o conjunto das conclusões as quais se pode chegar a partir delas. Logo,

Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias - tudo isso irá determinar também a escolha do gênero do enunciado e a escolha dos procedimentos composicionais e, por último, dos meios linguísticos, isto é, o estilo do enunciado [...] tudo se resume ao volume dos seus conhecimentos especiais (BAKHTIN, 2003, p. 302).

O debate informal objetiva a aproximação dos falantes uns com os outros desencadeando segurança ao se enxergar como igual junto aos parceiros do ato discursivo. Nesse sentido, lembramos o discurso íntimo bakhtiniano que “é impregnado de uma profunda confiança e o falante abre as suas profundezas interiores” (BAKHTIN, 2003, p. 304). Queremos ousar ao dizer que a colocação bakhtiniana: “As palavras não são de ninguém, em si mesmas nada valorizam, mas podem abastecer qualquer falante e os juízos de valor mais diversos e diametralmente opostos dos falantes” (2003, p. 290), dá margem ao entendimento de que no uso da palavra não deve haver espaço para a dominação de um falante em relação ao outro, de uma comunidade em relação à outra. O uso da palavra é para *qualquer* falante! Este uso não se faz neutro e a humanização se faz presente nesse reconhecimento! A humanização está presente em Bakhtin. Ele não vê o homem sem a presença do outro. O outro é fator determinante e imprescindível para que o *eu* seja.

1.3.2 O discurso do outro no gênero escrito – o artigo de opinião

O artigo de opinião é um gênero da esfera jornalística com um papel social definido e se constitui instrumento para o trabalho com a argumentação e o discurso do outro. O currículo de LP da 7ª série no PPP da escola propõe o trabalho com o artigo de opinião. O planejamento de 2017 traz como objetivos de aprendizagem referentes aos gêneros escritos: ler textos reconhecendo as características de diferentes gêneros; produzir texto; utilizar conhecimentos linguísticos da norma

padrão para os textos escritos; ouvir e praticar a leitura com temas de significação para os alunos e fazer a relação entre os conceitos cotidianos e os conceitos científicos.

Esse trabalho é realizado tendo os eixos como norteadores conforme a Proposta Curricular do município para esta modalidade de ensino que são “Dignidade e Humanismo; Cultura e As diferentes linguagens”. O documento defende o trabalho com conteúdos curriculares gramaticais e ortográficos nos textos escritos com tema e subtemas retirados da realidade vivida, próxima do aluno em diálogo com o conhecimento científico que nortearão seu acesso à língua escrita conforme os gêneros textuais estudados no percurso.

As estratégias de ensino defendidas no planejamento são a leitura e interpretação de textos narrativos e argumentativos; características e estrutura do texto narrativo, argumentativo; leitura e interpretação de textos que apresentam a argumentação; levantamento dos argumentos; produção de texto, acrescentando argumentos para defender seu ponto de vista.

A PC da EJA – Diadema não apresenta os gêneros a serem trabalhados de forma enumerativa citando os nomes, mas faz uma exposição dos objetivos de aprendizagem para o aluno através da classificação dos eixos. Destacamos aqui a matriz curricular do eixo Cultura para a 7ª série: “expressar-se com clareza em diferentes situações comunicativas, interessando-se por ampliar seus recursos expressivos e enriquecer seu vocabulário”. O artigo de opinião é proposto no LD Alcance EJA – anos finais do ensino fundamental – Língua Portuguesa de Ana Laura Volp do PNLD 2014, Editora Positivo que traz na unidade 13 textos do gênero para serem trabalhados com os alunos e um questionário com perguntas referentes ao artigo de opinião, mas sequer conceitua o gênero, muito menos apresenta suas características linguísticas – uma característica dos livros de EJA. O LD Caminhar e Transformar – Língua Portuguesa – anos finais do ensino fundamental de Priscila Ramos de Azevedo Ferreira do PNLD 2014-2016, apresenta o artigo de opinião com textos para leitura e interpretação, contudo não apresenta nenhuma informação referente às características do gênero, sequer o conceitua.

A pesquisa no trabalho com a EJA se faz indispensável, pois os LD para esta modalidade de ensino além de serem escassos, trazem os conteúdos de forma sucinta, apresentam o nome e não trazem um desenvolvimento sobre ele, trazem

apenas exercícios e não fundamentam o aluno sobre o assunto, ficando a cargo do docente, pesquisar em outras fontes e repassar ao alunado.

Como o debate, o artigo de opinião é um gênero que compreende temas polêmicos a ser debatido pelo autor que irá desenvolver um raciocínio a respeito do tema a fim de tentar convencer o leitor. Destacamos o contexto de produção e o possível leitor como relevantes. Todo discurso deve ser pensado em função de um interlocutor, nesse sentido, a clareza do possível leitor a ser atingido é fundamental para a elaboração do texto argumentativo.

Contudo, apesar de terem sido informados de que o texto seria exposto no mural da escola para ter como possíveis leitores os professores e colegas da escola, os alunos sabem que o texto se destina especificamente à professora – a interlocutora certa e, portanto, pensamos que ao produzir o discurso, esses estudantes pensaram na professora como leitora ideal e procuraram atender à proposta de trabalho com o uso dos recursos linguísticos inerentes ao gênero, a saber, a organização discursiva que permite dialogar com o leitor e com outras vozes sociais (discurso do outro) e ainda o movimento argumentativo com um encadeamento que leve à solução de um problema. Quanto ao contexto de produção, enfatizamos que:

A situação forma o enunciado, obrigando-o a soar de um modo e não de outro, seja como uma exigência ou um pedido, seja como a defesa de um direito ou como uma súplica por piedade, seja em estilo pomposo ou simples, seja de modo confiante ou tímido e assim por diante (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 206).

Partindo da ideia de que aprender a argumentar no texto escrito de caráter argumentativo consiste em saber se documentar com boas referências e a compreender essas referências numa perspectiva de divergência ou da convergência opinativa, de buscar argumentos, defendemos que, na organização do processo argumentativo no artigo de opinião, a mobilização consciente dos enunciados alheios é uma estratégia para a efetivação dos propósitos de uso do gênero.

Essa suposição advém da leitura do discurso do outro de Bakhtin (2015), Bakhtin/Volochínov (2014) e Volochínov (2017). A partir desse quadro teórico, temos a convicção viva de que quando retomamos as palavras de outrem, fazemo-lo para

sustentar as nossas, concordar com elas ou refutá-las. É nesse contexto epistemológico que surge o interesse da observação do discurso do outro nos textos dos alunos da EJA, pois vemos como produtivo para o ensino de LP nessa modalidade de ensino, o entendimento das relações entre textos orais e escritos, como estruturantes inclusive do processo argumentativo – aqui o debate e o artigo de opinião.

A mobilização dos enunciados alheios é uma estratégia para a execução dos propósitos interativos que constituem o gênero: a discussão de um tema polêmico para que se reconstruam pontos de vistas. A produção desse tipo de texto requer a retomada de outros textos em gêneros diversos, orais e escritos, para a construção de novos argumentos e para a defesa de pontos de vistas.

Na busca por fundamentar seus argumentos, os alunos produtores de textos, fazem referências aos textos lidos, efetivam suas tomadas de posições, retomando os discursos alheios adquiridos no processo pedagógico, bem como os adquiridos de suas experiências de vida concreta na sociedade onde vivem. Essas reformulações permitem assegurar a compreensão, bem como marcar a orientação argumentativa do escritor ao aderir à fala do outro para concordar ou refutar ao emitir seu parecer sobre o tema abordado.

Na perspectiva argumentativa do discurso do outro, fomentar o texto argumentativo permite discutir temas polêmicos e de interesse do público da EJA. Selecionamos um tema gerador conforme mencionado anteriormente e, polêmico, a desigualdade social. Assim, “a posição social, o título e o peso do destinatário, refletidos nos enunciados dos campos cotidianos e oficiais, são de índole especial” (BAKHTIN, 2003, p. 302).

1.4 Considerações sobre formação política na EJA – o posicionamento crítico e o processo de conscientização

Salete Moraes (2009, p. 17) assegura que a EJA sempre se constituiu como um espaço ocupado pelos segmentos discriminados da sociedade brasileira. Seja nos anos 40 do século passado, seja no início do XXI, a EJA sempre trabalhou com os excluídos, com as "minorias", com os "diferentes" e com as "diferenças".

Por este prisma, a luta por uma educação de qualidade na escola pública, em especial na EJA, por ser um grupo específico que requer maior dedicação por ter um histórico de exclusão social e marginalização, torna-se uma meta. A esse respeito, Silva (2014, p. 23) sublinha a expectativa que “o Brasil tem em relação à Educação que oferece aos seus cidadãos, que é inversamente proporcional aos investimentos financeiros e ao valor atribuído à carreira docente e à escola pública”. Por conseguinte, a educação não é prioridade em nosso país por parte dos que representam o povo no poder. A esse respeito, ainda Silva (2014) aponta a situação da educação brasileira com escolas sucateadas, sem estruturas físicas adequadas e governantes que não investem no professor.

Sob este ângulo, tendo os pressupostos freirianos de educação transformadora como referenciais na prática pedagógica na sala de aula, assim como outros educadores brasileiros, propomos como professora/pesquisadora, um modelo de trabalho em que os estudantes sejam desafiados a interagir, tornarem-se sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem.

Consideramos importante também refletir sobre o poder da linguagem e a conscientização como abertura de espaço para a reflexão e interpretação da realidade evidenciando o posicionamento crítico. Aqui, ressaltamos que estes alunos, ocupam um lugar nos discursos orais e escritos que produzem, para falar de suas histórias pessoais, acontecimentos significativos de suas experiências de vida e reflexões a partir de seus conhecimentos de mundo, o que vem ao encontro das proposições freirianas do tema gerador.

Freire, no Brasil nas décadas de 50 e 60, elabora a proposta de temas geradores para a EJA e, em São Paulo, nos anos 90, é feita uma releitura, com a proposta de redes temáticas ou eixos temáticos, para todos os alunos, de todos os níveis e modalidades de ensino. Dessa leitura do tema gerador, destacamos o processo de ensino-aprendizagem que se dá com análises, reflexões, discussões e conclusões articuladas com a realidade e com a prática social dos alunos propiciando um vínculo significativo entre a realidade local e o conhecimento novo, envolvendo o ensino na prática. O tema e os subtemas são retirados da realidade vivida, de situações-limites, de experiências e vivências dos alunos em diálogos com o conhecimento sistematizado da língua, a linguagem escrita.

Ainda conforme estudos do tema gerador, acreditamos que o debate, por permitir o estudo da realidade com um tema de problematização, por permitir a efetivação de falas significativas dos alunos em atividades de socialização com a temática a ser desenvolvida com espaços de diálogos entre alunos e entre alunos e professora, desencadeia no estudante, o pensar sobre a desigualdade social do país, que de perto tem atingido principalmente a eles próprios.

Estes alunos, por várias razões nas suas trajetórias de vida, não frequentaram a escola no tempo adequado, ocupando espaços de informalidade no desenvolvimento social e profissional, e encontram-se à margem do sistema capitalista, sem a oportunidade de estabilidade profissional ou familiar, marcados pelas chagas da desigualdade. Muitos deles voltam à escola com a esperança de melhorar as suas formas de sobrevivência, a estabilidade ou a troca de emprego, dentre outras razões. Contudo, muitas vezes não alcançam o que desejam porque na EJA os conteúdos trabalhados são vazios de significado para eles, distantes de suas necessidades e realidades.

Deste modo, a EJA deve constituir-se, assim, em um espaço acolhedor, fomentando-lhes a criticidade e não visando apenas à sua formação técnica. Deve proporcionar a este aluno o refletir sobre como se estabelece como um sujeito de ação-compreensão do senso comum e do senso crítico; a partir de que pontos pode estabelecer mudanças – utilização e exploração do conhecimento adquirido, argumentação e poder da palavra.

A escola voltada à EJA é, ao mesmo tempo, um local de confronto de culturas e um local de encontro de singularidades. O trabalho pedagógico com jovens e adultos, que necessitam ter voz e acreditar em si próprios, vai intervir no terreno social na medida em que as atividades propiciem recursos e ferramentas para que tenham mais visibilidade social e para que considerem que sua história não deve ser traçada por outrem e que não está acabada.

Essa discussão está relacionada ao que Silva trata ao elencar a Educação não-formal, aquela que se dá fora dos espaços da escola formal, que vê os traços culturais como de suma importância para o desenvolvimento do estudante de periferia, o excluído da sociedade. O autor destaca a possibilidade de o estudante desenvolver a conscientização para refletir sobre si e a sociedade onde vive e pensar em mudanças que possam evidenciar a luta por seus direitos:

[...] reconhece a pessoa como um ser que pensa, age, sente e que traz consigo uma cultura que precisa ser respeitada para que ele possa crescer e se desenvolver, pois a cultura faz parte da identidade do ser humano e os valores são imprescindíveis em sua formação. Esta Educação acontece pelas iniciativas de movimentos populares, associações democráticas, organizações que visam à mudança social, dentre outras. Tem um caráter transformador, pois possibilita que os atendidos sejam conscientizados do seu valor e da importância de serem cidadãos conscientes ao atuarem em sua realidade, viabilizando o resgate de sua própria dignidade e a de outros (SILVA, 2014, p. 314).

Pode-se apreender de sua colocação que tanto o aluno quanto o professor, são antes de tudo, seres humanos que interagem na vida cotidiana olhando as diferenças, sentindo as diferenças, atuando com e nessas diferenças e, não pode ser tratado como máquinas como o sistema capitalista tem feito. Professores e estudantes são reféns de um sistema educacional que não preza pela qualidade do ensino, mas preza pela quantidade, são pessoas vistas e tratadas como números, não importando aos que detêm o poder, os sentimentos e emoções, a mercê de se utilizarem da ciência para descartar os mesmos.

É a partir das hipóteses levantadas pelos alunos, na sua leitura de mundo, na troca de informações e no conflito estabelecido que eles começam a apropriar-se do código escrito. O contato com a leitura e a escrita não proporciona aos estudantes apenas a possibilidade de decodificação de palavras, mas a possibilidade de exercitar sua inteligência, de ler, compreender e criticar o mundo ao qual pertence, bem como estabelecer uma relação de confronto com outras realidades. Importa saber de que forma o aluno utiliza e aprende a língua escrita, quais recursos culturais ela proporciona, para que suas habilidades possibilitem uma aprendizagem e desenvolvimento da capacidade de criticar, refletir, participar da sociedade a qual pertence. Eles demonstram que as referências teóricas do estudo manifestam-se no cotidiano de suas vidas, assim como coloca Freire (1986) que a leitura de mundo precede a leitura da palavra, eles mesmos estabelecem suas estratégias de aprendizagem.

Com efeito, entendemos que é função da escola apresentar ao aluno as particularidades da escrita conforme currículo de LP e de acordo com a realidade concreta da turma. Logo, cremos que se o aluno se identifica na e pela linguagem, quando esta não lhe é familiar, o processo de identificação e interpretação é

prejudicado provocando assim um desconhecimento e estranhamento que o leva a não se reconhecer como participante daquela realidade. Isso constrói uma barreira que interfere na posição do aluno como autor/produtor do texto escrito. Interessante destacarmos que é através da interpretação que o aluno relaciona linguagem, pensamento e mundo, portanto, é imprescindível que a realidade de uso da escrita reflita o contexto desse aluno.

Com base nos pressupostos freirianos dizemos que o processo de apreensão do conhecimento epistemológico visto paralelamente ao conhecimento empírico, evidencia os efeitos positivos de um estudo com métodos e técnicas que proporcionam ao aluno a oportunidade de se sentir autor de sua aprendizagem e ser convidado a refletir sobre sua existência e posição no mundo, despertando sua consciência crítica para agir em prol de um mundo melhor:

Estudar é uma forma de reinventar, de recriar, de reescrever – tarefa de sujeito e não de objeto. Desta maneira, não é possível a quem estuda, numa tal perspectiva, alienar-se ao texto, renunciando assim à sua atitude crítica em face dele (FREIRE, 1981, p. 09).

No decorrer deste trabalho, perceberemos que os argumentos dos alunos sujeitos da pesquisa mostram conhecimento de mundo e têm o caráter crítico das desigualdades vistas e vividas. Observa-se, como veremos, no produto final do processo, caracterizado por uma produção textual, a colocação de suas ideias.

Diante do exposto, nosso desejo de educadora é o de desempenhar realmente o que diz respeito a nossa função: “É a escola que estimula o educando a perguntar, a criticar, a criar; onde se propõe a construção do conhecimento coletivo, articulando o saber popular e o saber crítico, científico, mediados pelas experiências no mundo” (FREIRE, 2001, p. 98). Despertar nesses sujeitos a consciência de que são cidadãos e que devem atuar e transformar o mundo em que vivem é o que propõe Freire ao tratar da formação política no estudante: “Ao estudo crítico corresponde um ensino igualmente crítico que demanda necessariamente uma forma crítica de compreender e de realizar a leitura da palavra e a leitura de mundo, leitura do texto e do contexto” (1997, p. 23).

Ao dissertar sobre o silêncio imposto às classes populares, que se junta como reforço a uma educação livresca e autoritária e faz com que o aluno seja silencioso e passivo, Freire (1991, p. 41) propõe a busca de uma educação denunciante da

opressão e anunciante da liberdade: “Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens se fazem no mundo, com o mundo e com os outros”. O autor questiona o porquê de não se estabelecer intimidade entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e à experiência social que eles têm como indivíduos.

Silva (2001) destaca que os movimentos sociais de luta fizeram reivindicações e conquistaram alguns direitos que passaram a fazer parte da Constituição Federal de 1988; da Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996; das Diretrizes Nacionais, Estaduais e Municipais dos Planos Decenais e do Plano Nacional de Educação 2010-2014, e indagam os aspectos conservadores e fundamentalistas inseridos na educação com foco na relação entre educação, desigualdade e diversidade. Temas como direitos humanos, justiça social e inclusão têm sido incorporados ao discurso, na prática e na política educacional, devido à forte pressão e vigorosa atuação dos movimentos sociais e demais grupos articulados da sociedade civil.

Entretanto, o que é defendido nesse trabalho é um ensino voltado à compreensão do aluno de sua realidade concreta como base para adentrar-se ao conhecimento sistematizado que a escola tem. Estes alunos apresentam em comum o fato de que pertencem ao grupo social dos que foram excluídos do processo educacional formal.

Não podemos deixar de defender o direito nato do homem do uso da linguagem e defendemos também o respeito a este uso conforme a realidade de vida concreta em que este aluno está inserido socialmente. Ressaltamos o direito do falante representante das classes menos favorecidas de se utilizar de sua linguagem sem ser motivo de discriminação e o direito ao aprendizado da linguagem dita culta no ambiente escolar com metodologia adequada à sua realidade de vida e de conhecimento de mundo.

Nossos estudantes da EJA, com histórico de exclusão social e feridas entranhadas na alma, são seres em construção, seres com um repertório de conhecimento advindo de suas experiências práticas e, portanto, o espaço escolar deve proporcionar a ele a reflexão sobre a sua realidade de vida concreta e a conscientização em prol da libertação de um pensamento de oprimido que a

sociedade inculca em sua mente, e ser capaz de lutar, expressando-se por meio da fala e da escrita.

1.5 Considerações sobre estilo

A respeito do estilo, vimos com Bakhtin, que cada gênero discursivo apresenta um tema, em função de sua proposta comunicativa e da proposta enunciativa de cada enunciador, determinando assim a forma composicional e o seu estilo.

Dessa maneira, a subjetividade do autor é constituída pelo material linguístico – segundo Bakhtin, o estudo da língua não deve ser deslocado de seu falante, antes, deve considerar o comportamento dos sujeitos que interagem entre si, visto se tratar de sujeitos ativos e responsivos que não recebem passivamente os discursos que ouvem/leem, também interpretam e respondem conforme os efeitos que esses discursos causam neles.

Assim, os recursos linguísticos utilizados por cada um, marcam sua individualidade, diferenciando assim, o texto de cada autor, embora se trate de um mesmo gênero, e de um mesmo tema, de modo a atender as necessidades expressivas de cada autor, marcando o estilo que apresenta peculiaridades próprias de cada enunciador (BAKHTIN, 2003).

Cada texto tem a marca de seu autor sinalizada na seleção de palavras e expressões ao organizar argumentos caracterizando assim o estilo de cada aluno. Assim como os escritores dos textos fonte, o aluno marca seu estilo individual, um estilo próprio ao escrever seu texto. Dessa forma, ao ler os diferentes textos sobre o mesmo tema, mostra o seu posicionamento e reconstrói/renova o seu dizer:

Assim é toda exposição talentosa e criativa das opiniões qualificativas de outrem: ela sempre permite variações estilísticas livres da palavra do outro, expõe o pensamento do outro no seu próprio estilo, aplicando-o num novo material, numa outra formulação da questão, ela experimenta e recebe uma resposta na linguagem do outro (BAKHTIN, 2002, p. 147).

Em sua composição mais abrangente do enunciado concreto na forma genérica, Bakhtin acentua a entonação como expressão da individualidade do sujeito, de seus valores, de seu posicionamento axiológico diante da vida. O estilo é

um recurso inerente aos gêneros discursivos, pois todo e qualquer usuário da língua utiliza-se do mesmo nas relações dialógicas, sejam formais ou informais.

Como vimos, as marcas discursivas do aluno, o enunciado concreto, marca o estilo individual que se diferencia do estilo do gênero – suas marcas linguísticas específicas. Na perspectiva dialógica do discurso, o enunciador representa o sujeito produtor de enunciados que imprime a eles sua assinatura, seu posicionamento. O estilo, na produção textual dos sujeitos de pesquisa, pode ser considerado e analisado nessa relação com o gênero e a proposta de comunicação do enunciado, por meio da qual expressa seu posicionamento axiológico diante do contexto social, expressando seus valores, sua perspectiva crítica diante dos fatos. Como professora, se o meu trabalho não for capaz de proporcionar ao aluno conhecer, apreender e produzir novos textos nessa linha de raciocínio bakhtiniana da relação dialógica na vida concreta e com atividades significativas para eles, não fico satisfeita e procuro rever meus métodos.

Geraldi (1997, 137) ao abordar sobre a produção de textos, observa que o aluno aprende a produzir textos, no contexto escolar, para: “interpretar melhor os vários discursos com os quais tem contato em seu dia a dia; refinar seu olhar crítico; saber como interagir no mundo por meio de sua palavra”. O autor destaca ainda que, por mais ingênuo que possa parecer, para produzir um texto (em qualquer modalidade) é preciso que: a) se tenha o que dizer; b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer; c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer; d) o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz.

2 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

Muitas vezes, no corredor da vida, o jovem estremecia ao pensar em quanta desumanidade há no homem, mesmo naquelas pessoas que a sociedade considera honradas e nobres (GÓGOL em O Capote).

Esta é uma pesquisa-ação que tem a pesquisadora na pessoa da professora. Os sujeitos de pesquisa são os alunos da 7ª série A da escola pública municipal Dr. Mário Santalúcia na periferia de Diadema, bairro Serraria no ABC paulista. A seleção dos sujeitos se deu pelo fato de eles estarem com a professora/pesquisadora desde a 5ª série, o que possibilita um conhecimento mais aprofundado de sua relação com a língua escrita. Numa contínua observação do processo do trabalho da oralidade em parceria com a escrita é possível evidenciar um estudante mais maduro no seu contato com a escrita já na 7ª série em relação à situação em que chega na escola na 5ª série.

Para registro dos dados, utilizamos recursos como, diário de bordo com anotações detalhadas sobre o desenvolvimento das atividades realizadas nas aulas – desde as ideias iniciais, as conversas com o orientador, o andamento da pesquisa na sala de aula e as mudanças que ocorriam conforme a necessidade do teor da pesquisa; gravações de vídeo e áudio¹ para registro e análise dos textos orais – o debate – foi gravado em vídeo e áudio para melhor observar a interação entre os alunos, as expressões faciais, a tonalidade de voz, a tomada da palavra – características da fala que enriquecem o estudo do todo na interação, do enunciado concreto, da palavra viva na boca dos estudantes; questionários socioculturais dos estudantes – esses questionários foram desenvolvidos para fins de pesquisa pela professora e a mesma se utilizou também do questionário desenvolvido pela

¹ As transcrições seguem normas do NURC/ SP, conforme Pretti (2009).

Secretaria de Educação do Município – desenvolvido para traçar o perfil dos alunos da EJA; a escrita dos textos produzidos pelos alunos no gênero escrito.

O *corpus* é constituído de textos de oito alunos produzidos no contexto das aulas de LP no 1º semestre de 2017. A seleção se fez em função da relação que estes estabelecem com a leitura e a escrita, visto se tratar de alunos com histórico de distanciamento da escola e, portanto, do contato com a modalidade escrita formal escolar. A pesquisa verifica a apropriação de recursos linguísticos típicos da escrita e de recursos argumentativos, enfatizando a importância do trabalho com a oralidade nas aulas de LP como suporte para o trabalho com a escrita.

A aplicação do projeto de pesquisa foi apresentada e aprovada pela gestão escolar e o corpo docente em ata de Horário Técnico Pedagógico da escola e consta no Projeto Político Pedagógico (PPP) do corrente ano. Foi documentada a autorização ou não autorização individual do aluno quanto à participação na pesquisa com detalhamento sobre a mesma para a turma. Os não participantes da pesquisa, contudo, são estudantes da turma e estão como agentes de interação nas aulas.

Mais especificamente, o processo de trabalho pedagógico² inicia-se com a apresentação do tema gerador desigualdade social em forma de debate (realizado em 20/02/17) que propiciou uma conversa informal na qual foi realizada a coleta das opiniões dos estudantes. Após o debate, houve a leitura e o estudo do texto A crônica da desigualdade³ de Marcos Cintra (em 24/02/17), o texto Desigualdades sociais de Nelson Tomazi (02/03/17), seguidos da mostra do vídeo Cidadão (na voz de Zé Ramalho em 08/03/17). No terceiro momento, os estudantes produziram textos escritos no gênero artigo de Opinião (13/03/17).

Estes recursos linguísticos típicos da oralidade possibilitam ao aluno – que teve contato direto com o texto escrito (a letra da música) – perceber a importância da modalidade oral da língua no ambiente escolar – vista lado a lado com a escrita. Isto ocorre, segundo Bakhtin, pelo fato desse gênero, típico da fala e dos gêneros primários, caracterizar o uso da melodia ao se cantar e/ou ouvir o texto

² Os alunos foram informados sobre todo o processo de trabalho e sobre os objetivos esperados de cada aula. A escolha dos textos lidos nas aulas foi feita pela docente.

³ Anteriormente, o gênero Crônica havia sido trabalhado com a turma.

evidenciando, nesse caso, a linguagem típica do nordestino nas palavras e expressões que remetem à vida do nordestino na cidade grande.

Os sujeitos de pesquisa são em sua maioria filhos de nordestinos que migraram para Diadema em busca de trabalho o que os aproxima da realidade tratada na música. Na roda de conversa, alguns se posicionaram mostrando entendimento na relação entre o que o autor discute na letra e suas realidades de vida. A tabela a seguir traz dados de como se deu as atividades de sala de aula no semestre:

Tabela 1 – Sequência Didática

Debate	20/02/17	Apresentação do tema gerador desigualdade social que propiciou a conversa informal (2 aulas de 45 minutos)
Leitura de texto e roda de conversa	24/02/17	A crônica da desigualdade de Marcos Cintra (2 aulas de 45 minutos)
Estudo de gênero escrito	23/02/17	O artigo de opinião (2 aulas de 45 minutos)
Leitura de texto	02/03/17	As desigualdades sociais no Brasil de Nelson Tomazi (2 aulas de 45 minutos)
Mostra de Vídeo	08/03/17	canção Cidadão na voz de Zé Ramalho (2 aulas de 45 minutos)
Produção de texto	11,13/03/17	Produção de artigo de opinião (2 aulas de 45 minutos)
Leitura dos textos dos alunos	16/03/17	Leitura voluntária para apreciação e valorização do texto do aluno
Produção de paródias	07/06/17	Trabalho em grupos (2 aulas de 45 minutos)
Apresentação de paródias e dramatização	08/06/17	Trabalho em grupos (2 aulas de 45 minutos)

Fonte: Projeto didático da professora de português, 2017.

Na escrita do texto, por se tratar de um Artigo de Opinião, os alunos se valeram de diferentes ideias dos autores, adquiridas junto aos textos lidos e discutidos para fundamentarem seus argumentos⁴. Entendemos que, desta forma,

⁴ Referimo-nos, aqui, ao discurso do outro e o discurso citado (BAKHTIN, 2015).

os alunos teriam melhores condições de discorrer mais facilmente sobre o tema, utilizando-se de argumentos pertinentes. Objetivou-se, também, mostrar a eles que todo processo de escrita de um texto passa pelo processo de leitura de outros textos de autores diferentes, já que ninguém é dono da verdade, pois não há verdade absoluta (BAKHTIN, 2015).

Nesse sentido e a partir deste suporte teórico, este trabalho de pesquisa tem o intuito de considerar a organização textual do gênero mencionado como possibilidade de análise das diferenças linguísticas, culturais e sociais, considerando as particularidades da fala e as da escrita (MARCUSCHI, 2001). As categorias de análise estabelecidas são: refletir sobre os recursos linguísticos típicos do debate como também os recursos linguísticos inerentes ao artigo de opinião.

Partindo dessa análise, retomamos que nos interessa verificar de que forma o estudante da EJA utiliza o conhecimento da oralidade que possui, junto ao conhecimento empírico (FREIRE, 2006), para produção do texto escrito, uma vez que seja preparado no trabalho metodológico pedagógico para este propósito.

Há de se enfatizar o objetivo de analisar o caráter de educação transformadora freiriana que a professora/pesquisadora defende, sustentando o papel de motivar o aluno a ser um sujeito ativo, crítico da realidade que o cerca e não apenas um sujeito passivo, acumulador de conhecimentos de outros (FREIRE, 1987). Este trabalho parte do princípio de que “a pesquisa-ação não deixa de ser uma forma de experimentação em situação real, na qual os pesquisadores intervêm conscientemente. Os participantes não são reduzidos a cobaias e desempenham um papel ativo” (THIOLLENT, 1986, p. 21). A pesquisadora está envolvida nas ações como professora e os discentes são atuantes ativos no processo de ensino-aprendizagem, sendo construtores de seus conhecimentos como se pode ver ao longo da análise do *corpus*. As coletas de dados foram feitas no 1º semestre de 2017 e a análise teve início ainda neste período. Conforme Thiollent (1986, p. 09):

[...] os temas e problemas metodológicos aqui apresentados são limitados ao contexto da pesquisa com base empírica, isto é, da pesquisa voltada para a descrição de situações concretas e para a intervenção e a ação orientada em função da resolução de problemas efetivamente detectados nas coletividades consideradas.

O trabalho da teorização a partir da observação e descrição de situações concretas – ao encarar situações circunscritas a diversos campos de atuação antes de se ter elaborado um conhecimento teórico relativo à sociedade como um todo – proporciona resultados obtidos no processo de interação na vida concreta dos alunos que refletirá, por sua vez, na melhoria de vida dos mesmos e da sociedade em que vivem, no sentido de despertar o pensamento crítico e o posicionamento diante da realidade dos fatos.

Consideramos de caráter fundamental a participação dos sujeitos da pesquisa, de forma que estes não se constituem apenas em objetos estáticos na pesquisa. Nossa posição consiste em dizer que “toda pesquisa-ação é de tipo participativo: a participação das pessoas implicadas nos problemas investigados é absolutamente necessária” (THIOLLENT, 1986, p. 15). Consideramos a pesquisa-ação uma “compreensão da situação, a seleção dos problemas, a busca de soluções internas, a aprendizagem dos participantes, todas as características qualitativas da pesquisa-ação não fogem ao espírito científico. O qualitativo e o diálogo não são anti-científicos. (1986, p. 23). Paulo Freire também defende esse posicionamento.

É necessário destacar que a pesquisa-ação pode constituir um meio pelo qual o pesquisador tende a não ver a essência dos argumentos das pessoas envolvidas no trabalho de pesquisa. Neste trabalho, porém, a essência está nos argumentos dos sujeitos envolvidos, a fim de observar a argumentação oral na busca do conhecimento prévio e na escrita na apreensão dos gêneros estudados, após o processo de trabalho desenvolvido para preparar os alunos com novos conhecimentos que se dão na troca de informações baseadas no discurso do outro.

O contato do sujeito de pesquisa com o pesquisador abarca todo um processo de interação ou ruído de comunicação por meio das diferentes linguagens – a científica e a típica dos grupos pesquisados. A pesquisa-ação possibilita a aproximação das duas linguagens no processo de atividade concreta entre a pesquisadora e os estudantes, o que vem ao encontro do que propõe Freire. Para Thiollent (1986, p. 43), “a investigação está valorativamente inserida numa política de transformação”. Diante desse argumento, a transformação nos envolvidos é um dos objetivos da professora no seu trabalho pedagógico e se reflete na

pesquisadora, ao propor que este trabalho seja desenvolvido no maior número possível de escolas públicas brasileiras e que atendem aos menos favorecidos.

Um dos objetivos do trabalho pedagógico é a conscientização nos sujeitos de pesquisa, a capacidade de reflexão sobre a realidade que os cerca – um movimento que precisa acontecer no dia a dia das aulas. Os resultados não são esperados num futuro distante, mas surgem durante e após cada aula desenvolvida nesse intuito: “na concepção das práticas educativas ou políticas, os partidários da pesquisa-ação adotam frequentemente uma orientação crítica, mais ou menos radical, voltada para a conscientização ou para a mobilização popular” (1986, p. 94). A educação gera mudança de comportamento nas pessoas e os estudantes da EJA, cidadãos adultos, pensantes, e com capacidade reflexiva crítica, necessitam passar da ideia de relação escola-teoria para a ideia de escola-teoria-prática na vida concreta.

2.1 A EJA em Diadema e na escola Dr. Mário Santalúcia

A aplicação e o desenvolvimento da EJA no Brasil surgem devido aos marcos de caráter mundial como a Declaração Mundial sobre Educação Para todos – JOMTIEN, 1990 e a V Conferência Internacional de EJA – Hamburgo, 1997.

Na história educacional brasileira, a educação básica de adultos começa a ter seu espaço mais definido a partir da década de 1930, quando o país está consolidando seu sistema público de educação elementar. Tal ampliação, impulsionada pelo governo federal, influenciada pelos movimentos mundiais, indicou as diretrizes educacionais para o Brasil, incluindo as responsabilidades dos estados e municípios. Logo se vê que este impulso na EJA no país não constitui uma mudança que surgiu por vontade dos representantes brasileiros e, sim por causa dos documentos mundiais que definiam o dever dos países quanto à oferta de educação para todos.

Mais recentemente, a EJA é considerada uma modalidade de ensino que vem cumprindo um papel histórico no Brasil, atender um grupo de alunos que, por vários motivos, se manteve à margem da educação e aqueles que foram excluídos da escola regular. A ação da EJA está relacionada à ideia de reduzir uma defasagem de estudo, uma dívida social que o Brasil tem em relação ao cidadão comum, que foi aleijado dos estudos na idade ideal (SILVA, 2014).

A EJA é assegurada pela Constituição Federal de 1988 (Art. 208), que dá ao Estado o dever de garantir o Ensino Fundamental obrigatório e gratuito, assegurando inclusive sua oferta gratuita para todos os cidadãos que a ele não tiveram acesso na idade adequada. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB/96) no artigo 37 diz que a EJA será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria e no artigo 38, que os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular. Segundo as Diretrizes Curriculares da Educação Básica, as características curriculares, pedagógicas e metodológicas da EJA têm de apresentar flexibilidade no sentido de que: II – provido suporte e atenção individual às diferentes necessidades dos estudantes no processo de aprendizagem, mediante atividades diversificadas; V – promovida a motivação e orientação permanente dos estudantes, visando à maior participação nas aulas e seu melhor aproveitamento e desempenho (DCNEB, 2013, p. 22).

Citados os documentos nacionais que asseguram a EJA, consideramos importante um breve relato sobre a cidade antes de iniciarmos com os dados sobre a EJA local. As informações são coletadas do material produzido pelo Centro de Memória de Diadema para a Secretaria de Comunicação. O distrito de Diadema foi criado em 1948 com a Lei nº 233 devido às transformações ocorridas a partir dos anos 50 na região do ABCD paulista, como abertura de estradas, industrialização, migrações, novos loteamentos e crescimento das cidades. Esses fatores despertaram o interesse das lideranças políticas da região de Diadema com o pensamento de que a mudança de distrito para município favoreceria o desenvolvimento local. Veio então a emancipação político-administrativa de Diadema, com a expansão urbana e industrial paulista em direção ao ABC, a articulação de políticos da localidade, como o professor Evandro Caiaffa Esquível, com lideranças de influência no âmbito estadual, como o jurista Miguel Reale e a intensa participação dos moradores da Vila Conceição na Campanha da Emancipação. Aprovado o processo de emancipação pela Assembleia Legislativa, ocorreu o plebiscito no dia 24 de dezembro de 1958. As pessoas residentes há mais de dois anos no local votariam a favor ou contra a emancipação. Participaram cerca de 300 eleitores e a emancipação venceu por pequena margem, apenas 36 votos.

Em 1959, realizaram-se as primeiras eleições para os poderes Executivo e Legislativo e, em janeiro de 1960, instalou-se oficialmente o novo município. Diadema tem 30,7 km² e integra a Região Metropolitana de São Paulo formada por 39 municípios, está inserida na região do Grande ABCD que é composta por sete cidades. A população, segundo números do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), é de 386.039 habitantes, o que ocasiona uma densidade demográfica de 12.574 pessoas por km², a segunda maior do país. O bairro Serraria onde está situada a escola tem 2,27 km², 31.787 habitantes conforme o Censo de 2010 do IBGE.

A EJA no município iniciou há mais de quatro décadas, o corpo docente era então sem formação específica para esta modalidade de ensino e a realidade de hoje não é muito diferente. Geralmente, estes profissionais assumem a EJA sem o devido preparo. Ao longo dos anos, educadores aposentados de outras redes ou da rede privada entram na EJA por ser à noite e completar o terceiro turno de aula, devido à baixa remuneração dessa classe trabalhadora. A prefeitura através da secretaria de educação oferece alguns cursos em horário pedagógico para seus professores. Os cursos não são voltados à EJA e a realização deles é muito rara.

Quanto ao público de estudantes, quando do início era constituído de pessoas mais velhas – nordestinas em sua maioria, atualmente, porém, apresenta grande quantidade de adolescentes vindos das escolas estaduais, sendo que, no corrente ano, a idade mínima exigida caiu para 15 anos. Com isso a realidade muda completamente e os alunos mais velhos, agora minoria, tendem a se evadirem porque não têm o mesmo ritmo e objetivos daqueles. Ressalte-se o surgimento das drogas com estes últimos.

Quando surgiu, a EJA de Diadema apresentava o movimento de reorientação curricular,

Pautado na necessidade de reduzir o índice de evasão e oferecer uma educação voltada para a realidade dos estudantes, priorizando a Rede Cultural e a Orientação Profissional como forma de possibilitar maior interação entre alunos e sociedade, tornando as aulas mais interessantes e dinâmicas, qualificando assim a intervenção pedagógica (PC-EJA, 1997, p. 5).

O trabalho era embasado na mudança que concretiza o sonho da justiça social, fundada nos princípios da solidariedade, da autonomia, da criatividade e da

sustentabilidade, tão desejadas por todos nós. O texto é bem elaborado e tem sustentação teórica em Paulo Freire.

Em Diadema, grande parte da classe de professores na época era constituída de participantes do Partido dos Trabalhadores em fase de crescimento e fama de luta pelo social no país. Freire, uma influência que era seguida mundo a fora, tinha Diadema como cidade piloto na execução da educação segundo seus pressupostos:

Parece-nos que o primeiro passo a considerar é a influência da pedagogia freiriana no mundo. Sabemos que a obra de Paulo Freire é traduzida, utilizada e debatida em vários idiomas e em vários países. Em um sentido completamente diverso da globalização hegemônica do capitalismo, podemos dizer que Freire é um dos pensadores da Educação e da Pedagogia mais globalizado. (SILVA, 2014, p. 212)

O período da luta freiriana em seus escritos e em sua vida prática é concomitante ao da EJA em Diadema, os professores da época puderam acompanhar palestras e eventos com o patrono da educação brasileira. Era um momento efervescente na educação diademense. A história da EJA, de 1965 a 1973 traz os primeiros registros de salas oferecidas pelo Estado sem vínculo com o município; de 1973 a 1986 em tempos de ditadura militar, toda a EJA ficou sob responsabilidade do Mobral e da Fundação Educar. Em fevereiro de 1988, foi realizada a primeira seleção pública para a contratação de professores. Foram contratados 80 professores para o atendimento de 1.843 estudantes. Paralelo ao aumento do número de classes foi constituída em maio de 1993, a equipe responsável pela pesquisa de evasão, coordenada pela professora doutora Maria Nilde Mascellani. (PC-EJA, 1997, p. 11). Observe-se a presença da evasão escolar desde o surgimento da oferta.

À época do surgimento, a proposta curricular visava maior aproximação da realidade dos estudantes trabalhadores da cidade e maior investimento na formação dos professores na perspectiva da construção curricular. Outras temáticas para subsidiar o desenvolvimento dos projetos das escolas foram abordadas nos horários de formação aos sábados, nos seminários da EJA e nos Encontros de Trocas Metodológicas. Participamos de algumas dessas formações aos sábados em 2009 quando assumimos o trabalho e em 2010, a partir daí a luta do corpo docente junto

ao sindicato conseguiu retirar o sábado do calendário de trabalho e as formações ficaram restritas aos horários de formação nas escolas (HTPC).

Em 2017, a EJA no município, segundo fontes da Secretaria de Educação de abril de 2017, atende 1.552 estudantes distribuídos em 10 escolas municipais, totalizando 59 turmas de 5ª a 8ª séries no período noturno, apenas a Escola Cora Coralina atende também no período vespertino, com 4 turmas e 178 estudantes, este número diz respeito aos dois turnos tarde e noite. A EM Dr. Mario Santalucia atende o Ensino Fundamental I e a EJA. O Diagnóstico foi elaborado através de fontes de informações diversas, sendo as principais os dados do MEC, Censo Escolar, Secretaria Municipal de Educação, Prefeitura Municipal e outros.

O perfil dos alunos da EJA no município conforme o PC-EJA (1997, p. 17) traz como ponto de partida, as ações do cotidiano, tais como:

Circular dentro da cidade, tomar ônibus, ler a bíblia, fazer compras, ajudar os filhos nas tarefas escolares, viver as relações estabelecidas no seu grupo social (família, trabalho, comunidade, igreja), buscar a inserção no mercado de trabalho, querer melhoria de vida, buscar atualização no espaço de trabalho.

Diante da nova realidade, surge o envolvimento com drogas, a gravidez na adolescência, enfim, responsabilidades de outros setores da sociedade recaem nas escolas e para os professores. Ainda nos primeiros anos da EJA o grande desafio estabelecido era a redução do índice de evasão, pois garantir o acesso e não defender a permanência não faz com que o objetivo de alcançar o maior número possível de jovens e adultos que não estudaram na idade adequada por *n* razões seja efetivado. É através da permanência que se garante a formação dos estudantes e a perspectiva de continuidade de seus estudos. O PC-EJA (1997) afirma que a redução do índice de evasão perpassa também pela construção de uma política de educação em que a elaboração de uma proposta curricular esteja realmente atrelada à realidade e interesse dos jovens e adultos e que garanta um processo de formação contínuo dos professores. No entanto, ao menos nos dias atuais o processo de formação contínua dos professores não acontece. A SE não oferece esse serviço.

Traçar dados sobre Diadema exige que se fale de violência. Um município que é visto de forma pejorativa pela questão do alto índice de violência e

criminalidade. É a mais violenta da região do grande ABCD conforme estudo produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) e publicada no diário do Grande ABC jornal da região. Os dados são referentes ao período de 2005 a 2015 e mostram que o índice que junta homicídios e mortes violentas com causa indeterminada em território diademense é de 22,8 para cada 100 mil habitantes. Diadema já foi a mais violenta do país em 1997 com taxa de 140,4 homicídios para cada 100 mil habitantes, segundo dados do Datasus (Ministério da Saúde). Entre as medidas instituídas para a redução das mortes foi aplicada a Lei de Fechamento de Bares em 2002, a chamada Lei Seca, que tem diminuído os índices de violência num contraponto entre 1997 e 2017.

A região onde está localizada a escola também é conhecida pelo histórico de violência, Serraria está na lista dos três bairros mais perigosos. O nome do bairro foi dado porque havia uma serraria de um morador da região, Antônio Piranga, que cooperou no primeiro impulso industrial dessa região entre 1900 e 1920, fornecia madeira já serrada aos marceneiros pioneiros que implantaram a indústria de móveis em São Bernardo do Campo, município vizinho. A compra e venda de lenha era a atividade comum em Diadema.

Atualmente, professores e alunos têm sido vítimas dos assaltantes a qualquer hora do dia na rua da escola. Uma tática usada é sair em grupos. Ainda existe no município o toque de recolher (de responsabilidade de integrantes de facções criminosas) – o comunicado é dado durante o dia e todos obedecem na comunidade. O horário estabelecido geralmente é o das 22 horas, a partir desse horário todos devem estar em suas casas. Essas informações são retiradas de jornais locais e de vivência na escola. A gestão, porém antecipa a saída dos alunos apenas com a autorização da Secretaria Municipal de Educação (SME).

Atualmente, a EJA em Diadema representa os seguintes números: o Ensino Fundamental II tinha em abril de 2017, 1.552 alunos matriculados distribuídos em 10 escolas municipais e 59 turmas de 5ª a 8ª série. Os dados da SME estão distribuídos por regiões do município, sendo 2 escolas na região sul com 12 turmas e 308 alunos; a região oeste tem 2 escolas com 12 turmas e 379 alunos; o norte conta com 3 escolas e 16 turmas num total de 445 alunos e o leste tem 3 escolas com 19 turmas e 420 alunos matriculados (SME, 2017).

A escola Dr. Mário Santalúcia, local da pesquisa tem 10 turmas e 292 alunos matriculados:

Tabela 2 – Turmas de EJA da EMEB Dr. Mário Santalúcia em 2017

Turmas	Número de alunos
1ª e 2ª (Alfa)	32
3ª e 4ª (Pós);	31
5ª A	22
6ª A e 6ª B	54
7ª A e 7ª B	60
8ª A, 8ª B e 8ª C	93

Fonte: PPP, 2017.

Quanto ao ensino de LP, a SME através de sua Proposta Curricular para a EJA, espera do aluno de 7ª série no eixo Linguagens, habilidades e competências como “conhecer, reconhecer e apropriar-se das variantes linguísticas, sem medo e preconceito, a partir do reconhecimento de diferentes contextos de produção de discursos”. Entretanto o alunado ainda sofre preconceito linguístico e cultural na sociedade e isso se reflete na sala de aula onde os mesmos têm dificuldades de se expressarem ao chegarem na escola. Apenas após um trabalho de esclarecimento do professor de LP voltado para este fim e ao longo do processo, possibilita a prática dessas habilidades.

É esperada, ainda, a habilidade de “conhecer e analisar criticamente as nomenclaturas e classificações da gramática normativa, buscando dialogar com elas como facilitadoras ou não do uso da linguagem; reconhecer, compreender e fazer uso de sistematizações do campo da análise linguística” (PC-EJA, 2007, p. 37). Porém, os alunos têm poucos conhecimentos referentes à gramática e à análise linguística, visto que o contato com a leitura e a escrita fora do espaço da escola é muito reduzido. Esse público estudantil só tem a oportunidade de ver, aprender e discutir sobre esses tópicos na sala de aula. Constatamos que, embora este aluno esteja na 7ª série, não apresenta habilidades e competências de um aluno do ensino regular, por exemplo. Eis a razão de defendermos um currículo e um ensino especificado para as suas realidades. Sobre a habilidade “construir múltiplas identidades de leitor/produtor de textos” (2007, p. 36), vemos ser um grande desafio,

os estudantes apresentam muita insegurança e medo no contato com a linguagem escrita.

2.2 O contexto da pesquisa: a escola e a turma

A escola Dr. Mário Santalúcia, cujo nome homenageia um conceituado médico que atuou no município, está localizada na Avenida Dona Ruyce Ferraz Alvin, 2050 no bairro Serraria, em Diadema. Foi criada por Decreto em 25 de novembro de 1966. Situada num bairro com zoneamento misto que possui boa infraestrutura industrial, residencial, comercial, além da presença dos órgãos públicos governamentais de fácil acesso: biblioteca, centro cultural, Unidade Básica de Saúde (UBS) e o Hospital. Atende a comunidade local e demais regiões. A instituição de ensino foi municipalizada, ou seja, passou a ser responsabilidade do município e não mais do Estado, em fevereiro de 2010.

A escola tem boa estrutura física – uma das melhores do município e se encontra em boas condições: as salas são espaçosas, tem sala de vídeo ampla e com TV moderna, uma sala de biblioteca, adaptada para outros fins – o que é lamentável, pois os estudantes não têm a oportunidade de acesso a livros ficando o incentivo à leitura, comprometido, uma vez que não há possibilidade de o professor desenvolver uma aula de leitura, disponibilizando livros diversos. Há também uma sala específica de artes, algo raríssimo no município, uma quadra coberta; um pátio extenso; um parque para as crianças e uma horta desenvolvida pelos professores e estudantes do programa Mais Educação – programa oferecido pela SME no contraturno da aula para crianças com dificuldades de aprendizagem. Esse relato advém do conhecimento de vivência da professora na escola há mais de sete anos junto à leitura do PPP 2017.

A Escola atende a seus estudantes em um prédio de três andares, sendo que no espaço térreo encontra-se toda a parte administrativa: sala de direção e assistentes de direção e de coordenação pedagógica; sala destinada às refeições dos professores e funcionários; refeitório dos estudantes; cozinha; depósito de alimentos; sala de jogos; elevador térreo para uso de cadeirantes, caixa d' água; quadra coberta e estacionamento.

No primeiro andar do prédio escolar encontram-se as salas de aula (de 1 a 9). No segundo andar há as salas de aula (de 10 a 19), sala de vídeo, sala de informática (sem estrutura para uso) elevador e depósito de materiais. No terceiro e último piso encontram-se a sala de educação física; banheiros; quadra coberta e elevador. A sala de informática conta, a partir do ano de 2017, com mesas e cadeiras e 4 computadores que funcionam, do total de 18, porém sem ligação com a Internet. A sala, sem condições de uso, configura total abandono da Secretaria de Educação, pois há mais de 4 anos se encontra nestas condições.

A concepção de Educação da escola está fundamentada na lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases (LDB), em seu artigo 1º:

A educação abrange processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

E nos PC-EJA (2007) do município de Diadema onde a Educação é concebida como um direito inalienável da população, sendo dever e responsabilidade do poder público garantir o acesso dos brasileiros à educação básica, de modo que crianças, jovens e adultos oriundos da classe trabalhadora, entrem na escola e nela permaneçam o tempo necessário à garantia da aprendizagem.

Conforme dados obtidos no questionário socioeconômico da EJA em 2017 aplicado a todos os alunos da escola, de um total de 117 alunos que responderam, dentre os 292 matriculados, 56 são homens e 61 são mulheres. A faixa etária está distribuída da seguinte forma: 38 entre 15 e 20 anos; 29 (21 a 30 anos); 27 (31 a 40 anos); 12 (41 a 50 anos); 11 (acima de 50 anos). O número que representa os adolescentes é grande como já mencionado antes, esse público tem crescido muito nos últimos anos. No entanto, jovens e adultos ainda são maioria. A tabela abaixo traz dados importantes sobre o alunado de 2017, 1º semestre:

Tabela 3 – Alunado da EJA em Diadema em 2017

Mercado de trabalho	Quantidade	Local de origem	Número de alunos
Comércio	17	Nordeste	49
Indústria	17	São Paulo	34
Domésticas	9	Minas gerais	9
Cozinheiro/as	2	Não identificou	25
Autônomo/as	10		
Motoristas	6		
Bico	29		
Desempregados	27		

Fonte: SME, 2017.

Quase totalidade reside no bairro Serraria (97), pois há escolas de EJA em quase todos os bairros e os demais moram em bairros bem próximos. Mais da metade reside em Diadema há mais de 10 anos (70). Pouco mais de 50% já estudou na EJA anteriormente e desistiu (64), 39 frequentaram o ensino regular e frequentam a EJA pela primeira vez. Indagados sobre o porquê da volta à escola, 84 responderam que visam o crescimento pessoal; 18 por outros motivos não especificados; 10 retornaram por exigência do trabalho – consideramos esse número muito baixo e 5, para ajudar os filhos em idade escolar. As opções de lazer dos discentes se restringem a ver TV, ir à igreja e passear com a família – a grande maioria.

A turma onde se desenvolveu a pesquisa é heterogênea, com estudantes adolescentes vindos das escolas do Estado e jovens e adultos que retornam à escola com sede de conhecimento. No início do semestre o número de matriculados é significativo (35), porém ao longo do semestre, muitos estudantes vão deixando a escola por motivos diversos como mudança de município e/ou Estado, principalmente os nordestinos e descendentes que retornam aos seus familiares; mudança de horário de trabalho que no caso dificulta a conciliação com o horário das aulas; dificuldade de aprendizagem – motivos relatados pelos próprios estudantes no questionário aplicado pela SME. Com esse histórico de evasão

escolar, a turma finalizou com apenas 19 frequentes, destes, todos foram classificados para a 8ª série. 13 dos evadidos são adolescentes – assegura o que dissemos em outro momento – os meninos e meninas não encontram na sala da EJA um espaço que os contemple por diversos fatores. O adulto evadido foi o senhor Francisco e acreditamos ser devido ao medo que tem do contato com a escrita. Os outros 3 foram transferidos da escola. Quase metade da turma não conseguiu ir até o fim do semestre e essa realidade é uma constante na escola e no município. Insistimos que a dificuldade de aprendizagem, a metodologia pedagógica são fatores impactantes nessa evasão, mas se fôssemos discutir esses detalhes, estaríamos fugindo de nossa proposta de pesquisa.

A turma tem adolescentes que se utilizam do celular e do fone de ouvido durante as aulas, alguns apenas copiam alguns conteúdos e não se propõem a responder as atividades propostas, uma vez que não se concentram nas discussões e explanações dos professores e alguns ainda sequer copiam. Reúnem-se em grupos nos fundos da sala e revezam entre ouvir música e conversar. Não assinaram o termo de participação da pesquisa, posicionaram-se afirmando não aceitar a participação na pesquisa, estando estes apenas como alunos e não como sujeitos de pesquisa. O restante da turma, os de mais idade, sentem-se incomodados, pois apresentam grandes dificuldades de concentração e de aprendizagem e com o barulho dos demais, tendem a reclamar entre si, com os professores em particular e com a gestão, mas temem represália. Esses episódios acontecem no primeiro mês e tendem a diminuir com a desistência desses adolescentes que não veem na EJA um lugar em que se encontrem.

É importante destacar que antes da desistência deles, acontece a mediação da coordenação escolar junto aos professores em conversas no intuito de conciliar a turma num mesmo objetivo – a aprendizagem; e conversas interventivas com os alunos indisciplinados mencionando as consequências que os mesmos terão se levarem adiante a postura até então desempenhada na sala. Ao perceberem que não serão classificados para a série seguinte e tampouco poderão fazer uso de drogas nos espaços da escola, acabam desistindo. Este fato é triste para os professores que se veem de mãos atadas, sem capacidade de solucionar o problema evitando a evasão, pois isso requer capacidades muito além da realidade dos docentes desta e das demais escolas públicas brasileiras.

2.3 Caracterização dos alunos – o perfil dos sujeitos da pesquisa

Os estudantes da EJA são cidadãos de direitos, trabalhadores ou não, que apresentam baixa escolaridade e, por esta razão, estão na escola noturna e supletiva. Apresentam baixa autoestima. A demanda de adolescentes aumentou consideravelmente segundo as matrículas no GDAE (Gestão Dinâmica de Administração Escolar, portal operacional desenvolvido em ambiente de Internet, Secretaria de Estado da Educação). Com o aumento desta demanda, aumentam os conflitos entre diferentes gerações.

Não bastasse a diversidade cultural, etária e linguística das turmas da EJA, existe, há alguns anos, com a alta demanda de adolescentes, a presença das drogas nos espaços escolares e os docentes não são capacitados para lidarem com a situação no sentido de intervir encontrando solução para atender a necessidade de todo o grupo presente numa turma. Os mais velhos tendem a se sentirem desestimulados e pensarem em desistir. O teor de protesto advém de realidades tristes como esta, em que sabemos tratar-se de opressão e discriminação social com estes adolescentes que vivem num contexto social de exclusão e sem oportunidades. Vivem num contexto de pobreza, desigualdade social, não têm estrutura familiar no sentido afetivo, pois os pais trabalham e os filhos ficam em casa ou nas ruas sem perspectiva de melhoria de vida. Conforme questionário aplicado pela professora no início de fevereiro de 2017, respondido por 18 alunos presentes, observamos, conforme tabela abaixo,

Tabela 4 – Questionário diagnóstico aplicado pela docente em fevereiro de 2017

Lugar de nascimento		Profissões		Leitura		Moradia	
Nordeste	9	Autônomo	2	Não gosta de ler	21	Casa própria	11
São Paulo	7	Do lar	2	Não tem tempo	19	Aluguel	7
Amazonas	1	Estudante	3	Ler revistas	17		
Brasília	1	Assistente de manutenção	1	Ler jornais	12		
		Cuidador de idosos	2	Ler romances e poesias	10		
		Soldador	1				

Fonte: PPP da professora de português, 2017.

Do objetivo de voltar a estudar, mais da metade afirma ser para ter mais conhecimentos, outros dizem ser para mudar de emprego ou profissão e outros para ter um diploma (5). A disciplina com a qual menos se identificam é matemática (8), a maioria diz ter muita dificuldade de aprendizagem, seguida de inglês (7) pelo mesmo motivo. O acesso à internet é feito no celular por quase metade o que significa que não têm computador ou notebook em casa, apenas 10 deles afirmam ter internet em casa.

Perguntados sobre o que mais gostam da aula de LP, a maioria diz preferir aulas com a oralidade (9), outros gostam de leitura e interpretação de texto (5), das atividades com a escrita, 3 afirmaram que gostam e apenas 1 preferiu aulas de gramática. Aqui observamos que o trabalho com a oralidade, feito desde a 5ª série com a turma já influenciou suas escolhas agora na 7ª série.

Os alunos sujeitos de pesquisa, aqueles cujos textos foram selecionados para análise são: Demetrius, 18 anos, diademense, desempregado, não tem acesso à internet em casa, é o mais novo da turma dentre os que foram até o fim. Afirma ter voltado a estudar para ter mais conhecimentos. Gosta das aulas de leitura e interpretação de texto. Esse menino tem uma história de vida muito sofrida. No início era fechado, acuado, mas aos poucos foi fazendo contato com os colegas e no final era ajudado pela turma que fez festa de aniversário surpresa, os colegas deram presentes. Pobre e negro, sente na pele os efeitos da exclusão e da desigualdade social – o que relata no debate e nas demais aulas que será mostrado no momento oportuno. Foi dessa maneira que se tomou conhecimento da situação de dor e sofrimento em que ele vivia. Situação de dor e sofrimento gritante em relação inclusive a dos colegas de sala. Eis o porquê de quase todos sentirem desejo de conhecê-lo. Sua ausência nas aulas passou a ser constante e, como era um aluno dedicado, participava ativamente das aulas, essa ausência foi percebida e causou preocupação. Após faltas consecutivas fomos com uma aluna à casa dele e conversamos pessoalmente pedindo que voltasse e explicando que todos sentiam sua falta, colegas e professores. Tamanha não foi a felicidade dele com a nossa visita e a de mais duas colegas no dia seguinte. Retornou sorridente dizendo que tinha sentido-se importante pelo fato de terem-no chamado de volta à escola e que não iria mais faltar. O envolvimento afetivo deste menino com a turma, o amor e

cuidado deles com ele configura algo mais valioso na vida dele do que o próprio conhecimento sistematizado da escola. Ele adquiriu relacionamentos de afetividade que lhe falta em casa. Outro ponto fundamental foi o distanciamento que ele teve das drogas.

Sebastião, 57 anos, cearense que mora em Diadema há mais de 37 anos, encarregado de expedição desempregado, tem internet em casa, voltou a estudar para ter mais conhecimento, mudar de profissão e melhorar no emprego. Este senhor já na primeira aula de leitura e interpretação participou ativamente, comentou, discordou de comentários dos colegas e da professora sobre o texto e disse que gosta muito do debate, pois assim pode colocar sua opinião, ser ouvido. Numa produção textual, disse se reconhecer um autodidata, pois estuda e lê por vontade própria sem influência da escola, até porque retornou após quase 4 décadas nesse primeiro semestre de 2017. Em suas colocações nas aulas com a oralidade, é o que mais se posiciona, gosta muito de expressar sua opinião se utilizando da fala e apresenta muita segurança no que diz. Questiona, polemiza o que não constitui característica dos demais alunos. Na relação com a escrita, diz não gostar tanto por não conhecer a fundo suas características e demonstra total interesse em conhecê-las. Fez com que os professores e a turma ficassem surpresos com o seu amor ao conhecimento e à leitura e serviu de referência aos colegas nesse sentido. Finalizou com média A, com exceção de matemática.

Lúcia, 48 anos, alagoana que mora em Diadema há mais de 15 anos, leitora da Bíblia. É agente de cozinha numa escola de educação infantil, tem internet em casa. Voltou a estudar para ter mais conhecimento e mudar de emprego. Apresentou melhoria significativa da 5ª até a 7ª série. Sua humildade e simplicidade saltam aos olhos. É dedicada e esforçada, assídua.

Zenilton, 47 anos, paulista de Barueri, e mora em Diadema há 12 anos, É assistente de manutenção numa indústria, tem internet em casa. Voltou a estudar para mudar de emprego e ter um diploma. Diz-se leitor de jornais da seção de esportes. É exemplo de luta e perseverança, emocionou-se em vários momentos das aulas em que se discutiu a desigualdade social e se posicionou sendo um desses excluídos sociais.

Antônio, 58 anos, piauiense e mora em Diadema há mais de 30 anos, é autônomo, tem internet, autodeclara-se não leitor fora do espaço da escola. É o

senhorzinho da sala – aquele que todos o tratavam fazendo uso desse pronome de tratamento – conteúdo do currículo da 7ª série. Cuidado e respeitado por todos, teve um histórico de crescimento no convívio social impressionante e também na aquisição do conhecimento oral e escrito. Acompanha e discute a política brasileira e aponta criticamente aqueles a quem faz oposição.

Dayany, 35 anos, baiana e mora há mais de 13 anos em Diadema, cuidadora de idosos, tem internet em casa. Voltou a estudar para aumentar o salário, ter mais conhecimento, ter um diploma e mudar de profissão. É leitora, dedicada, solidária e companheira, sempre ajudando os colegas com as atividades escolares, bem como na tentativa de solucionar atritos entre alunos. Ficou conhecida como a conciliadora e a organizadora de eventos da turma.

Francisco, 54 anos, piauiense e mora em Diadema há mais de 30 anos, não leitor fora do espaço da escola, participa das aulas nos momentos de conversas, foge das atividades escritas a ponto de faltar às aulas marcadas para avaliação. Quando conversamos com ele tentando explicar a necessidade de se trabalhar com a escrita, fica nervoso e não aceita, é um mecanismo de defesa que mostra um bloqueio. Ele copia, porém não tenta responder e não aceita ajuda nem dos colegas nem dos professores, opta por faltar a aula diagnóstica para não ter que escrever.

Givanilson, 32 anos, paraibano e mora em Diadema há mais de 3 anos, é fiscal de obra, tem internet em casa. Voltou a estudar para ter mais conhecimento e melhorar no emprego. É leitor da Bíblia, é dedicado e participativo, chegou na turma na 6ª série. Defende o ensino da gramática como de fundamental importância (regras de escrita).

Quanto à questão do contato com a leitura e escrita – a capacidade de leitura e entendimento de um texto, a prática da escrita, há estudantes que se encontram em situações muito diferentes uns dos outros o que requer muita atenção e muito cuidado do professor no ato de ensinar. Zenilton e Antônio têm dificuldades na leitura em relação à interpretação do que lê; na escrita, Antônio – não tem o hábito de ler fora da sala de aula – é capaz de desenvolver textos com frases curtas e gosta de se expressar através da fala, porém demonstra imensa timidez ao fazer uso da fala e Zenilton – leitor de jornais da seção esportes – escreve textos curtos com grandes problemas de ortografia e pontuação; Lúcia já tem uma melhor relação com a leitura e a escrita, tem o hábito de ler a bíblia o que faz dela uma leitora fora

dos espaços da escola; Dayany, Demetrius e Givanilson – que se dizem leitores fora do espaço da sala de aula, têm uma melhor relação com a leitura e a escrita, com habilidades de entendimento do que leem; Sebastião – leitor da bíblia e de livros evangélicos – fez a prova de classificação, pois não tinha histórico escolar e obteve resultados favoráveis à sua matrícula na 7ª – gosta de se expressar por meio da fala e da escrita, questiona, argumenta, polemiza, vê o conhecimento como algo que o realiza como pessoa e não apenas como necessidade para obter uma nota ou conseguir um diploma e é leitor assíduo.

A evasão constitui um problema constante na EJA do município de Diadema devido a fatores como trabalho que não dá para conciliar com o horário da escola, mudança de endereço dos alunos, conforme documentos municipais como o Plano Municipal de Educação (PME). O questionário de 2017 mostra que mais da metade dos alunos (64 de 117) já frequentou a EJA em anos anteriores e desistiu. Temos um número considerável de evasão ainda no segundo mês de aula na 7ª A que iniciou com 35 matriculados e terminou o semestre com 19, teve 13 alunos evadidos – todos eles adolescentes e 3 transferidos.

Os atritos entre as gerações são inevitáveis, mas o que acontece é que os mais velhos só reclamam na ausência dos meninos, pois ficam receosos, falam com os professores em particular, conversam com a gestão escolar e então é feita uma reunião com eles tentando remediar a situação. Esses conflitos perduram por dois meses aproximadamente, pois quando fechamos o primeiro bimestre, esses alunos que não participam das aulas não apresentam rendimento escolar e o histórico de faltas também os compromete. Ao serem informados de suas situações e possibilidade de continuarem na mesma série, eles terminam desistindo. Isso é muito lamentável, pois a gestão e o corpo docente analisam esses casos, tentam uma solução, porém são esbarrados na impossibilidade de encontrar uma solução, visto que se trata de problemas que vão além de suas capacidades pedagógicas e humanas.

A turma está junta desde a 5ª série com exceção de alunos que iniciaram já na 7ª série. No início do semestre eles estavam muito retraídos com a presença dos novos, isso foi constatado na aula do debate, algo que eles já faziam na 5ª e 6ª séries, porém como não estavam familiarizados com os novos colegas, demonstraram muita timidez e medo de falar. Observamos no desenrolar das aulas

durante o semestre que já estavam familiarizados e participavam com mais entusiasmo e uns ajudavam os outros, era uma turma muito solidária e parceira.

2.4 Objetivos e metodologia da proposta de trabalho pedagógico

O trabalho pedagógico pauta-se no ensino da produção de textos orais e escritos que se segue a debate, leitura de textos e rodas de conversas como base para a produção escrita. A questão das características linguísticas orais e escritas são colocadas conforme o contexto da aula segundo o trabalho com os gêneros discursivos.

Os objetivos esperados são: adquirir o gosto pela leitura e pela produção de texto, fundamentados em leituras de autores já consagrados, bem como se enxergar como leitor e produtor de textos orais e escritos; produzir textos escritos no gênero artigo de opinião, desenvolvendo seu caráter argumentativo e se perceber autor/escritor.

Propor uma sistematização do ensino da oralidade na escola, partindo dos conhecimentos prévios dos alunos sobre o tema a ser analisado; trabalhar a leitura de textos diversos sobre o tema, gerar a discussão dos alunos entre si; e, por fim, a produção de texto escrito sobre o tema; ter um olhar crítico sobre a diferenciação e desigualdade presentes na sociedade; abordar as definições de classes sociais.

As estratégias e recursos utilizados nas aulas foram atividades diversas em sala de aula; xérox de textos e imagens que tratam do tema abordado; pesquisa em jornais impressos e da internet; mostra de música/vídeo sobre o tema.

O objetivo é que os alunos percebam as mudanças que se deram durante o percurso e avaliem suas melhorias quanto ao contato com a linguagem escrita e como momentos em que exerceram a cidadania colocando seus posicionamentos. Espera-se que os alunos verifiquem se foram capazes de identificar as características próprias do gênero textual em estudo, sua função comunicativa e seu contexto de uso; as diferenças existentes quando se expressaram oralmente e quando se expressaram pela linguagem escrita.

2.5 A interação na sala de aula

A interação também se estabelece com a humanização das relações entre aluno/professor/aluno, baseadas no respeito ao aluno. Os usos de linguagem se realizam de modo a favorecer a motivação do estudante no interior de atividades significativas constituindo, além de um objeto de ensino da disciplina de LP, um instrumento em prol da humanização do ensino e da motivação na busca pelo saber, ao encontrar um professor acolhedor (FREIRE, 1986).

Nesse sentido, a prática docente se realiza de modo a oferecer segurança, trazer motivação e convida o aluno a fazer parte do próprio ato educativo, sentindo-se acolhido. É imprescindível que o estudante se faça entender e se permita ser entendido nos diversos usos da linguagem, seja na modalidade falada ou na escrita, tendo garantido o direito aos conhecimentos linguísticos socialmente legitimados.

2.5.1 O posicionamento dos alunos e o uso da oralidade – o debate

Trabalhamos conforme o pressuposto freiriano de que “com a descrição oral do concreto, é que o educando passa à escrita da oralidade. Primeiro ele fala sobre sua realidade” (FREIRE, 1991, p. 48). O debate informal é a base para essa sustentação, o aluno fala de sua vivência concreta e só após o processo de trabalho com a oralidade e a leitura de textos, ele faz uso da escrita para emitir opinião com esta modalidade de uso da língua. O debate aconteceu no dia 20 de fevereiro de 2017. O tema selecionado desigualdade social, retratado nos LD desenvolvidos para a EJA, veio ao encontro da realidade de vida dos alunos, eis o porquê de sua escolha.

Amparados no tema gerador freiriano, aquele que advém da realidade dos envolvidos na aprendizagem, que toca na ferida dos aprendizes ocasionando neles o pensamento crítico de suas realidades e da realidade a sua volta – a desigualdade social – embora seja um tema amplo, desencadeia nos alunos a facilidade ao argumentar, emitir opiniões, por se tratar de algo vivenciado por eles, para irem refletindo e apreendendo novas ideias a respeito do mesmo, advindas da fala do outro (BAKHTIN) com seus conhecimentos de mundo e, ao final do processo

pedagógico desenvolvido, serem capazes de ter um posicionamento político crítico (FREIRE) mais fundamentado e dentro dos padrões do artigo de opinião.

Por serem moradores de periferia, o termo favela parece surgir com facilidade nas falas dos alunos, Zenilton na sua fala numa das rodas de conversas diz: “[...] é:: vende lá na **favela**... sabe tipo assim... aí fica... as coisa que a gente comenta aqui é mais do que a gente vê no dia a dia né”, o título de seu texto é Pobreza na **favela**. O termo foi utilizado como tema gerador por ter um teor significativo para os alunos, conforme o próprio Freire (1991, p. 57), essa palavra fere, machuca, tem um peso enorme para eles:

É curioso, quando um de nós diz favela: a palavra cai da boca da gente como se pesasse talvez um miligrama. Mas a palavra favela pronunciada por um favelado é como se pesasse vinte quilos, porque sai de seu corpo carregada com o peso da prática na favela, com o peso das restrições, o peso dos limites da própria sobrevivência.

O tema gerador é criado no convívio da prática na sala de aula tendo como sustentáculo o contexto, a época, os envolvidos, pois:

Procurar o tema gerador é procurar o pensamento do homem sobre a realidade e a sua ação sobre esta realidade que está em sua práxis. Na medida em que os homens tomam uma atitude ativa na exploração de suas temáticas, nessa medida sua consciência crítica da realidade se aprofunda e anuncia estas temáticas da realidade (FREIRE: 1980, p. 32).

As regras do debate foram estabelecidas e como os alunos estavam ainda se conhecendo e tímidos, para deixá-los mais à vontade, foi acordada a fala espontânea e os tópicos apresentados em forma de pergunta pela professora. Foi conversado sobre o cuidado com falas concomitantes para não haver confusão de vozes e assim esperar um terminar para o outro falar, ainda assim, há sempre a tomada de turno de um interlocutor por outro no calor do momento, na empolgação de emitir opinião. O adolescente Renan gravou a aula, visto que optou por não participar da pesquisa. Não houve barulho, indisciplina, talvez porque todos já soubessem que a aula seria filmada para fins de pesquisa. Por ser início do ano letivo com alunos novos na turma, acreditamos ter causado timidez no grupo, o que atrapalhou um pouco o andamento e desenvolvimento das falas. Houve a necessidade de a professora intervir muitas vezes com perguntas e comentários

para desencadear as falas, uma vez que os estudantes não se dispunham a participar.

Em Diadema, o ensino da EJA não apresenta um LD padronizado, a SME envia um livro para as escolas como sugestão e os professores utilizam outros para desenvolverem seu trabalho dentro do perfil defendido nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e na Proposta Curricular do Município (PC-EJA, 2007). Nesses livros desenvolvidos para a EJA, fizemos uso de dois. O que mais utilizamos foi o Caminhar e Transformar – Língua Portuguesa – anos finais do ensino fundamental de Priscila Ramos de Azevedo Ferreira do PNLD de 2014-2016, outro utilizado foi Alcance EJA – anos finais do ensino fundamental – Língua Portuguesa de Ana Laura Volp do PNLD 2014, Editora Positivo. Os temas abordados na 7ª série são: mundo do trabalho, diálogo entre campo e cidade, a escolha da carreira, trabalho e qualidade de vida, violência, política, discriminação e desigualdades sociais. Os gêneros trabalhados são divididos – orais e escritos conforme os temas selecionados e retratam também a literatura nordestina como o cordel. Os textos citados na pesquisa não fazem parte destes livros.

2.5. 2 O posicionamento dos alunos e o uso da escrita – Produções textuais

Selecionamos 8 textos dos alunos no gênero discursivo artigo de opinião produzidos no contexto da aula de LP no primeiro bimestre de 2017. Os textos são dos alunos: Antônio – Igualdade para todos; Zenilton – Pobreza na favela; Lúcia – A pobreza e a fome; Demetrius – Proeza de viver; Dayane – Pessoas que vivem desprezadas; Givanilson – A pobreza no Brasil; Sebastião – A miséria de um povo sem esperança; Francisco não produziu.

A escolha dos textos foi baseada nos seguintes critérios: alunos que demonstraram grandes dificuldades em relação à produção escrita e à leitura na sala de aula e, alunos que demonstraram menos dificuldades em relação à produção escrita e à leitura na sala de aula. Essa constatação advém de respostas dadas ao questionário diagnóstico aplicado no início do ano letivo referente aos hábitos de leitura; do contato dos alunos nas aulas de LP com a oralidade e as normas específicas da escrita conforme gêneros discursivos trabalhados. Os alunos que

dizem ler fora da sala de aula conforme questionário diagnóstico de leitura são: Sebastião, Lúcia, Givanilson, Dayany e Zenilton e os que se dizem não leitores são: Antônio e Demetrius, conforme a noção de ler no espaço fora da escola (livros, jornais, revistas, internet).

Além dos dados referentes aos textos analisados e do debate, levamos em consideração, sempre que se fez necessário, as respostas dos alunos aos questionários aplicados durante o processo pedagógico – o diagnóstico de leitura (aplicado em fevereiro de 2017) e o questionário final sobre a importância que o aluno dá ao ensino da oralidade junto ao da escrita (aplicado em julho de 2017).

O questionário 1 solicitava informações relacionadas ao hábito de leitura, se leem ou não, com que frequência, o que leem. O objetivo era investigar os hábitos de leitura do grupo a fim de melhor preparar as aulas conforme perfil da turma. Também foi questionado sobre as expectativas dos alunos em relação às aulas de LP. Este instrumento nos auxiliou na escolha dos alunos sujeitos da pesquisa para formar o *corpus* de análise.

O questionário 2 (aplicado em fevereiro de 2017) com 20 perguntas tinha o objetivo de descobrir o perfil dos alunos – pessoal, social e educacional. Foram perguntados sobre a relação com o município e a escola e ainda sobre a EJA e a importância da volta à escola. O questionário 3 (aplicado em fevereiro de 2017) da SME é feito para diagnosticar o perfil dos alunos da EJA e é aplicado anualmente, as perguntas são as mesmas, não se observa mudança, sendo que algumas perguntas parecem não estarem de acordo com a nova situação da EJA – novos tempos, novos sujeitos.

3 COM A PALAVRA, OS ALUNOS

Eu tomo consciência de mim mesmo e me torno eu mesmo só me revelando para o outro, não posso passar sem o outro, não posso construir para mim uma relação sem o outro, que é a realidade que, por minha própria formação, trago dentro de mim, exerce um profundo ativismo em relação a mim (BAKHTIN, 2010, p. 22).

Bakhtin concebe o homem como um ser social e como sujeito ativo no uso da palavra para interagir em busca de novos conhecimentos em sua vida. Segundo os autores que dão sustentação a este trabalho, o aluno deve ser tratado como um ser apto e com capacidade responsiva.

Questionamentos foram surgindo ao longo da pesquisa e procuramos refletir sobre eles, pois uma resposta definitiva é inviável, visto que no uso da linguagem nada é definido, esta tem a dinâmica como característica: Qual é o público da EJA hoje? Como o aluno se relaciona com a escrita ao produzir o texto? Como se dá a relação contexto e texto nas produções textuais dos alunos? Refletir sobre essas indagações tão importantes à sociedade onde a EJA acontece foi uma das contribuições a que se prestou o trabalho no intuito não de mostrar respostas tidas como verdades, mas explicitar as análises realizadas com os dados que evidenciem um novo pensamento sobre a questão. No próximo capítulo tentaremos responder a estas perguntas.

Considerando a questão de pesquisa, selecionamos pontos importantes a serem analisados nos textos dos alunos, referentes ao problema de pesquisa: de que modo o trabalho com a oralidade-escrita no ensino de LP na EJA produz efeitos sobre a formação de sujeitos críticos e sobre a formação linguística através da apropriação de recursos linguístico-argumentativos, com o intuito de refletirmos sobre os mesmos como o resultado de um trabalho voltado para a busca de melhoria do ensino de EJA junto a muitos outros maiores e mais importantes que já

foram realizados por outros pesquisadores e servir de exemplo para outros que virão.

Trabalhamos, portanto, com o discurso do outro nos textos dos estudantes e procuramos compreender como o tema e a relação com o contexto imediato, possibilitam uma forma expressiva típica do texto de opinião, bem fundamentada, desencadeando a aquisição dos recursos linguísticos desse gênero quanto à forma composicional e o estilo, ao emitir opinião. Partimos da ideia de que estas práticas educativas possibilitam ao aluno perceber, à sua maneira e com auxílio do professor, o caráter interativo do enunciado concreto nas interações que acontecem na sala de aula no dia a dia, observando que o processo é social, que o ato comunicativo não se faz sem a presença do outro e que este outro é todo e qualquer usuário da língua.

Para desenvolver a investigação, examinamos questões que sustentam a proposta de estudo da oralidade como parceira no acesso aos gêneros escritos pelo aluno da EJA: a relação língua falada e língua escrita no trabalho do professor de LP; a participação efetiva dos discentes como ativos no processo de aprendizagem da leitura, escrita e produção textual e o que os alunos passam a dizer.

Analisamos ainda o posicionamento crítico (a tomada de posição do aluno) na apropriação de recursos linguístico-argumentativos conforme pressupostos freirianos, desenvolvendo o posicionamento crítico. Defendemos uma forma de ação através da linguagem que revela um posicionamento crítico do aluno frente aos fatos discutidos, o que favorece uma escrita que requer fundamentação de opiniões, através de argumentos (leitura e discussões de textos sobre o tema), que devem ser utilizados na escrita do texto com orientações conforme o gênero trabalhado.

3.1 O discurso oral dos alunos: debate e roda de conversa

Mostraremos de que modo os alunos posicionam-se e fazem uso de recursos linguísticos compartilhados nos debates e discussões nas rodas de conversas como antecedentes de apropriação de recursos linguístico-discursivos e críticos que podem ou não, levar para os textos escritos. Nesse sentido, buscamos mostrar o que o aluno usa de argumentos no debate levando em consideração o discurso do outro.

Uma questão interessante é o posicionamento crítico do aluno que se fez presente no início do processo, o debate, e se estendeu às rodas de conversas e à produção escrita, demonstrando o desempenho da capacidade argumentativa, visto que a habilidade humana de se expressar através da linguagem (falada ou escrita) é inerente ao homem (FREIRE) e essa habilidade pode ser aprimorada ao longo da vida, pois o homem é um ser dialógico (BAKHTIN) em constante evolução.

Os textos lidos de diferentes gêneros discursivos e que versavam sobre o mesmo tema foi uma estratégia utilizada para melhor fundamentar o aprendiz no seu momento de autor. O objetivo foi colocar o aluno em contato com o tema, segundo pressupostos bakhtinianos de que o sujeito autor e o sentido são construídos com o texto e o contexto num dado momento sócio-histórico.

3.1.1 O tema gerador como mobilizador do conhecimento prévio no debate⁵

Nomeamos os alunos, com anuência deles, e suas falas utilizando F (Fala) e o número relativo à sequência da fala para melhor entendimento dos trechos ao longo da análise. Para desenvolver o debate na sala de aula levamos algumas perguntas para desencadear a conversa, porém outras foram surgindo conforme o desenvolvimento do debate.

O gênero oral debate é propício para discutir o tema *desigualdade social*, por ser presente na realidade social e cultural dos alunos e, portanto, mais fácil de ser abordado por eles como forma de aproveitar seus conhecimentos empíricos e intuitivos por meio da oralidade. Buscamos investigar o que há de comum nas falas que os alunos compõem em relação ao tema. Temos percebido que eles argumentam com facilidade, pois se trata de um assunto ligado às suas realidades concretas de vida. Vivem a desigualdade, são atingidos por ela de forma marcante. Portanto, o uso da experiência de vida deles, como exemplo, para caracterizar condições de vida mais amplas é recorrente em suas falas.

Tendo em vista o trabalho com a língua em sala de aula, sabemos que é como língua escrita que ela é ali mais estudada, mas é como língua oral que se dá seu uso mais comum no dia-a-dia. Além disso, o jovem ou o adulto já sabe falar com

⁵ Trazemos a transcrição do debate – realizado em 20/02/17 – na íntegra nos anexos.

propriedade comunicativa quando entra na escola, e sua fala tem modos próprios de organizar e desenvolver as atividades discursivas. Assim, partimos do pressuposto de que a cultura e as condições socioeconômicas são fatores que exercem influência no trabalho com a linguagem na sala de aula.

Nos trechos que seguem, os estudantes falam da realidade de vida concreta em que estão inseridos e veem o lugar da oralidade como autorizado para eles, fazem uso de argumentos com autonomia, pois estão no seu lugar legitimado de uso da língua. Bakhtin/Volochínov (2014) e Volochínov (2017), ao tratarem da teoria do enunciado concreto, apontam a língua como a forma de materialização da enunciação, determinada pelas condições sociais de interação em uma comunidade específica. Assim, as falas dos alunos representam o contexto social e cultural de sua comunidade.

Nesse sentido, a interação no debate realizado na sala aconteceu conforme o contexto da turma: estudantes com menos e mais contato com a leitura fora do espaço escolar, puderam se posicionar e ouvir o posicionamento do outro, ao emitirem opiniões sobre a desigualdade social no Brasil. Defendemos, pois, o respeito às classes populares como produtoras e portadoras de conhecimento (FREIRE, 1988).

Lúcia (F1), através da menção ao seu relato de experiência – mostra seu conhecimento prévio sobre o tema ao se referir à desigualdade social que encontra no local de trabalho:

[...] sobre a questão da desigualdade a gente passa muito por isso no trabalho né... às vezes as pessoas por não terem assim um grau assim mais alto... por exemplo... uma professora né... eu trabalho numa escola né... eu trabalho na cozinha numa creche e às vezes as professoras nem sempre são assim... tão educadas com a gente né... às vezes a gente sofre assim certo tipo de coisa e assim a gente sente na pele no dia a dia né... (Lúcia no debate: 20/02/17)

A aluna percebe a desigualdade no modo como é tratada no trabalho através de estigmas que marcam as diferenças sociais representadas ali. Traz ao debate a questão do respeito ao próximo: pessoas podem tratar o outro com diferença, por serem de outra classe/nível social. Ainda Lúcia (F2) afirma: “é que nós mulheres sempre trabalhamos mais né gente ((risos e olha pros colegas da sala descontraída)) a mulher trabalha no trabalho... trabalha em casa... cuida de filho

cuida de marido mas a gente continua ganhando menos BEM menos né?” (Lúcia no debate: 20/02/17)

Ao se referir à posição da mulher na sociedade, diz que é, a seu ver, muito desigual em relação ao homem, no mercado de trabalho, apontando a existência da discriminação para com a mulher na sociedade, não só no trabalho, mas também no lar. Essa opinião resulta de sua posição social como mulher trabalhadora.

A discriminação é um ponto constante na fala dos participantes do debate, visto que a enfrentam em seus cotidianos. A seguir, temos exemplos de discriminação por questões raciais. Demetrius (F1) fala de sua experiência de vida – adolescente pobre e negro que presencia no seu cotidiano a discriminação por parte da polícia – órgão público que deveria oferecer-lhe proteção:

porque até hoje eu escuto falar que as pessoa apanha da polícia... a polícia mata... mas esse negócio eu acho que não acaba não fessora... porque que nem às vezes a pessoa apanha... tem hora que os cara vai pegar a pessoa num vai querer deixar vivo né fessora... vai querer matar porque se a pessoa for lá e denunciar... ((faz um gesto que desconheço)) só pelo fato fessora de ser negro... eu falo porque pode perguntar pra ele ((aponta pro adolescente do outro lado)) como que é... mas se a polícia ver um preto ela pode achar que ele tá fazendo coisa errada tá ligado? (Demetrius no debate: 20/02/17)

Dayany (F2) traz um episódio de discriminação racial que vivenciou no seu cotidiano, ao se referir a um caso específico em que uma mulher mostra, claramente, a discriminação a um passageiro por ser ele um negro:

já... já vi dentro do ônibus a mu/um/um homem tava sentado né... dentro do ônibus... é: ele era negro... aí chegou a mulher... e aí sentou do lado dele né... e aí a mulher ficou tipo olhando assim pra mim... assim fazendo gesto sabe?... como assim da cor dele e depois levantou e saiu de perto dele... e ele ficou sozinho ali naquela cadeira. (Dayany no debate: 20/02/17)

Sebastião, em sequência à fala de Demetrius pontua a questão da discriminação e injustiça de que são vítimas o pobre e o negro no país:

Então é: até queria falar voltando um pouquinho sobre a questão do negro eu acho que o negro e o pobre... estão mais ou menos no mesmo patamar de rejeição porque até já falaram em pena de morte no Brasil... muita gente fala que se tivesse isso... só ia morrer preto e

pobre... ninguém ia querer saber do branco... (Sebastião no debate: 20/02/17)

Para o aluno, tão somente o fato de a pessoa ser pobre e/ou negra constitui causa de discriminação e injustiça social. Estes estudantes trazem consigo conhecimentos relacionados à desigualdade social; aqui, destacam discriminação racial. A aprendizagem da língua pautada pelo efetivo exercício linguístico, através do debate, possibilitou o resgate de ideias prévias dos alunos sobre a desigualdade social, a concordância e/ou o confronto de posições e a escuta de múltiplas vozes, dado que o ensino da língua se deu articulado ao conhecimento de mundo dos aprendizes. Desse modo, acreditamos que o ensino de LP na EJA, voltado ao mundo do estudante, atendendo a heterogeneidade cultural e linguística do grupo, traz resultados positivos na aprendizagem.

3.1.2 O posicionamento do aluno ao fazer uso do discurso do outro no texto falado

Toda a linguagem é constituída de relações dialógicas. Todo enunciado tem uma espécie de autor. Todo enunciado tem um autor que assume uma interlocução com o outro. Referindo-se ao discurso falado, Bakhtin/Volochínov (2014) e Volochínov (2017) sustentam que os sujeitos, ao enunciarem, posicionam-se sobre aquilo de que falam, demonstram os valores que estruturam suas práticas e se utilizam de ideias alheias nos seus discursos. Com a análise da presença do discurso do outro, nas falas dos alunos no momento do debate e da roda de conversa, buscamos observar em que posição os alunos se colocam quando tratam do tema e dos problemas que tematizam em suas falas. Percebemos que se posicionam como quem não têm condições de promover mudanças e colocam nos políticos a responsabilidade pela mudança/melhoria de vida. Em outras situações se posicionam com visão de que a mudança é possível por meio da educação e ainda reconhecem a relação de poder que existe em relação ao uso da linguagem no país.

Apresentamos as transcrições das duas rodas de conversas nos anexos. Usaremos T1 para o texto A crônica da Desigualdade (lido em 24/02/17), T2 para o texto As desigualdades sociais no Brasil (lido em 02/03/17) e T3 para o texto Cidadão (visto em vídeo e lido em 08/03/17) – textos fonte que embasaram a

discussão dos alunos nas rodas de conversas. Defendemos a participação ativa responsiva do aluno, amparados em Bakhtin (2003), pois o falante tem compreensão ativamente responsiva, e ele não espera uma compreensão passiva, antes, a participação se faz ativa na comunicação.

Temos observado que os diálogos dos estudantes constituem mostras reais do discurso do outro, afinal eles fazem parte de uma comunidade na qual a língua acontece de forma específica com suas características de gramática, sintaxe e semântica próprias. Em consonância com essas posições, Marcuschi (2009, p. 22) defende a proposta de

Mostrar que todo uso e funcionamento significativo da linguagem se dá por meio de textos e discursos produzidos e recebidos em situações enunciativas ligadas a domínios discursivos da vida cotidiana e realizado em gêneros que circulam na sociedade.

Ora, as palavras não são lançadas ao vento, são sempre pronunciadas pensando-se num terceiro, num outro. Para Bakhtin, mesmo no contexto, o discurso do outro sofre mudanças semânticas, já que existe a influência de quem o reproduz. A especificidade semântica se dá quando os estudantes utilizam a linguagem oral representativa de seus grupos de periferia ao se referir e criticar a desigualdade social do país. Estes estudantes são sujeitos em constante interação na sala de aula. Logo, conforme Volochínov (2017, p. 254), “o enunciado alheio é percebido não por um ser mudo, que não sabe falar, mas por um ser humano repleto de palavras interiores”.

Há momentos e situações em que o discurso se mostra de acordo ao autor referência, outras situações em que o discurso do aluno se mostra como um contraponto ao discurso citado e, há ainda o discurso em que o aluno polemiza com o discurso citado. Esse uso serviu para concretizar a relação entre gêneros e, sobretudo, para favorecer a negociação dos argumentos quando o discurso dos próprios alunos foram retomados como forma de adesão ou discordância.

Entendemos com Marcuschi (2007, p. 68) que:

Todo indivíduo quando chega à escola ou quando passa a se dedicar ao aprendizado da escrita já domina a língua na sua forma oral. Assim, será importante saber quais são as formas preferenciais dessa modalidade para enfrentar as questões que aparecem na produção escrita.

Os alunos encontraram legitimidade dos falares na sala de aula, desenvolveram o respeito ao sujeito falante (o outro), perceberam a natureza dialógica da língua (a necessidade do eu e do outro), não presenciaram o preconceito na sala de aula no uso da linguagem e puderam aprender a desenvolver competências para saber lidar com o conhecimento novo. Logo, um ensino voltado para o contexto de vida do aluno de EJA favorece a sua inserção no universo da aula e o contato com o conhecimento novo se faz significativo, visto que o discente tende a se sentir acolhido no espaço da sala de aula.

3.1.3 O lugar de injustiçado social e a reivindicação por melhores condições de vida

O discurso representativo de sujeito injustiçado socialmente está marcado no discurso oral dos alunos e nos posicionamentos através de enunciados típicos dessa realidade tão presente no país e em suas vidas. Os alunos se autodeclaram injustiçados socialmente. Seus discursos mantêm a posição de reféns da desigualdade, colocam-se como pertencentes à classe dos menos favorecidos sociais. Marcam nesse uso, suas dores, representadas na fome, no desemprego, no subemprego, na sobrevivência indigna.

Antônio (F1) deixa claro seu posicionamento de alguém conhecedor do tema e de quem enxerga a relação entre ricos e pobres como necessária, ele se vê incapaz de mudar essa realidade que, segundo ele, apenas os governantes podem fazê-lo:

Tem muito né... é... no Brasil há desigualdade na saúde... na educação... no trabalho, né? agora tem uma que não acaba né? É a do pobre e do rico... porque o rico precisa do pobre e o pobre precisa do rico também né... pra poder viver... só isso... mas pra melhorar isso tem que... os nosso político... depende muito deles né... pra poder melhorar muita coisa... senão não melhora nunca, entendeu?
(Antônio no debate: 20/02/17)

Pode-se assegurar que este senhor exemplifica o pressuposto bakhtiniano da capacidade de todo e qualquer ser humano de se utilizar da linguagem, formulando perguntas e respostas diante dos acontecimentos da vida (BAKHTIN, 2003). A esse

respeito, Marcuschi (2009, p. 57) afirma que “o falante de uma língua deve fazer-se entender e não explicar o que está fazendo com a língua”.

Embora o aluno tenha uma posição de vítima e aceite a desigualdade de forma passiva, ele está fazendo uso da linguagem para expressar o seu posicionamento. Sua fala caracteriza a posição de alguém que vê a necessidade de existir o pobre para satisfazer as necessidades do rico, demonstra total conformismo. Freire (1980, p. 74) destaca ser imposição do sistema político esse tipo de postura:

A questão de oportunidade enraizada na mente do povo faz com que acredite que é por ser ignorante que não cresce na vida, portanto ele é o culpado. O sistema cruel dos governantes não permite que a população perceba que o que existe é uma exorbitante desigualdade de oportunidades, uma cruel distribuição de rendas. A saúde, a educação que são negadas a essa gente ainda é posta para eles como normal porque nasceram pobres e devem morrer pobres, devem entender para o bem da elite dominante que é a vontade de Deus. No entanto, o marginalizado não escolhe esse tipo de vida, o pobre não escolhe o desemprego, a fome, a miséria, pelo contrário, é imposto a ele, é a realidade que lhe aparece: “São aqueles que se dizem marginalizados – entre eles os analfabetos – que decidem deslocar-se para a periferia da sociedade?”

Todavia, no final de seu discurso, o aluno responsabiliza os políticos pela possível melhoria, pois, a seu ver, mesmo que a pobreza seja um mal necessário, há possibilidade de se fazer algo a fim de que este mal necessário não seja tão grande, a depender dos políticos.

Zenilton (F5 debate: 20/02/17): “Os deputado vai pra cadeia aonde pelo amor de Deus?” discorda da fala de Antônio (F8 debate: 20/02/17): “agora vai pra cadeia o rico entendeu... não é só pobre que vai pra cadeia agora não ((risos)) até o rico vai pra cadeia... até os políticos já tem um bocado na cadeia” e demonstra desconhecer o fato de que políticos estão sendo julgados e condenados por seus crimes, o que constitui novidade no país com um histórico de impunidade. É perceptível a contraposição de Zenilton ao discurso de Antônio. Enquanto este aceita como normal a sua situação de pobre junto a milhões de outros brasileiros, aquele percebe a impunidade marcante no país – ricos e políticos ou políticos ricos representam um histórico de que a lei não se aplica a eles.

Zenilton, em diferentes momentos lembra alguma situação injusta vivida por ele, em seu relato de experiência, que se vê na posição de negro, pobre e sem

estudos. Foi perceptível a dificuldade de falar e o nó na garganta para evitar que o choro aflorasse ali mesmo! O lugar que o aluno ocupa, de morador da periferia, é representado no seu discurso, que traz a palavra **favela** carregada de um peso que só ele mesmo, por vivenciar a injustiça e desigualdade no dia a dia, é capaz de sentir. O aluno pontua ainda que, embora a responsabilidade seja dos representantes do povo, ele também, e seus pares, têm uma parcela de culpa por não se posicionarem:

[...] como a saúde sofre muito com isso... a escola né as conta da água luz... então é mais difícil... cai a ficha que os mais pobre que mora em **favela**... que nem hoje **eu tava vendo a pesquisa na televisão** a **favela** pegou fogo aí mais de 300 pessoas ficaram desabrigadas [...] a pobreza no Brasil vem através dessas coisa aí ó política... a gente mesmo que não fala... não tem vontade de falar... pelo Brasil... as coisa fica mais complicada... então meu ponto de vista é esse aí a gente vem sofrendo com a desigualdade. (Zenilton T2: 02/03/17)

Antônio, no entanto, com uma postura de aceitação das desigualdades como algo normal, contrapõe o discurso de Givanilson, discordando de seu ponto de vista sobre o enriquecimento rápido que, para ele, independe de políticas de governo e parece demonstrar ser coisa do destino:

Como ele falou né... ((aponta para Givanilson)) esse problema de/da pessoa enricar é:: num tem nada a ver com político não [...] é que isso do cara enricar não pertence à política... porque a maioria dos jogador de bola eles são filho de pobre... entendeu?... e hoje eles são tudo rico... a maioria... e não tem nada a ver com político... entendeu?... se você nasce pa/pra ficar rico... cê/cê fica rico... se nasceu pra ficar pobre... morre pobre... então não tem nada haver... no MEU VER... com política não. (Antônio T2: 02/03/17)

Os textos de Antônio, Zenilton e Demetrius – alunos que não têm o contato com a escrita formal no espaço fora da escola – apresentam certos problemas de coesão, ortografia, sintaxe, o que é aceitável, em decorrência de suas realidades de vida como estudantes, senhores, anos fora da escola, e que tiveram um contato breve do gênero trabalhado. Apesar disso, atenderam a proposta de trabalho, pois desenvolveram textos com parágrafos, títulos e emitiram opiniões embasadas nas leituras realizadas no percurso das aulas que antecederam a produção escrita.

Com base no que dissemos no parágrafo anterior, o contexto do aluno está em embate com o contexto escolar,

Na verdade, qualquer enunciado real, em um grau maior ou menor e de um modo ou de outro, concorda com algo ou nega algo. Os contextos não se encontram lado a lado, como se não percebessem um ao outro, mas estão em estado de interação e embate tenso e ininterrupto (VOLOSHINOV, 2017, p. 197).

Givanilson, ao falar sobre o texto “As Desigualdades Sociais no Brasil” que retrata a vida injusta do brasileiro pobre, percebe a relação desigual, colocada pelo autor no texto, entre a minoria de ricos brasileiros e a grande maioria de pobres que sobrevivem com baixos salários, insuficientes para suprir necessidades básicas da vida. Seu discurso rebate o de Antônio que vê como normal a relação verticalizada entre ricos e pobres:

Então... **falando um pouquinho da fome que atingiu milhões de brasileiros...** na minha opinião é mais sobre isso aí... a questão dos salários muito baixos e:: não ter moradia para essas pessoas né... então... é muita desigualdade porque uns ganham demais e outros ganham menos... e chega nesse ponto de muitas pessoas passarem necessidade [...]” (Givanilson T2: 02/03/17).

Sebastião (F1) questiona o fato de se exigir experiência de trabalho para quem busca o primeiro emprego. A visão de um sujeito que se reconhece injustiçado socialmente ao questionar a exigência da experiência profissional para o jovem:

É... por exemplo... eu tenho duas filhas e estão... agora uma arrumou emprego... mas as duas estavam... e eu também estou desempregado né... e a primeira coisa que eles pedem é:: nas/como... um perfil né... pra/pro cargo... e tudo mais... é:: experiência... agora eu pergunto... como é que alguém que NUNCA trabalhou pode ter experiência né? (Sebastião no debate: 20/02/17)

Na roda de conversa sobre o texto As desigualdades sociais no Brasil, Sebastião (T2) emite sua opinião, com um discurso que também se contrapõe ao de Antônio, fazendo uma relação entre o que o autor do texto lido, Marcos Cintra, defende no texto e o que ele traz de sua bagagem de vida concreta. Assegura ter lido o texto mais de uma vez e mostra o seu desejo em expressar a sua opinião “eu queria falar sobre isso”:

Então... eu quero falar aqui da/de algo que já é o reflexo da desigualdade... é:: por exemplo a desnutrição... a mortalidade infantil... a marginalidade... tudo isso já é um reflexo da/da desigualdade... quer dizer... a desigualdade causa tudo isso né... **aqui tá dizendo** que é/são expressões usadas para expressar a desigualdade social no Brasil... então... essa/essas expressões é exatamente isso... é:: se... como é que eu vou dizer... então... a desigualdade leva uma nação/um país a sofrer isso né... tem mais coisas inclusive... mas **desde a primeira vez que eu li o texto** eu queria falar sobre isso... que isso já é um reflexo ou seja o resultado que depois fala no desemprego... mas o desemprego e a falta de:: condições que a população sofre... é: traz tudo isso... sofrimento... desigualdade... violência... então é isso.(Sebastião T202/03/17)

É interessante ressaltar como a sala de aula pode se constituir um espaço de contrapalavras, contrapontos e, portanto, de conscientização dos alunos, do papel de ouvir, na interação, reconhecendo o lugar do outro e com postura ativa e não passiva.

Nesse sentido, o diálogo na sala de aula se constrói com o uso de contrapalavras nos discursos dos alunos, caracterizando diferentes pontos de vistas sobre a temática discutida, o que constitui um processo formativo de interação no espaço da sala de aula.

3.1.4 A responsabilização do outro pelas desigualdades sociais e econômicas

Nos excertos que seguem, os alunos pontuam a responsabilidade dos governantes para com a população, através de políticas públicas, fazendo uma crítica pontual a não realização dessas políticas, em prol do desenvolvimento do país de forma a abranger a população pobre – a que sofre os terríveis efeitos das desigualdades sociais.

Givanilson (F1) faz a leitura da realidade política brasileira citando os políticos como responsáveis pela desigualdade social, argumentando que são eleitos para defender os direitos do povo, no entanto, só defendem seus próprios interesses. Faz menção às contas suíças, em paraísos fiscais, ao mau uso feito do dinheiro público e à falta de investimento em educação:

eu acho que... na minha opinião... aí é os políticos... porque a gente coloca... a sociedade coloca os político lá pra defender a gente... pra defender a nossa causa... pra nos trazer educação... e:: à população né... uma saúde boa... uma educação boa e:: eles num olham pra isso... eles dão o suficiente tipo pra/pa... tipo só pra ELES... o que acontece aí nesses/ nesses/nesses rolos que já apareceu aí né... muitos... conta na suíça... dinheiro em outros países... enquanto nós os pobres aí estamos sofrendo com educação péssima... entendeu... num capacita... num capacita os professores ou os alunos... entendeu... a minha opinião é isso aí. (Givanilson no debate: 20/02/17)

Na roda de conversa do texto *As desigualdades sociais no Brasil*, que abordou questões políticas, Zenilton trata do tema colocando a questão da dívida externa do Brasil que, conforme ele viu numa outra fonte, não citada por ele, de que a dívida tinha sido paga pelo ex-presidente Lula. O aluno reproduz informações obtidas por meio de notícias vistas na TV e emite parecer, utilizando argumentações adquiridas no seu histórico de experiência de vida numa sociedade. O discurso do aluno, advindo de sua vivência cotidiana e, escolar, legitima o seu dizer, marca o seu conhecimento de mundo e o adquirido na escola – como o excerto abaixo mostra. No final, conclui que ele e os demais pobres brasileiros estão sempre à mercê do descaso dos governantes, "em terceiro lugar":

Professora **eu tava vendo aqui na matéria da senhora** sobre o/a política né... por isso a gente vem sofrendo com a dívida do Brasil muito grande... **eu fiquei vendo uma pesquisa hoje... na pesquisa tava me informando** que a gente já tava acabando as dívida... eu não acredito nisso... e desde que eu sou criança e que eu me conheço sei que a dívida do Brasil é muito grande... apesar que o Lula diz que uma vez conseguiu... a economia... conseguiu abater um pouco essas dívida... porém por mais que ele abateu... tudo... a razão social do/ de nós que é mais pobre... fica em terceiro lugar né? (Zenilton T2: 02/03/17)

Na roda de conversa do texto *A crônica da desigualdade*, o aluno, ao se referir à fala de Sebastião, para falar do problema da educação no país, num contraponto, diz que, informação nos dias atuais é o que mais tem, embora não perceba que a sua quantidade compromete o discernimento do que é útil. Faz menção aos políticos como os responsáveis pela alta do número de adolescentes fora da escola e que o fazem para se manterem no poder, tendo a população

desinformada e incapaz de enxergar as injustiças no sentido de lutar contra, o que vem ao encontro da fala do colega de sala:

porque que nem nosso companheiro ali falou... eu acho também que não é... as/as criança hoje em dia... não é falta de informação... porque na data que nós tá de hoje... acho que é muito difícil não ter informação... porque a: **dependendo do que a gente vê na televisão... escuta no rádio... informação tem mais aí bastante...** aí então a educação já vem lá desde lá de baixo né... o pai... a mãe... porque eles num tiVeru estudo... então já é um fator muito grande... e agora os político levaru a fazer tudo isso aí... fazer crescer mais a população... é: pobre... depender deles... pra eles poder crescer e a gente ficar pra trás né... a gente que eu falo é a parte de pobre....(Zenilton T1: 24/02/17)

Lúcia é mais uma aluna que fala da relação desigual entre ricos e pobres no país, este dado chamou a atenção dos alunos, pois a diferença é gritante e quando eles se deparam com os números, recebem um choque de realidade. Traz um dado do texto para demonstrar a disparidade na divisão de renda e culpabiliza o governo pela desigualdade:

então... tá tudo assim... difícil... **como fala/diz aqui...** só 4% por cento da população é rica... ou seja... o que eles querem... que eles lança é o preconceito... porque grande parte da riqueza fica só com eles... enquanto nós... a MENOR... a MENORZINHA parte que tem... e a gente tem vida sofrida... levanta cedo pra trabalhar... pra ganhar o nosso pão de cada dia [...] e é o seu EMPREGO... é o seu PÃO... então... no Brasil é muito difícil sobreviver... cada dia que passa tá mais DIFÍCIL... e o nosso governo não faz nada por nós... eu acho que assim... falta um governo que verdadeiramente se preocupe com a população.(Lúcia T2: 02/03/17)

Nos excertos acima, os alunos apontam o governo como responsável pela manutenção das desigualdades sociais, preservando o *status quo*. Apresentam um posicionamento de leitura da realidade de vida do país, principalmente aquela em que estão inseridos, e o fazem de maneira crítica. Reconhecem que os governantes, embora sejam seus representantes – legitimados pelo voto – não cumprem esse papel, e mais: fazem mau uso do dinheiro público roubando a população.

Os estudantes citam as contas dos políticos no exterior, a dívida externa do Brasil e dão ênfase à má distribuição de renda do país, onde a minoria tem riqueza e a maioria, vive na miséria! Com exceção de Antônio, os alunos trazem discursos de reivindicação num teor de clamor por justiça social!

3.1.5 Marca de resistência – a educação e a cultura como fatores de mudança social

Os discursos dos trechos que seguem marcam o posicionamento crítico, o aluno enxergando-se como capaz de mudar a situação de injustiça social através da educação. Temos o discurso de um aluno que se sente autorizado a dizer, reconhece e faz uso do seu direito de voz.

Nestes trechos, os alunos pontuam a educação como ferramenta para lutar contra as desigualdades sociais e enxergam a possibilidade de alterar as condições de desigualdades por meio da educação, destacando, inclusive, que a falta de política públicas voltadas para esta área, acarreta e propagam a perpetuação dessa desigualdade. Sebastião dá ênfase, inclusive, à educação cultural como um fator de combate à desigualdade. Mostra que a perpetuação da cultura dominante como detentora do poder sobre as culturas populares mantém a disparidade entre ricos e pobres no país.

Zenilton faz referência à fala de Francisco para sustentar a sua argumentação e responsabiliza os políticos quanto ao dever de oferecer educação, saúde e respeito às diferenças, e aponta a educação como único meio de se tentar diminuir a desigualdade no país. Para ele, o povo pobre deve estudar para ter chances de mudar de vida:

é muitos estão né... porque se só tem rico e a gente não procurar os estudo hoje em dia... a coisa vai ficar mais complicada mais pra frente... se a gente que agora tá sendo complicado... imagina os novo que tão vindo... se não tiver estudo... a desigualdade vai ser maior ainda... **que nem o seu Francisco falou...** os políticos... os político só vê pra eles né... o racismo... o estudo... a saúde fica tudo aí a critério do deus dará. (Zenilton no debate: 20/02/17)

Sebastião sustenta que as políticas sociais no país não são praticadas, tem o conhecimento de que esse direito do cidadão é garantido na CF, isso demonstra que o aluno tem subsídios que lhe permitem saber de seus direitos, algo significativo para um aluno da EJA já quase na terceira idade – assegura o valor que ele dá ao conhecimento – adquirido de várias formas: pela leitura de livros, em discursos na igreja que frequenta e salienta em outros momentos de diálogo nas aulas, que não é um leitor/ouvinte passivo, antes, é crítico, analisa tudo e tira suas próprias

conclusões não aceitando a mídia como influenciadora de seus pensamentos e opiniões:

aí são as chamadas políticas sociais que no Brasil não é praticada né... e::: faz parte da Constituição isso aí... é: os políticos... eles não segue isso... agora a falta de oportunidades se dá exatamente por isso... **porque isso que ele citou** é:: é uma miNORIA... é uma minoria que tem isso né... num é... isso de maneira nenhuma vai entrar nas pesquisas... nem nos índices como... melhorando a desigualdade social... isso nem entra... né a:: a igualdade social só vem com programas desenvolvidos pelo/pelo governo né... com suas políticas sociais que eles tanto falam e não praticam... então por exemplo a solução seria por meio da EDUCAÇÃO né. (Sebastião no debate: 20/02/17)

O aluno não confia em fontes que não sejam suas experiências de vida, o que mostra uma posição de resistência ao discurso jornalístico e midiático como discurso de poder na sociedade. Ao citar uma frase bíblica, o aluno a relaciona ao que acontece na sociedade como um todo, ao dizer que o povo não procura o conhecimento e, por isso, não sabe eleger seus governantes sofrendo as consequências com a desigualdade social. Ao relacionar seu discurso à religião, diz saber que o Estado é laico e que a fala pode ser “tirada” da gravação, – o aluno sabia que o debate estava sendo gravado para pesquisa – se for trazer problema a ele ou à professora:

Agora... a questão do ser humano... como tratar as pessoas... muitas vezes o que falta aí é amor... **e tem uma palavra que diz... que é bíblica** né... que diz que o meu povo foi destruído porque lhe faltou conhecimento... o povo é destruído por causa disso... vale pra todas as camadas sociais... religiosos... ateus... pra todo mundo... uma nação só sofre mesmo essa discriminação... a desigualdade social porque falta conhecimento... quem é informado... quem conhece realmente não vai eleger político corrupto por exemplo... então uma pessoa que tem informação... que tem conhecimento muda uma nação... então falta amor e é mais abrangente porque o Estado é laico e se não pode falar você pode até tirar se for o caso... eu só citei essa passagem porque vale pra tudo né... vale pra tudo... pra todos né. (Sebastião no debate: 20/02/17)

Sebastião refere-se à fala de Antônio e vê a desigualdade social como um fato atemporal justificando que a política menos injusta não é possível de acontecer por não ser interesse dos governantes, vê como uma questão de educação cultural e que nasceu junto à invasão feita ao Brasil. Aqui o aluno pontua a cultura, também,

como um fator de combate à desigualdade social. Ao falar da criminalidade, o discente lembra que o Brasil é um país colônia e essa desigualdade vem desde a época do seu “descobrimento”. Sinaliza ainda a relação verticalizada que há no país entre as camadas sociais! A distribuição de renda é o que mais pesa na desigualdade social:

[...] o Brasil é um país colônia todo mundo sabe né... e desde o seu descobrimento que vem essa desigualdade... vem de cima pra baixo... quer dizer... quem tem muito continua tendo muito... a distribuição de renda que foi a primeira pergunta... que entra na desigualdade social é::: é a pior INJUSTIÇA social que existe... poucos têm muito... e muitos não têm... então se dá por isso... agora... **isso que ele falou agora** ((aponta pro colega)) das políticas sociais... eu resumiria nisso... é: muitos falam... tentam mas até hoje no Brasil... e eu acho que num vai acontecer nunca... é::: acontecer dessa política né... pra se tornar menos injusta né... essa distribuição de renda não é verdade?... Bom... e é nesse sentido aí ((risos)) e acho que esse debate vai longe... porque... vai longe... porque assim... a desigualdade social no Brasil é uma questão de EDUCAÇÃO CULTURAL né... é cultural... isso vem de gerações... de gerações... nós estamos sofrendo isso hoje mas não é de hoje NÃO... vem de centenas de anos desde que o Brasil existe né. (Sebastião no debate: 20/02/17)

Os trechos que seguem de Sebastião e de Demetrius mostram o discurso de um sujeito que se sente autorizado a se posicionar. Há uma leitura de mundo e uma compreensão do tema abordado para, então, desencadear a produção de seu discurso. Em sua fala, ele se posiciona como quem é conhecedor do seu direito de voz, do seu dizer! E quer se fazer ouvir!

Demetrius (T3) faz a leitura do momento, do contexto da aula e sugere que seja trabalhada outra música – Capítulo 4, versículo 3 – do grupo Racionais MC's e analisa que aquela trazida pela professora não atende as suas necessidades e as dos outros adolescentes da sala.

Não... essas música aí é foda mano... Licença fessora... mas essa música aí é o rei da boiada né fessora... ninguém merece não fessora... essa música aí pra pessoa entender ela... tem que ser daquela época... mesmo que a letra seja fácil [...] fessora mas vamos supor... se fosse uma musiquinha mais moderna fessora... não é... não destrutando não o que você tá fazendo não... não é isso... vamos supor... **se fosse uma música... vamo supor... os racionais fala disso... vamo supor.. violência policial fessora...** (Demetrius T3: 08/03/17)

A música sugerida por Demetrius é um rap, estilo musical bastante utilizado nas classes dos menos favorecidos e que faz uma crítica social em relação às desigualdades sociais do Brasil, o que indica a apreensão do estudante do objetivo do projeto de trabalho pedagógico. Ele fez a leitura da situação, do contexto das aulas e ao apresentar essa outra fonte de leitura, não o fez de forma aleatória, mas com posicionamento político ideológico. Ele marca resistência em seu discurso ao se posicionar capaz de indicar algo relacionado ao seu mundo concreto!

Em outro trecho, Sebastião traz dados do texto, faz menção à fala de Givanilson,

É... **no último parágrafo aonde foi lido o setor informal...** é: aquelas pessoas que não são registradas né... que... é: por exemplo... os camelô.. que não são registrados em firma... enfim... que não têm empresa aberta... eu acho que essas pessoas deveriam ter um espaço na/no mercado..." (Givanilson T2: 02/03/17)

Para sustentar a sua ideia de que o povo não trabalha por não ter oportunidades, Sebastião apresenta caráter crítico ao falar das políticas públicas de responsabilidade dos governantes, justificando o fato de algumas pessoas "optarem" pelo serviço informal por causa da carga tributária:

Então... **quando fala aqui que existe 4% da população muito rica...** prova que a concentração maciça tá nas mãos de poucas pessoas... aí vem naquela questão das políticas sociais né... **porque como ele falou...** o povo quer trabalhar né... mas não tem condições... então... é questão de oportunidade muitas vezes né... é: mas pra isso aí... a gente tem que ser crítico... tem que criticar o setor do governo né... porque estas políticas públicas só o governo pode fazer né... só o governo... o incentivo... por exemplo... os impostos acabam... por que é que os camelô aqui mesmo no Serraria... a gente anda por estas ruas e vê um monte de camelô por aí?... por que a pessoa vai pro setor informal? (Sebastião T2: 02/03/17)

Na roda de conversa do texto A crônica da desigualdade, o aluno fez sua colocação fazendo alusão à fala de Dayany (T1, 24/02/17): "Na educação..." sobre um dos subtemas do texto, a educação, com dados de pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) sobre os altos índices de adolescentes que não conseguem concluir a oitava série, coloca que a falta de educação é um grande fator de perpetuação da desigualdade, pois conforme seu posicionamento, esse é

um objetivo dos governantes, manter o povo desinformado para se perpetuar no poder, conservando o sistema de opressão às massas:

isso que a gente tá vendo... vem se arrastando desde que o Brasil foi descoberto... e num é interesse... eu não sei se posso falar isso... mas não é interesse da/da/da elite né... não é interesse da elite que nós povão tenhamos acesso às informações... porque com isso na mão né... tendo acesso a essas informações teremos educação... teremos menos corrupção... quer dizer... o país muda... quer dizer é um negó/é um/é algo muito mais complexo do que isso que a gente tá conversando agora né... então pra resumir... eu acho que o principal é a falta de informação... **e que vem nisso que ela falou** a: a educação ou a falta de educação... a ausência da educação se dá exatamente por isso... porque vem se arrastando há muito tempo... dos nossos avós... dos nossos bisavós... enfim... é isso... não tendo acesso às informações não tem educação... e não tendo educação não vota corretamente... não votando corretamente vai colocar político lá que vai manter esse sistema e aí vai muita coisa gente.(Sebastião T1: 24/02/17)

Os discursos mostram que não é interesse dos poderosos que a população adquira o conhecimento, para que não seja capaz de ver as injustiças com olhar crítico. Há destaque também para a questão do tempo! O aluno ressalta que, desde a invasão portuguesa ao Brasil, a desigualdade vem se propagando até os dias atuais! Traz a questão do voto atrelada ao conhecimento e à educação. Para ele, para votar bem, é preciso ter informação através da educação. Mencionam a questão do desemprego defendendo que o cidadão quer trabalhar, mas não tem oportunidade porque o governo não lhe proporciona. Mencionam a questão tributária que massacra o trabalhador, inclusive o que está no setor informal. Mencionam a violência policial para com o pobre e o negro! Defendem que, apenas através da educação, poderá haver mudança! Os alunos destacam o valor da educação como a causadora de mudança social através de luta contra a desigualdade social.

Nesse movimento de partilha de informações no momento de interação na sala de aula, os traços culturais dos alunos surgem como tema crucial, pois como afirmam Morson & Emerson (2008, p. 153), “Dialogar com a cultura alheia significa abrir perguntas ao outro, e ao mesmo tempo, buscar, no outro, respostas para as suas interpelações, descobrindo assim, novas possibilidades de sentido”. Assim, temos que a sala de aula torna possível que esse discurso de resistência e reivindicação por melhores condições de vida, se construa em contrapontos, na

partilha de conhecimentos, que possibilita aos alunos participantes dela, terem o seu direito de voz garantido!

Em face disso, conforme Colello (2017, p. 46), o ensino pautado pelas múltiplas possibilidades de dizer e de interpretar, tendo a manifestação linguística, como recurso de expressão e de poder, com um significado essencialmente político permitiu – o desenvolvimento de um discurso do aluno – como exercício de resistência às forças domesticadoras. Nesse movimento, o aluno da EJA, com histórico de negação de seus direitos básicos de vida por parte do Estado, encontrou no discurso escolar, a oportunidade de voz que lhe falta na vida em sociedade e se utiliza dele escancarando a sua dor e o seu desejo de mudança de vida! Reconhece no uso que faz da linguagem falada e escrita na sala de aula, a chance de se expressar e se fazer ouvir por seus pares!

3.1.6 O uso da linguagem como marcador de desigualdade social

É interessante destacarmos que dois alunos falam diretamente da representação de poder que a linguagem tem. Eles são capazes de perceber que são vítimas de injustiça e desigualdade sociais em relação ao uso que fazem da linguagem. Francisco cita a questão da escrita formal escolar, representada no diploma, como marca de discriminação para com o pobre. Para ele, aquele trabalhador, como ele, que tem anos de experiência, é injustiçado ao perder o emprego por não ter um diploma.

Francisco fala do preconceito que o atinge, a dificuldade de se conseguir e/ou permanecer no trabalho para quem não tem escolaridade. O discurso de percepção de suas posições sociais como resultantes da desigualdade social e econômica do país percorre a fala deste senhor. Ele questiona o fato de correr o risco de perder o cargo, de anos de experiência prática, se não voltar a estudar. Freire vai dizer que a sociedade dominante inculca nesses homens e mulheres de periferia que eles são incapazes de aprender ou que estudar é para a elite, o pobre tem é que fazer o trabalho braçal para sobreviver (FREIRE, 1978). Francisco diz:

O preconceito que eu vejo maior também... é:: tipo... na sociedade... tipo nós né?... não temos leitura... foi criado tipo um preconceito em

cima da gente... então... qualquer coisa que você for fazer... as pessoa cria um preconceito... mesmo que não precisa de leitura pra fazer aquilo... mas a pessoa não aceita você fazer entendeu?... porque você não tem a escolaridade entendeu?... Isso é um preconceito... só que ninguém ver como se fosse um preconceito... mas que é um dos maior que tá tendo... hoje o cidadão perdeu o direito na sociedade de TRABALHAR... de fazer qualquer coisa por causa que ele não tem um diploma... isso é um preconceito que eu MAIS... que A GENTE sofre mais. (Francisco no debate: 20/02/17)

Podemos considerar também que o tempo em que o aluno exerce sua profissão pode interferir no seu modo de dizer, portanto, vê como um modo de discriminação para com o pobre, a exigência de um diploma. Destacamos que a relação de poder existente no país quanto ao uso da linguagem é percebida pelos alunos em seus discursos! Apesar dessa relação de desigualdade na e pela linguagem, eles vão à luta, se posicionam ao escrever. Trabalhando e estudando, seguem, na esperança de um futuro melhor.

Sebastião vê a posição de poder que a linguagem representativa dos poderosos exerce sobre aquela que é utilizada pela população. Ao aproveitar a fala de Francisco para emitir parecer, cita o ex-presidente da república para enfatizar seu posicionamento sobre o uso que se faz da linguagem no país, em relação às classes sociais (FREIRE, 1986). O aluno demonstra, ao perguntar se pode falar sobre o assunto, conhecimento de que política é um tema difícil de ser tratado na sala de aula. Ao concordar com a fala do colega, defende que o ex-presidente Lula, apesar de não ter uma escolaridade característica de um presidente da República, apresenta a habilidade de fala. Contudo, as críticas que lhes são dirigidas, acontecem devido ao uso dos termos linguísticos próprios da fala de nordestino – a que o aluno chama de português errado, demonstrando o preconceito linguístico arraigado na mente, e demonstrando ser vítima da desigualdade linguística tão presente no país. O estudante faz a relação entre o posicionamento excludente e opressor da classe dominante ao se referir a um ex-presidente de origem pobre e sem curso superior, sendo que não se observa a capacidade reflexiva e de atuação humana (FREIRE) inerentes ao ex-metalúrgico. Questiona a capacidade argumentativa de Lula não ser levada em consideração pelos que criticam seu uso da linguagem coloquial em discursos feitos como presidente:

(F1): é... então... eu queria falar o seguinte... a:: é:: por exemplo o presidente Lula né... pode falar isso?... ele é motivo de chacota por

muitas pessoas porque... às vezes ele fala o português ERRADO e:: e nunca foi visto pela questão da capacidade né?... **o que o colega falou aí é verdade**... às vezes você é:: é capaz né?... você tem... é: pode desempenhar um trabalho e:: por causa disso né... de um diploma ou algo parecido... principalmente no mercado de trabalho hoje né... (Sebastião no debate: 20/02/17)

A colocação do aluno, na fala 1, reflete o que Marcuschi (2007, p. 36) aborda sobre os usos da linguagem:

A escrita é tanto uma forma de domínio da realidade no sentido de apreensão do saber e da cultura, como é também uma forma de *dominação social* enquanto propriedade de poucos e imposição de um saber oficial subordinador [...]

O aluno se posiciona contra o uso da linguagem como um fator de discriminação, defendendo que não é a adequação a uma norma linguística o que é fundamental, mas as possibilidades argumentativas que o sujeito desenvolve. Dessa forma, ele enxerga a linguagem escrita como forma de dominação social, ainda que nunca tenha lido Freire ou Marcuschi, mas porque fala de conhecimento de causa, de algo que vivencia. Os alunos se posicionam como injustiçados sociais, mas não como incapazes de lidar com a situação, antes, defendem a busca por soluções, a luta por melhores condições de vida por meio da educação.

Ao longo do debate, os alunos fizeram uso de discursos representativos de suas linguagens utilizadas no cotidiano, e de forma mais natural, desprendida, fizeram suas colocações com autonomia para dizer e com uso dos recursos linguísticos que possuem, sentindo-se num lugar legitimado; nas rodas de conversas, percebemos em suas falas os argumentos advindos das leituras dos textos representativos de gêneros discursivos escritos que configuram características diferentes daquelas do debate. O que nos permite dizer que a escola contribui para o desenvolvimento das possibilidades argumentativas dos alunos e de seu posicionamento crítico ao possibilitar a produção de contrapalavras. Desse modo, favorece a constituição do diálogo crítico e, nessa ordem, os discentes caminham pelos textos que lhes são apresentados, os orais e os escritos, e se apropriam da temática discutida argumentando e emitindo opiniões como sujeitos dotados da habilidade de se utilizar da língua por meio das suas modalidades de uso. Ainda, a noção de formalidade e informalidade, com relação ao uso da língua, sobretudo, passa também a nortear a reflexão dos alunos, a partir do momento em

que estes começam a perceber os diversos usos da língua nas duas modalidades de uso, e suas variedades, não como erro, mas como variantes que dependem de determinadas situações enunciativas.

Os discursos dos alunos têm pontuado a percepção das desigualdades sociais das quais são reféns e a leitura crítica que fazem dessa realidade vai ao encontro do que afirma Silva (2014, p. 23): “A expectativa que o Brasil tem em relação à Educação que oferece aos seus cidadãos é inversamente proporcional aos investimentos financeiros e ao valor que atribui à carreira docente e à escola pública”. Os alunos alcançam a conscientização de que eles, juntos a muitos brasileiros, têm acesso a uma cultura escrita distribuída de forma desigual – reflexo da desigual distribuição de recursos econômicos, sociais e culturais.

Nessa direção de análise, temos visto nos discursos dos estudantes, conforme Dolz e Schneuwly (1999, p. 203): “que as interpretações das práticas de linguagem dependem da identidade social dos atores e das representações que eles têm dos usos possíveis da linguagem e das funções que eles privilegiam de acordo com sua trajetória”. Ao fazer uso de seu direito de voz na escola, o aprendiz se utiliza do conhecimento da linguagem que lhe é familiar para emitir parecer a respeito de temas importantes para a sua vida social no espaço da escola e fora dele. Assim, temos que a escola é tomada como autêntico lugar de comunicação e as situações escolares como ocasiões de leitura e produção de textos e os alunos encontram-se em situações em que a escrita é possível e necessária.

O acolhimento do aluno pela linguagem é indispensável para um ensino de LP que o trate como capaz de “aprender a escrever a sua vida, como autor e como testemunha de sua história, biografando-se, existenciando-se, historicizando-se” (FREIRE, 1968, p. 13). Valendo-se de conhecimentos aprendidos na vida social junto à vida escolar, os discentes demonstram capacidade e desejo de lutar contra a opressão do antidiálogo e pelo direito do diálogo – porque brasileiros como os demais – quer ele, cidadão adulto, batalhador, lutador pela sua sobrevivência, ter seu direito de voz garantido. No uso mesmo da linguagem, por ser ela mesma, a maior representação da vida humana, o homem se faz homem. Expressa suas crenças, medos, sonhos, cria e recria. Os alunos, mais que receber uma informação a propósito disto ou daquilo, analisam os aspectos de sua própria experiência existencial representada no uso que fazem da linguagem. Em todas as modalidades

de uso, na oral e na escrita, eles revelam suas visões de mundo. Conforme a maneira como eles veem o mundo e como o abordam – de modo fatalista, estático, ou dinâmico – representa a capacidade ativa responsiva bakhtiniana.

Embora ousado, afirmamos aqui que o educador que viveu na prática a fome, a injustiça social como Paulo Freire, dentre muitos outros e, nesse caso, se enquadra a professora/pesquisadora, predispõe de um sentimento de partilha com esses alunos de EJA e, ao estar com eles, é como se revivesse um pouco do que ficou para trás e surge o desejo veemente de lutar contra todo e qualquer sistema de opressão. Freire (2006, p. 74), um dos maiores educadores do mundo, nordestino, pernambucano e pobre traz um relato de sua vivência marcado como importante:

[...] Enquanto andávamos pelas ruas daquele mundo maltratado e ofendido eu ia me lembrando de experiências de minha juventude em outras favelas de Recife ou de Olinda, dos meus diálogos com favelados e faveladas de alma rasgada.

A evolução humana é constante, é com o aprendizado que o homem realiza-se como pessoa, embora dispondo de pouco conhecimento, quando este adquire novos, há um processo de alegria e satisfação e a automotivação para aprender mais, é uma realidade. O homem desiste de aprender aquilo que considera impossível, em se tratando da escola, pela distância extrema do abstrato que ronda as salas de aulas da vida concreta deste.

Os textos dos alunos servem de objeto de estudo de como é preciso nos dias atuais que se rompa o pensamento do currículo tradicional que atende a educação bancária, interessada em quantidade e não em qualidade e mostram ainda a necessidade de se promover, na sala de aula, práticas sociais de letramento e de uso da língua que represente a vida social fora da escola, a fim de prepará-los para lidar com situações diversas de uso da linguagem, tendo experiências de acesso e aprendizagem dessas práticas nas aulas de LP, considerando valores e conhecimentos locais, do meio onde vivem os alunos e também aqueles legitimados e valorizados pela instituição escolar.

Temos visto que o pouco caso do poder público para com o ensino e a escola pública é visto e discutido pelos alunos, de forma crítica, ao perceberem que a falta de recursos econômicos destinados às periferias atingem também a educação criando uma terrível desigualdade de acesso à cultura letrada. Conforme Freire, as

peessoas que moram na favela e são vítimas das desigualdades sociais não escolheram este lugar para si, antes, são colocadas nesta situação desigual devido às injustiças sociais e à falta de investimentos em políticas públicas.

Outro fato a ser considerado é a heterogeneidade de experiências das turmas de EJA. Basta lembrarmos que os nossos alunos, sujeitos da pesquisa, constituintes de uma só turma, têm uma diversidade considerável – os adolescentes se juntam a jovens senhores e senhoras (solteiros, casados) e a senhores e senhoras de terceira idade – que se dividem ainda quanto à naturalidade, cor e raça, religião, estando em situação parecida apenas na questão de nível social (todos moradores de periferia e com baixas condições de vida), essa heterogeneidade requer um cuidado meticuloso ao abordar a questão do ensino da linguagem. O conhecimento de linguagem deste grupo específico de estudantes é de uso das práticas orais, enquanto o ensino das práticas de uso da escrita, são ensinadas, aos poucos e com cautela, no dia a dia das aulas de LP.

Nesse sentido, o ensino de LP, feito a partir dos gêneros discursivos e das práticas de letramento, não tem o objetivo de manter a perpetuação das práticas culturais hegemônicas, mas possibilitar a inserção das práticas de letramento e uso da língua que interessam ao grupo com oportunidades do direito de voz de modo a proporcionar a autoafirmação destes alunos para seguirem suas trajetórias singulares de letramento, tendo a vez e a voz para ser e dizer o que são e o que querem para si mesmos como pudemos ver nos textos de opinião da 7ª A.

Compactuamos dos pressupostos de língua de Colello (2017) ao defender que a língua medeia a passagem do plano sensível (apreensão intuitiva do mundo) para o plano inteligível (a elaboração que atribui sentido ao mundo), sendo constitutiva do homem. Por meio de seu uso, o indivíduo se integra na corrente comunicativa de seu mundo, apreende sentidos, assumindo papéis sociais e gerando a sua própria consciência. A autora defende um ensino da língua como um direito de todos, voltado para a formação humana e para a inserção social do sujeito com práticas de ensino necessariamente contextualizadas.

O debate permitiu o estabelecimento de vínculos do discurso do aluno entre o tema em questão e os outros discursos dos colegas e de suas vivências particulares, implicados e transformados no momento do novo dizer. Acolher a sua palavra significou considerar a sua existência e singularidade. E neste trabalho com

a fala e a escuta, ampliaram-se as possibilidades do dizer, do ouvir e do interpretar, do como dizer e do como interpretar. O como dizer respeitou a linguagem do aluno e o como interpretar deu a ele o direito de voz, no momento do debate, com o seu conhecimento de linguagem prático. Nesse movimento, verificou-se a fala do outro como uma possibilidade de agregar valor à sua, que, por sua vez, agrega uma terceira, e assim por diante. Em contrapartida, essa fala do outro, verificou-se uma contrapalavra à sua. A instituição do diálogo no debate se fez pelo envolvimento do aluno em práticas de falas que articularam produção, escuta e reflexão. Assim, consideramos que o que ora dissemos vem ao encontro de Soares (1998, p. 41):

[...] Letramento é diversão
é leitura à luz de vela
ou lá fora, à luz do sol.
São notícias sobre o presidente
O tempo, os artistas de TV
e mesmo Mônica e Cebolinha
nos jornais de domingo.

É uma receita de biscoito
uma lista de compras, recados colados na geladeira,
um bilhete de amor
telegrama de parabéns e cartas
de velhos amigos
É viajar para países desconhecidos
sem deixar a sua cama
é rir e chorar
com personagens heróis e grandes amigos.

É um atlas do mundo,
sinais de trânsito, caças ao tesouro,
manuais, instruções, guias,
e orientações em bulas de remédios,
para que você não fique perdido.

Letramento é, sobretudo,
um mapa do coração do homem,
um mapa de quem você é
e de tudo que você pode ser.

4 A APROPRIAÇÃO DE RECURSOS LINGUÍSTICO-DISCURSIVOS E ARGUMENTATIVOS NO DISCURSO ESCRITO DO ALUNO DA EJA

A verdade não nasce, nem se encontra na cabeça de único homem; ela nasce entre os homens, que juntos a procuram no processo de sua comunicação dialógica (BAKHTIN, 2010, p. 125)

Neste capítulo, apresentamos os dados obtidos do *corpus* – textos dos alunos sujeitos da pesquisa. Destacamos que os trechos estão escritos conforme o original do aluno, sem correção.

Consideramos importante ressaltar que, ao solicitarmos que os alunos produzissem o texto escrito, tínhamos a hipótese de que, amparados pelos repertórios argumentativos do debate e das leituras realizadas durante o processo, poderiam desenvolver a habilidade argumentativa também através da escrita.

De fato, na maioria dos textos, os estudantes procuraram fazer referências aos autores dos textos lidos, bem como trouxeram outras referências advindas de seus conhecimentos de mundo. Isso se deve ao fato de que o tema trabalhado lhes é familiar, temática com a qual possuem uma relação de identidade, já que são vítimas da desigualdade social constitutiva do país.

Observaremos os argumentos escritos na produção de texto, ressaltando o tema discutido em todas essas etapas e desenvolvido para melhor fundamentar o aluno ao apropriar-se dos recursos linguístico-discursivos do gênero escrito abordado. Temos a hipótese de que a aquisição dos gêneros discursivos típicos da escrita, se feitos de forma gradual, partindo de habilidades mais simples às mais complexas, possibilita ao estudante desenvolver sua capacidade argumentativa.

Percebemos a preocupação dos alunos autores em fazer citações dos textos fonte e de fazer uso do caráter argumentativo e do posicionamento crítico demonstrando entendimento das características do gênero abordado. Sabendo que, o aluno da EJA é um estudante com pouco contato com a leitura e a escrita formal

fora do espaço da escola, consideramos que o produto final demonstrou que, o trajeto percorrido nas aulas, possibilitou a aquisição de recursos linguístico-discursivos próprios da escrita, conforme os gêneros trabalhados. Esse fato permitiu a eles falar – por meio da escrita – de suas dores e vivências e marcar o seu posicionamento, permitindo ainda que eles dessem vazão ao que de tão perto os atinge e fere – a desigualdade social. Ao encontrar, no repertório da memória, fatos semelhantes àqueles trazidos no debate e nos textos lidos, os alunos perceberam a identificação com determinadas situações vividas por eles no dia a dia.

Dito isso, ressaltamos que a modalidade de ensino em que estão inseridos, a EJA, destinada àqueles que não cursaram ou completaram a Educação Básica no tempo adequado, abrange um enorme e heterogêneo grupo de pessoas afetadas pela sua condição de distanciamento da escrita formal, representativa da linguagem padrão, a escrita escolar, e, portanto, ensinada na escola que, embora represente e defenda a formal, precisa ser representativa também de diversos outros gêneros discursivos, orais e escritos. Esse distanciamento os limita social e economicamente. O lugar que ocupam na sociedade é o das margens.

Pudemos constatar nos textos, que os alunos se percebem nesse lugar social de desprestígio, de injustiça social e que trazem discursos seus, de pessoas que fazem a leitura dessa realidade de forma crítica, não apenas de forma passiva, reproduzindo o discurso de outros. Logo, o fato de vivenciarem a desigualdade permite que se observem com legitimidade para falar do tema. Pensar sobre quais gêneros e textos a trabalhar na sala de aula, de forma que sejam textos significativos ao aluno, é uma prática defendida pelos autores que, aqui, servem-nos de referência.

Os projetos de letramento foram apresentados, nesse contexto, como ponto de partida para formular experiências de letramento escolar que considerem a diversidade de gêneros que temos. As pessoas e os grupos sociais da EJA são heterogêneos, e as diversas atividades cotidianas de uso da língua, que elas desenvolvem, acontecem de modos muito variados. Defendemos o ensino de LP voltado para o trabalho em que oportunize ao aluno compreender que pode se utilizar da língua, oral e também escrita, para não aceitar marcas de opressão e estereótipos que a sociedade lhes impõe. A esse respeito, Marcuschi & Dionísio (2007) sustentam que temos duas maneiras de funcionamento da língua, duas

modalidades de uso e que, o que marca a seleção dessas modalidades é a prática social de uso do discurso: fala e escrita são duas modalidades de funcionamento da língua, e não duas propriedades de sociedades diversas.

Ressaltamos que os interlocutores presumidos e pensados pelo estudante no momento da produção foram os professores e os alunos da escola. Pensamos nesse quesito porque é um traço constitutivo do enunciado, o seu direcionamento a alguém, o seu endereçamento. Todo enunciado tem autor e destinatários, é interessante que o estudante de EJA perceba que ele também pode ser um autor/leitor de texto escrito e, não apenas, o escritor legitimado socialmente, visto que esse estudante tende a não se enxergar como capaz de produzir um texto escrito.

4.1 A ausência da voz do aluno – o silenciamento da e pela escrita

Consideramos importante mostrar que houve apenas um caso de não posicionamento, demonstrando o poder de silenciamento, a que os outros alunos conseguem contrapor. Temos um aluno que representa o silenciamento imposto pela escrita em nossa sociedade. Ele não se posiciona como quem tem direito a dizer, através da escrita! No debate e nas rodas de conversas ele se vê legitimado a dizer, porém, no lugar da escrita, ele se vê como não pertencente a ela e não rompe com esse silenciamento, como os demais alunos.

Não sei se defendo aqui como professora ou como pesquisadora, o fato de que este aluno não passou pelo processo de melhoria no produto final do processo, não somente por ter se ausentado em algumas aulas, como também por apresentar um bloqueio no contato com a escrita, algo observado por todos os professores. Ele foge de atividades em que a escrita é um requisito, o que constitui um fracasso para ele, já que a escola tem como objeto de trabalho a escrita. Consegui observar nesse senhor o que Paulo Freire aborda sobre o oprimido, Francisco se posiciona como um sujeito que não reconhece o seu direito de dizer, ele se enxerga como o típico oprimido freiriano, “os oprimidos dificilmente lutam, nem sequer confiam em si mesmos” [...] “são dependentes emocionais” (FREIRE, 1968, p. 32).

4.2 A voz do aluno – a contrapalavra ao silenciamento da e pela escrita

Os discentes produzem textos escritos que permitem a utilização do discurso do outro na fundamentação argumentativa como forma de ampliar os conhecimentos da escrita e, a partir daí, é possível transmiti-los num processo contínuo das relações dialógicas (BAKHTIN, 2015). Seus discursos têm marcas de denúncia social e são um contraponto ao silenciamento que se faz pela escrita na sociedade. O trabalho mostra o estudante da EJA se utilizando da linguagem por meio das duas modalidades de uso – falando no debate e nas rodas de conversas e, escrevendo, na produção escrita. Logo, o que defendemos aqui não é a supervalorização de uma em relação à outra, de forma dicotômica (MARCUSCHI, 2001), mas o uso de ambas como objeto de ensino nas aulas de LP.

4.2.1 A voz do aluno – o nós como representativo de seu grupo social

Destacamos, na análise dos dados, o uso do discurso em primeira pessoa do plural. Para sustentar o que está sendo dito, o aluno se utiliza de enunciados de outros, já estabelecidos nos textos fonte, para dar mais credibilidade as suas palavras e, ao mesmo tempo, deixar claro que não está se posicionando sozinho, antes, embasado em outros autores. Essa construção do discurso, evidenciada em pronomes pessoais e possessivos e no uso de alguns tempos verbais, pode definir que os alunos autores buscam apoio em terceiros para não tomar para si, sozinhos, a responsabilidade do dizer e também para fazer contraposições aos discursos a que se referem.

Os textos citados são introduzidos com verbos que indicam a utilização do discurso do outro pelo aluno autor, a fim de subsidiar o seu dizer, legitimando a sua opinião sobre o assunto abordado. Este é um recurso linguístico que caracteriza o texto de opinião, que se utiliza de argumentos advindos de leituras de textos de outros autores, para fundamentar a opinião do aluno escritor. Nesse sentido, o aluno introduz pontos de vista, além do dele, atribuindo-os a outros enunciadores (POSSENTI, 2002). Observamos ainda que associam as suas vozes às dos autores que citam, num processo de concordância, ou apresentando contrapontos ao discurso do autor.

Como temos visto, os alunos apresentam um posicionamento de crítica social responsabilizando os políticos. O nós é representativo do grupo social do qual estão inseridos, sua voz, por meio da escrita, seu lugar de risco, ecoa como denúncia social à injustiça a qual vivem todos os dias. Serve também para indicar diferentes formas de pertencimento dos alunos em relação à desigualdade social. Ele também tem a função de trazer o lugar do outro nesse discurso de denúncia, o aluno não traz apenas a sua dor individual, só dele, ele traz os seus pares embutidos no nós. Antônio (13/03/2017) se enxerga no lugar social pertencente aos colegas de sala e a leitura que faz dessa realidade se dá de forma passiva: “Ter melhor salário para todos os trabalhadores brasileiros é isso que falta em nosso Brasil, e também bons governantes para por o nosso Brasil em ordem.”

Os trechos que seguem mostram a responsividade ativa à leitura do momento. Para Sebastião, os problemas da desigualdade afetam a todos, não especifica grupo ou camada da sociedade, mas parece referir-se aos eleitores, ao mencionar a necessidade de cobrar por políticas públicas por parte dos governantes e votar em político bem intencionado e honesto:

Como consequência da desigualdade social no Brasil temos os grandes problemas que nos afetam diretamente podendo ser visto a toda hora e todo momento, exemplos má administração pública, falta de interesse da sociedade, egoísmo, corrupção, falta de uma educação básica de qualidade e até fatores culturais. [...] Não ter as informações e o conhecimento desta realidade, que nos leva a pensar um país melhor a partir de nós e de como nós podemos cobrar dos nossos representantes; e isto, só será possível mediante o conhecimento [...] Temos que melhorar o nível dos nossos políticos; votando em gente bem intencionada e honesta. (Sebastião, 13/03/2017)

Zenilton (13/03/2017): “[...] tem que tirar todos os políticos corruptos” e Dayany (13/03/2017): “Eu penso diferente que as pessoas tem mesmo que cobrar de nossos políticos que promete até porque são direitos nossos” – destacam a necessidade de a população manifestar-se na luta por seus direitos através do voto. As construções *têm que tirar e tem mesmo que cobrar*, trazem embutida a ideia de necessidade de ação no sentido de melhoria da realidade à qual pertencem. Estes trechos enfatizam a dimensão do desemprego no país, trazendo para si e para outros – os pertencentes às minorias sociais, vítimas da injustiça social –, o pertencimento ao país.

O trecho de Givanilson (13/03/2017) indica necessidade de ação por parte dos sujeitos injustiçados, em busca de mudança/melhoria de vida na sociedade, indica obrigação nessa luta por justiça social. Traz para si e para os demais – a população pobre – a necessidade de se utilizar de seu direito de voz e cobrar por seus direitos: “Precisamos agir colocar a boca no trombone em busca dos nossos direitos não devemos desistir e nem desanimar porque só depende de nós.” No outro trecho, ao fazer menção à música Cidadão, está se colocando no lugar do outro – o colega de sala, o morador de periferia –, o pobre brasileiro, ao dizer que são desvalorizados, apesar de serem trabalhadores: “mesmo que a gente trabalhe nós não somos valorizados pelo nosso trabalho.” Enfatiza a sua percepção individual de que, ele e seus pares, pessoas de classe baixa, são desvalorizados na sociedade, embora sejam cidadãos trabalhadores.

Demetrius (13/03/2017) traz, com o uso do *nós*, a população pobre e negra, seu discurso está carregado de denúncia à discriminação ao negro, para representar o lugar de injustiçado que ocupa na sociedade. Ao utilizar a expressão *a sociedade*, remete à minoria detentora do poder e responsável pela exclusão, opressão e injustiça para com o pobre: “A sociedade nos martiriza, nos oprime e tenta disfarçar as regras.” (grifos de Demetrius)

A atitude responsiva dos sujeitos autores dos textos em relação à situação concreta vivida por eles, e pelos brasileiros pobres de modo geral, dirigida aos governantes numa forma crítica de revolta e pedido de socorro, é presente, como se pode observar.

4.2.2 A citação do discurso do outro como discurso de autoridade

Nos excertos que seguem, observaremos como o aluno se utiliza do discurso do outro para produzir a sua posição de escrita, o seu lugar no discurso. Ao fazer uso da terceira pessoa do singular, marca o posicionamento de seu discurso em relação ao discurso do autor a que se refere, para sustentar ou validar o seu. Nosso aluno vê o discurso escrito como não pertencente a ele, por não fazer parte de seu cotidiano e por ser representativo de *status social*, poder econômico, fatores que o colocam na posição de incapaz de lidar com a escrita. Até no uso da fala, ele se sente impedido do direito de voz na sociedade. Para o uso da escrita, este

impedimento se faz muito mais forte. Destacamos, mais uma vez, a resistência e coragem, pois os alunos enfrentam, na atividade proposta, a situação de desafio e escrevem, produzem seu discurso escrito e, dessa forma, estão dizendo, por meio da ação de resistir, que são capazes, que podem, que o que lhes falta é oportunidade e preparo. Trazem o discurso do autor a que se referem, mas em seguida, dizem de suas realidades, ou seja, não se intimidam em se posicionar após a citação da voz de autoridade que trazem para seus textos.

Nesses trechos, os alunos se valem de discursos dos textos fonte trabalhados no percurso das aulas e levam aos seus textos, enunciados de Marcos Cintra, Nelson Tomazi e Zé Ramalho como discurso de referência e de autoridade. No movimento de citação do discurso do outro, ora fazem de forma direta com a presença das aspas para delimitar o enunciado do autor, ora o fazem de forma indireta. Todos os estudantes trazem enunciados dos autores dos textos fonte e tentam se posicionar de algum modo em relação aos enunciados que reproduzem.

Há, nas relações interacionais, textos em que se constata a presença de mais de um gênero em sua composição. Devido a essa flexibilidade, o gênero discursivo do texto Cidadão pode ser visto como híbrido, por ser considerado uma música ou um poema cantado – foi produzido como texto escrito e se apresenta ao leitor também como um texto oral. O trabalho com esse gênero híbrido proporciona o estudo da oralidade e da escrita, numa mesma aula, e é possível dar ênfase à relação entre as duas modalidades de uso da língua. Temos um texto que foi escrito e se apresenta ao leitor como oral, no caso do nosso aluno, ele ouviu a música (oral) com o texto escrito (a letra) em mãos, isso proporcionou a ele, lidar com um texto que lhe permitiu compreender a correlação entre as duas modalidades de uso, diferentes, podendo observar ainda, a importância que ambas têm, no ato comunicativo. Assim, essa mescla de gêneros num mesmo texto, permite ao aluno a percepção, na prática, do uso social na sala de aula das duas modalidades de uso da língua como importantes. Marcuschi & Dionísio (2007, p. 71) exemplificam casos de uso do hibridismo nos gêneros:

Assim, temos situações até mesmo híbridas, como o caso das produções que não são tipicamente orais, mas só chegam a público na forma fônica, tal como as *notícias nas rádios e nos telejornais*. São uma escrita oralizada, o que não equivale, em hipótese alguma, à língua falada como tal. Também a *letra de música* que geralmente

só nos chega pelo canto, mas que não se chamaria legitimamente de *língua falada* [...].

Antônio (13/03/2017) menciona o nome do autor e o gênero discursivo de seu texto para dizer que retrata a sua vivência junto a de muitos brasileiros: “O Zé Ramalho em sua canção, essa música realmente é nossa realidade de quase todos os brasileiros.”

Zenilton (13/03/2017) remete ao tema do texto e ao nome do autor para fazer a relação com a realidade de vida sua e do povo pobre brasileiro: “O cantor Ze Ramalho cita como é muito difícil a sobrevivência na cidade grande e a desigualdade social e cantando falar sobre tudo isso na verdade como é.” Ao emitir sua opinião sobre o tema, faz referência ao nome do autor citado – Zé Ramalho – e marca a característica que diferencia o texto: e cantando fala – para legitimar seu dizer, seu argumento de que a sobrevivência na cidade grande é muito difícil para aqueles que são vítimas da desigualdade social, valendo-se de um discurso visto como de autoridade por ter sido referencial no contato com a escrita formal no contexto de ensino da escrita escolar.

Dayany (13/03/2017) faz a referência utilizando a expressão “eu vi no vídeo do Zé Ramalho” e, logo em seguida, emite sua opinião demonstrando compreensão da escolha do texto em relação ao tema, para demonstrar o distanciamento entre as pessoas pobres e ricas e denomina cruel a classe da sociedade que não reconhece o pobre como cidadão,

Eu vi no vídeo do Zé Ramalho cantor alguns temas abordados na letra da música Cidadão que foi escolhida para demonstrar distanciamento entre os indivíduos privilegiados e os mais humildes, além de demonstrar como a sociedade burguesa pode ser muito cruel quando não considera as pessoas pobres como “cidadãos.

Lúcia (13/03/2017) remete o fato discutido na música e presente no dia a dia de muitas pessoas na cidade grande – construir prédios enormes, a mão de obra barata do povo nordestino, principalmente, que vem à cidade grande para procurar trabalho: “Na música Cidadão do Zé Ramalho, fala sobre o nordestino que veio da roça para a cidade onde foi trabalhar como pedreiro onde construía prédio como é difícil viver em um lugar onde a pessoa que constrói não tem o direito nem de olhar depois.”

Sebastião traz o discurso de uma canção popular evocada no momento da escrita de seu texto e utiliza as aspas para destacar o discurso do outro: “Foi lá que nasci, lá quero morrer” – para justificar, embasar o seu discurso anterior, em que sustenta o fato de o homem nordestino sair de sua terra tão somente por não ter oportunidade de trabalho, de vida digna: “Se o homem do campo tivesse assistência em sua terra natal, jamais sairia do seu lugar de origem, para se aventurar em terras estranhas. “Foi lá que nasci, lá quero morrer.” Já dizia a antiga canção popular.”

Identificamos, também, que o lugar do discurso do aluno, ao se utilizar do discurso do outro, por meio da terceira pessoa do singular, marca a posição de compreensão responsiva ativa, do discurso do autor, para sustentar ou validar o seu texto. Esse fato representa, ainda, o rompimento que o aluno tem que passar para produzir o discurso escrito. Os dados demonstram que os trechos e/ou ideias dos autores dos textos constituem um discurso de apoio para o aluno ao produzir o seu. Logo, como dissemos anteriormente, o dizer para o aluno é muito difícil – por lhe ser negado no dia a dia no uso da fala, muito mais o é através da escrita – que ele se vê como não pertencente a ele! Apesar de produzir o texto solicitado na proposta pedagógica, o aluno ainda traz a marca de se considerar incapaz de utilizar a escrita. Os trechos abaixo citam o discurso de Tomazi, autor do texto fonte “As desigualdades sociais no Brasil”:

Givanilson faz referência ao discurso de Tomazi: “quando se fala em desigualdade social e pobreza no Brasil, não se trata de centenas de pessoas, mais em milhões que vivem na pobreza absoluta.” – para trazer, em seguida, a sua opinião sobre o tema, emitindo o seu discurso, que traz conhecimentos adquiridos no desenvolvimento do projeto pedagógico:

O autor Nelson Dacio comentou quando se fala em desigualdade social e pobreza no Brasil, não se trata de centenas de pessoas, mais em milhões que vivem na pobreza absoluta. A desigualdade social e a pobreza são problemas sociais que afetam a maioria dos países na atualidade. A pobreza existe em todos os países, pobre ou ricos, mais desigualdade social é um fenômeno que ocorre principalmente em países não desenvolvidos. Desigualdade de renda, desigualdade de oportunidade, desigualdade escolar, etc. (Givanilson, 13/03/2017)

Antônio marca a referência ao discurso de Tomazi e faz a leitura da temática abordada deixando a sua voz: **“O autor Tomazi Nelson diz que ‘A nossa economia**

do Brasil ela não está bem porque quando a economia ela vai bem, não falta emprego. Não tem fome. A violência fica menor.” O aluno não citou um trecho de Tomazi, mas a temática defendida por ele no texto, apesar de atribuir o trecho ao autor utilizando as aspas.

O trecho de Lúcia, marca a citação do trecho de Tomazi: “As desigualdades sociais não são acidentais, e sim produzidas por um conjunto de relações que abrangem as esferas da vida social” – com o uso das aspas, sinalizando o discurso do autor para, em seguida, emitir seu parecer sobre o assunto fazendo uma leitura de “aceitação” da realidade, ao dizer que, a desigualdade sempre existiu em qualquer lugar do mundo e parece criticar o fato de, nos dias atuais, ainda existir a discriminação contra o nordestino e o negro, aqui, se refere ao Brasil:

O autor tomazi Nelson diz que “As desigualdades sociais não são acidentais, e sim produzidas por um conjunto de relações que abrangem as esferas da vida social”. A desigualdade social veio de longa data pois o homem sempre fez esta divisão. A gente vê esta desigualdade não só no Brasil mais também em outros países. Sempre tem o rico e o pobre. Até hoje tem o preconceito contra o nordestino e o negro. (Lúcia, 13/03/2017)

Dayany remete ao discurso de Tomazi, para sinalizar o discurso do outro: “Não se trata de centenas de pessoas, mas em milhões que vivem na pobreza absoluta” – para, em seguida, lançar o seu discurso de cidadã brasileira, refém de uma realidade de vida cruel e injusta, que vive a grande maioria do povo brasileiro, sobrevivendo com um salário mínimo:

Quando se fala em desigualdade social e pobreza no Brasil **o autor Nelson Dacio Tomazi afirma que** “Não se trata de centenas de pessoas, mas em milhões que vivem na pobreza absoluta.” Com certeza! Principalmente nas regiões Norte, Nordeste e Centro Oeste existem pessoas que vivem na extrema pobreza. Infelizmente uma desigualdade social muito grande, com certeza um país de uma enorme extensão e de uma grande riqueza e apesar dos anos que se passam este cenário não muda com as nossas riquezas nas mãos de uma minoria, e a grande parte sobrevive com salário mínimo. (Dayany, 13/03/2017)

A menção às regiões mais pobres do país está relacionada ao texto de Tomazi, apresentada como apreensão de conhecimento por parte da aluna, e não, como reprodução do texto do autor. Ao relacionar a pobreza às regiões mais afetadas, mostra o conhecimento adquirido na leitura do texto. Há termos e

expressões adquiridos nas aulas de geografia e colocados também não como reprodução, mas como apreensão de conhecimentos. Dizemos isto, baseados na produção que se deu nas aulas de LP e, em conhecimentos de vivência no cotidiano escolar que temos dos estudantes e, ainda, nas discussões sobre o currículo das disciplinas nos HTPCs da escola.

Podemos notar que, os alunos autores, a partir dos textos de referência, produzem novos sentidos e historicizam os seus dizeres. Observamos sinais de que os alunos identificaram-se com os textos lidos como leitura anterior à produção textual, quanto com aqueles que trazem de suas experiências de vida. Dessa forma, ao se expressar, valem-se do “eu para o outro”; e, ao ouvir as opiniões dos colegas, há “o outro para mim”; e, quando apreendem a fala desse outro, a relação é “eu para mim” (BAKHTIN, 2003). A contextualização das informações do texto permite ao aluno se utilizar de conhecimentos compartilhados socialmente e, assim, emitir um novo discurso, o seu.

A construção de estratégias de produção e de interpretação de textos escritos possibilitou a inserção do aluno no contexto da escrita escolar articulado ao conhecimento de mundo. Esse processo desenvolveu na produção linguística dos alunos o uso de acordos com o discurso do outro e também de contrapalavras. As práticas linguísticas permitiram um posicionamento interlocutivo no qual o estudante deslocou-se de si para compreender o outro, a língua em uso e a própria realidade. O encontro com a oralidade e a escrita na sala de aula mostrou aos aprendizes a constante necessidade de considerar, na comunicação humana, outros pontos de vista, outros saberes, outras formas de se expressar, outras formas de conceber e lidar com o mundo. Destacamos como marcante para estes alunos de EJA, o reconhecimento e o respeito às diferentes linguagens e seus usuários e às diversidades culturais.

Notadamente, os discursos dos estudantes representam o resultado de um trabalho linguístico que se deu na construção e reconstrução de sentidos, partindo de processos reflexivos e proporcionando posturas críticas. A prática de uso da língua na sala de aula se voltou para a conscientização de valores e de significados assumidos no mundo do aluno, e se revelou prática política, pois, ao falar e escrever, como propostas de negociação de sentidos, não como atividades isoladas, concretizou-se a interação com o outro e fortaleceu suas posturas responsivas. A 7ª

série A é constituída de pessoas brancas, negras, adolescentes, jovens e adultos, nordestinos, paulistas, enfim, expressam um multiculturalismo e uma diversidade de linguagem que requer todo um cuidado do professor de LP.

4.2.3 A resistência ao silenciamento da escrita – o eu como postura responsiva ativa

Nesse caso específico da produção do discurso escrito do aluno, e referenciado no discurso escrito de autores consagrados, destacamos a importância de se considerar quem são os envolvidos no ato enunciativo, os alunos de EJA, como modalizador do que se diz – seus discursos de injustiçados e do como se diz – cada aluno apresenta o seu modo individual de dizer e reagir ao tema desigualdade social, pois “para uma avaliação do dia a dia e para decifrar o real sentido das palavras alheias pode ter importância decisiva quem exatamente fala e em que situações concretas o faz.” (BAKHTIN, 2015, p. 134).

Os discursos citados estão presentes em nossas conversas cotidianas, não somente nos textos escritos e formais, mas também nos diálogos informais do dia a dia. Enfim, no discurso do dia a dia de qualquer pessoa, ao menos metade das palavras são alheias, transmitidas com todos os diversos graus de precisão (BAKHTIN, 2015). Ao ouvir, falar e escrever sobre a desigualdade social da qual são vítimas, os estudantes trazem à tona sentimentos e dores, angústias, revoltas por estarem inseridos no contexto e por saberem que não é uma escolha, antes, uma imposição. Freire (1980, p. 74) faz um questionamento crítico a esse respeito: “são aqueles que se dizem marginalizados – entre eles os analfabetos – que decidem deslocar-se para a periferia da sociedade?”.

Quando o autor opta pela primeira pessoa do singular, traz só para si a responsabilidade daquilo que está dizendo, assumindo, assim, um compromisso maior. Dos sete textos, apenas dois não apresentam nenhuma passagem na primeira pessoa do singular (Antônio e Zenilton). Os demais, fazem-no para enfatizar a opinião pessoal com trechos mais subjetivos no parágrafo final. Desse modo, marcam a necessidade de emitir seu discurso pessoal sobre o tema discutido no texto em que se fazem autores, o mesmo discutido em leituras de outros textos em que se fizeram leitores. Esse dado mostra ainda a percepção, por parte do aluno, de

seu pertencimento ao grupo das minorias sociais e a presença de discursos que destacam a necessidade de ação por mudança, seja por parte deles mesmos, como cidadãos reféns da desigualdade, seja por parte dos governantes, os “representantes do povo”. Destacamos que os alunos se referem aos textos de outros, mas se posicionam e emitem o seu discurso. Assim podemos dizer que estes alunos utilizaram o discurso do outro como recurso argumentativo e se posicionaram frente ao ponto de vista que pretendem defender.

Demetrius se utiliza da primeira pessoa do singular apenas uma vez para ressaltar o seu discurso pessoal, a sua opinião que ecoa como protesto à proposta pedagógica e à imposição da escrita escolar: “**eu achei** que essa música é muito antiga, e só favorece os alunos que tem mais idade: e se fosse uma mais na atualidade de debates da política desigualdade.” (grifos de Demetrius: 13/03/17).

Lúcia coloca-se como pertencente à classe dos menos favorecidos socialmente. Marca, nesse uso, a sua vivência, as suas dores de injustiçada, representada na fome, no desemprego, no subemprego, na sobrevivência indigna fazendo um contraponto ao discurso do autor: “Não vejo nada ser feito apenas movimento que muitas vezes não leva a nada [...]”. Aqui ela remete aos movimentos sociais mencionados no texto de Tomazi: “Além dos elementos já apontados, é importante destacar que a reprodução do capital, o desenvolvimento de alguns setores e a pouca organização dos sindicatos para tentar reivindicar melhores salários, são pontos esclarecedores da geração de desigualdades”.

No primeiro trecho de Dayany, ela valoriza o pertencimento de seu argumento, como seu, e marca a voz do discurso como sua, não faz referência aos autores e, remete à difícil vida concreta de sua comunidade. No segundo trecho, o do parágrafo conclusivo, começa com o discurso pessoal “eu penso”, para dar legitimidade ao seu dizer – posiciona-se e marca esse posicionamento através da pessoa do discurso: “**Fico pensando** se continuar assim como estar, o que será de nós? Pessoas trabalhadoras pais de famílias e extremamente humilhados [...] **Eu penso** diferente que as pessoas tem mesmo que cobrar de nossos políticos que promete até porque são direitos nossos.”

Sebastião, ao mencionar uma referência que não faz parte das leituras feitas nas aulas, mas ao seu conhecimento de mundo, expressa um argumento de uma canção popular fazendo uso do discurso citado, entre aspas, para dar o seu parecer

sobre o discurso tanto da música citada por ele, como da música vista na aula e do tema como um todo: “Já dizia a antiga canção popular’. Na minha opinião, o maior problema está no fato de os políticos e os nossos governantes em sua grande maioria não terem uma política visando o desenvolvimento social como prioridade.” (13/03/17). Este aluno marca ainda o posicionamento crítico de um cidadão que reconhece ser dever do Estado resolver os problemas da desigualdade.

A resistência dos alunos ao silenciamento que a escrita causa nos menos favorecidos foi marcada não só pelo fato de terem eles escrito o texto escolar, mas também, pelo rompimento da proposta pedagógica, ao trazer marcas discursivas de outros gêneros de suas vivências, como a canção popular e citações do rap.

4.3 O discurso cotidiano da periferia no estilo individual do aluno – a denúncia da desigualdade social

Da análise feita, temos visto que os alunos trazem enunciados representativos de suas vivências, atrelados à denúncia social, o que evidencia a importância que atribuem aos conhecimentos que trazem para a sala de aula – e buscamos destacar como os organizam em seus discursos. Assim, os alunos trazem a representação do que Geraldi (1997, p. 135) asserta no trecho abaixo, pois estão no lugar de tomada social do direito de voz:

Considero a produção de textos (orais e escritos) como ponto de partida (e ponto de chegada) de todo o processo de ensino/aprendizagem da língua. E isto não apenas por inspiração ideológica de devolução do direito à palavra às classes desprivilegiadas, para delas ouvirmos a história, contida e não contada, da grande maioria que hoje ocupa os bancos escolares.

Antônio, 58 anos, ao se utilizar de termos e expressões típicas dos grupos representativos dos menos favorecidos está evidenciando marcas de sua vivência. Em seu texto, ao se referir aos pobres, faz uso da palavra humilde e nos deixa margem a interpretação de que o pobre é o submisso, o oprimido freiriano, pois o humilde, para ele, é aquele a quem é negado os direitos básicos de sobrevivência. O aluno faz uma denúncia. Destaca a educação e a saúde: “Porque os melhores médicos são para os ricos, para as pessoas humildes ainda os melhores médicos ainda são poucos para os pobres.” (Antônio, 13/03/2017). Vimos que Antônio,

conforme termos e expressões destacados, lança seus argumentos de uma maneira que só ele poderia fazê-lo. Seu discurso tem marcas de sua vida de décadas sem o contato com a escrita formal escolar, porém seu conhecimento de mundo se sobressai.

Neste outro excerto, é possível observar que o aluno é responsável por seu discurso ao se posicionar contra a desigualdade, e aqui, não se faz reprodutor passivo de discurso do outro, antes, é produtor ativo de um discurso que, baseado nas leituras dos textos e em leituras de mundo, apresenta-se como seu. E não se proíbe de dizê-lo, mesmo que o faça numa norma que não é a esperada pela escola, nem a legitimada socialmente: “Para o nosso Brasil acaba com a desigualdade. A primeira coisa e os nossos políticos para de rouba para puder sobra dinheiro. Para melhora a educação. Melhora mais segurança. Melhora mais a saúde.” (13/03/17)

Os trechos de Antônio e Zenilton demonstram que o aluno se coloca como alguém que não vê o lugar da escrita como autorizado, pertencente a ele, então se utiliza de termos e expressões típicos da oralidade, a fala de periferia, sua realidade de vida, talvez para encontrar o seu lugar de legitimação do dizer. Entretanto, observamos não faltar nos discentes, “o mínimo de conhecimento de mundo, de outros discursos, de memória social, traços capazes de dar congruência aos fatos narrados” (POSSENTI, 2002, p. 111) que, a nosso ver, todo discurso, do mais formal ao mais informal, dispõe, visto ser inerente ao homem a habilidade de agenciar o uso da palavra em sua vida em sociedade.

Nos trechos de Zenilton, a seguir, ele caracteriza o lugar comum de sua vivência ao trazer a dor do outro, coloca-se no lugar desse outro e sente a sua dor! Ao mencionar os garis, os camelôs, o povo brasileiro representado nos moradores da periferia onde ele se situa e se coloca nessa posição, faz um clamor por justiça. O *como* este sujeito expressa o seu dizer, as suas dores, é algo que é só dele, é vivência! Os exemplos práticos pontuados no trecho baixo enfatizam a percepção de Zenilton, do sofrimento que passam os garis, os vendedores ambulantes, o povo brasileiro da classe mais pobre – o aluno faz a leitura crítica da realidade de injustiça que vivencia junto a milhões de brasileiros! Houve a compreensão do tema abordado no processo pedagógico e a conscientização de que a desigualdade social ocasiona tudo isso!:

Os gari que recolhe os lixos das sua rua também é muito sofrido isto tudo e desigualdade social [...] É muito sofrido como ele para ganhar o pão e ele depende das pessoas que vão na sua banca para comprar poder sustentar sua família e o povo brasileiro da classi mas pobre sofre com a saúde por motivos que não tem medico que também dependi de sua salário que e muito inferior com os vendedores ambulante também sofre com o dia inteiro para ganhar seus miseraveis trocados. (Zenilton, 13/03/2017)

Neste excerto, Zenilton, ao produzir o seu discurso, faz referência ao texto de Tomazi para mencionar exemplos concretos de injustiça e sofrimento que passam essas pessoas no Brasil:

O setor informal é outro fator indicador de condições de reprodução capitalista no Brasil. Os camelôs, vendedores ambulantes, marreteiros, etc, são trabalhadores que não estão juridicamente regulamentados, mas que revelam a especificidade da economia brasileira e de seu desenvolvimento industrial. (Tomazi)

Nesse sentido, destacamos a presença em seu discurso, da leitura da realidade, da compreensão do tema e da proposta pedagógica, ou seja, o aluno se fez autor e marcou resistência ao silenciamento que lhe é imposto pela escrita socialmente. Superou as dificuldades do desconhecido, produzindo o seu discurso escrito.

Estudar os textos dos alunos representa a beleza vista por Bakhtin no uso da linguagem, a linguagem do dia a dia na boca do povo. Observar a subjetividade do aluno autor ao fazer uso do discurso escrito, o que é novidade para ele, representa mais que o simples uso da linguagem escrita, representa o direito de voz dado a este aluno. Temos observado ao longo da análise do *corpus*, o aluno como sujeito da vida, ativo e não passivo, um sujeito com sua visão de mundo, emitindo opiniões e respeitando as diferentes das suas.

Lúcia traz no seu trecho a dor que sente ao ver e vivenciar os efeitos da desigualdade social na comunidade em que vive e essa dor parece atravessa as letras de seu discurso:

A pobreza é uma realidade muito difícil mas real nus nossos dia pois a fome a miséria as pessoas morando na rua dói você ver e não pode fazer nada enquanto os nossos governante pode fazer muito e não faz. Isto é revoltante, gostaria que fosse diferente as coisas no Brasil, enquanto isto não acontece vamos caminha. (Lúcia, 13/03/2017)

Nesse trecho, a aluna faz uma afirmação sobre o tema do texto. Para ela, a pobreza é uma triste realidade e existe no seu dia a dia, dando exemplos concretos de pobreza (a fome a miséria as pessoas morando na rua). Encerra seu ponto de vista no parágrafo, lamentando o fato de o governo poder solucionar o problema e optar por não fazê-lo. Mas, finaliza expressando esperança, resignação (enquanto isto não acontece vamos caminha). Mais um exemplo de discurso próprio do aluno, as palavras e expressões estão carregadas de vivência da periferia, não consideramos que este discurso, esta leitura da realidade seja simplesmente uma reprodução de outro discurso. Há uma leitura de mundo e uma compreensão do tema abordado para, então, desencadear a produção de seu discurso.

Givanilson também se enxerga como excluído social que é afetado pela desigualdade: “Como consequência da desigualdade social no Brasil temos os grandes problemas que nos afetam diretamente podendo ser visto a toda hora e todo momento [...]”.

Salientamos a importância de se levar em consideração, no momento da produção textual, o contexto tanto da sala de aula quanto da realidade de vida dos envolvidos. A expressão “vendedores ambulante também sofre com o dia inteiro para ganhar seus miseráveis trocados” mais que o próprio trecho como um todo, traz um alerta contra a injustiça social que paira no país, notadamente no mundo desses estudantes. Mostra, às claras, o conhecimento, por parte do aluno, de que a opressão se dá na e pela linguagem (FREIRE, 1986).

O tema desigualdade social, ao ser abordado nos textos de Marcos Cintra, Nelson Tomazi e Zé Ramalho, em tempos e contextos diferentes, puderam proporcionar ao aluno leitor o entendimento e desencadeou a discussão em seus textos, fazendo assim com que esse discurso de denúncia social, pertencente à cultura, aflorasse no momento de produção tanto dos autores de referência quanto dos próprios estudantes. Os trechos acima trazem traços nítidos da cultura dos estudantes, de seus mundos, e representam, no uso que fazem de termos específicos da fala, seu enraizamento e, na produção textual, a aquisição do uso escolar, da escrita.

Destacamos o estilo individual dos alunos no momento de autor produtor de texto, marcado aqui pela emissão de argumentos que definem a sua vivência. “Todo

enunciado oral e escrito, primário e secundário pode refletir a individualidade do falante ou de quem escreve” (BAKHTIN, 2003, p. 265). Ora, os alunos autores interagem e se posicionam em todos os momentos do processo pedagógico do oral ao escrito, respondendo às expectativas linguísticas e socioculturais, conforme suas posições no mundo concreto, suas condições de estudantes da EJA, com histórico de distanciamento com a leitura e a escrita formal escolar. Esse distanciamento diz respeito à relação que o aluno estabelece com a leitura e a escrita no ambiente não escolar. Qual o contato que tem com a escrita formal na sua vivência não escolar, que uso faz da leitura, no seu cotidiano.

Temos visto que, ao serem preparados para o contato, acesso e trabalho com um dado gênero, agenciam sua capacidade dialógica e se apropriam do novo. Cada um traz a sua marca pessoal, o seu *eu* que o diferencia do *tu* que é o outro. É da ordem do como, da maneira como se utiliza dos recursos linguísticos para desenvolver o seu discurso particular, dentro do discurso, que identifica o texto argumentativo.

Temos percebido que os discursos dos alunos mostram que os processos de letramento pelo qual passaram em sala de aula, no contato com gêneros orais e escritos, constituíram práticas efetivas de resistência por meio de suas vozes que ecoam por entre as letras de seus textos. Tanto os letramentos relacionados à sua vida cotidiana de morador das periferias, como também aquele que se deu na escola no processo pedagógico pelo qual ele aprendeu a fazer o seu discurso de crítica social e resistência, também através da escrita, utiliza-se de marcas e vozes do discurso de denúncia, de posicionamento ativo. Seus discursos caracterizam práticas de sujeitos que resistem à opressão imposta pelo sistema: quando lhes é dada a voz no momento do debate, da roda de conversa e da escrita textual – resistindo ao modelo cultural legitimado, o discurso escolar, formal, e trazendo uma ressignificação com práticas de outro discurso, de outra esfera de comunicação de seu cotidiano, o rap, a canção popular, a mídia – produzido no contexto escolar e que pedia o uso de características de determinado gênero escrito formal. Eles resistem ao silenciamento imposto pelo uso da escrita na sociedade e gritam com suas letras, suas escritas, a suas vozes de denúncia de pessoas que sentem a dor da injustiça e se reconhecem injustiçadas, mas tomam a voz e gritam por justiça através da letra!

4.4 Discurso de resistência – enunciados do rap no discurso do aluno

Achamos por bem analisar o texto de Demetrius, à parte, por ter sido ele o aluno que mais demonstrou o posicionamento de resistência, nas suas falas, na sua postura na sala de aula, e no texto escrito. Ele lamenta, em seus textos oral e escrito, a escolha do texto da professora e, logo adiante, oferece outro para trabalho na sala de aula, típico de sua vivência particular. Aqui, o aluno chama a atenção para a sua dor, menino negro, pobre, que passa fome, que é discriminado e humilhado pela polícia nas ruas (relato dele na roda de conversa). Podemos constatar que houve o entendimento, a compreensão do objetivo das aulas, a saber, o aluno refletir sobre a realidade do mundo em que vive e se posicionar sobre ela. Em seu texto escrito, ele se posiciona como quem é conhecedor do seu direito de voz, do seu dizer! E quer se fazer ouvir!

Desse modo, aborda uma linguagem com expressões mais próximas de gêneros orais como o rap. Esse discurso de um adolescente pobre e negro, vítima da discriminação social, do racismo, da fome e do desemprego, representado por expressões e termos típicos da oralidade e mais, de músicas do estilo rap, vai muito além das palavras, ganha vida e, por isso, é valorizado pelo que ele mesmo – e só ele (o aluno) – poderia fazer (POSSENTI, 2002). O trabalho estilístico (o como), do aluno como o uso de vírgulas, a métrica, as rimas, o jogo com as formas das palavras [oposto/proposto] evidenciam a marca do discurso do rap, estilo de denúncia social:

Ditados dos opressores (sic): Malandro bom é malandro morto, a ocasião faz o ladrão. Pensou em agir nunca pense, uma mentira nossa vale dez verdades e ladrão burro na rua morre também. Por isso sempre faça o que é certo que o errado so lota as cadeias e os cemitérios. (Demetrius: 13/03/2017)

Demetrius se posiciona contra a discriminação, o desrespeito à cultura afrodescendente e expressa uma linguagem específica do grupo no qual se insere socialmente. Percebe a relação verticalizada no direito à educação, o pobre e o negro são vítimas de injustiça no direito à educação:

Apesar de sermos pessoas que lutam e pagam seus impostos; lhe digo uma coisa ... se você é negro é... tudo bem mais difícil para

estudar... trabalhar!!! Até mesmo ser bem visto pela sociedade! A sociedade nos martiriza, nos opprime e tenta disfarçar as regras. (Grifos de Demetrius: 13/03/2017)

O adolescente está refletindo e problematizando a ordem da sociedade. Ele apreendeu os sentidos do tema discutido nos textos orais e escritos no percurso das aulas. Consideramos que os enunciados: “ser bem visto pela sociedade, a sociedade nos martiriza, nos opprime e tenta disfarçar as regras”, trazem marcas do discurso do rap e marcam, no discurso do aluno, a compreensão da proposta pedagógica ao discutir o tema, representado aqui no seu discurso escrito, conforme o ensino defendido por Freire (1981, p. 02):

Seu objetivo não é fazer a descrição de algo a ser memorizado. Pelo contrário, é problematizar situações. É necessário que os textos sejam em si um desafio e como tal sejam tomados pelos educandos e pelo educador para que, dialogicamente, penetrem em sua compreensão.

Por fim, observamos que o discurso do aluno mostra que os letramentos constituem práticas efetivas de resistência. Tanto os letramentos relacionados à sua vida cotidiana de morador da periferia, como também aquele que se deu na escola no processo pedagógico pelo qual ele aprendeu a fazer o seu discurso de crítica social e resistência, também através da escrita, se utiliza de marcas e vozes do discurso do gênero musical rap, gênero híbrido, produzido através da escrita e apresentado por meio da oralidade. Seu discurso caracteriza ainda práticas de um jovem que resiste à opressão imposta pelo sistema, quando lhe é dada a voz, o momento do debate, da roda de conversa e da escrita textual – resistindo ao modelo cultural legitimado, o discurso escolar, formal, e traz uma releitura da situação sugerindo outro discurso, de seu cotidiano, o rap, no seu texto, produzido no contexto escolar e que pedia o uso de características de um artigo de opinião. Ele resiste ao silenciamento imposto pelo uso da escrita na sociedade e com a sua letra, a sua escrita, a sua voz de denúncia de alguém que sente a dor da injustiça e se reconhece injustiçado, toma a voz e grita por justiça através da letra!

A música sugerida pelo aluno, *Capítulo 4, Versículo 3*, é do grupo de rap paulistano *Racionais MC's* que teve seu disco intitulado *Sobrevivendo no inferno* no ano de 1997 e representou uma vendagem de meio milhão nos trâmites da lei e mais meio milhão na vendagem clandestina. Segundo Takahashi (2014), foi com

esse grupo musical que o rap ganhou notoriedade no país, pois antes era escutado apenas nas periferias urbanas e então passou a ser conhecido amplamente por meio da mídia televisiva e do rádio. Para o autor, esse estilo musical surge como forma de expressividade política dos jovens das periferias urbanas que o utilizam para fazerem crítica social contra os problemas que os atingem como racismo, opressão policial, pobreza dentre outros. Este grupo se caracteriza pela denúncia social contra a opressão e injustiça social tão presentes nos grupos minoritários.

Ao trazermos um pouco da história dessa música e do contexto de produção dela, é perceptível a observação da relação que o estudante estabelece com a proposta pedagógica ao relacionar o conhecimento de sua vivência ao conhecimento adquirido nas aulas. Ele sente tão forte a dor que vivencia no dia a dia de discriminação e opressão social que tão logo remete à memória da música que representa muito melhor, a seu ver, o pensamento crítico que a professora leva para a sala de aula através da música na voz de Zé Ramalho! Para ele, não há indicação mais adequada, que retrata tão bem a sua dor quanto esta que ele conhece tão bem! Aqui a aprendizagem se fez significativa para ele, pois relacionou um texto do repertório de sua memória particular ao texto lido e discutido na aula. E mais: não foi um estudante passivo que recebeu a proposta pedagógica como a ideal por ser parte do currículo, antes, não só rejeita como sugere outra fonte. A resistência deste aluno ao silenciamento que a escrita causa nos menos favorecidos foi marcada não só pelo fato de ter ele escrito o texto escolar, como os colegas fizeram, mas também, pelo rompimento da proposta pedagógica, ao trazer marcas discursivas e citações do rap, bem como a indicação de um *rap* específico para compor o currículo da aula.

O posicionamento crítico se faz presente em seu texto de forma que, ao criticar o texto trabalhado na aula, sua voz ecoa como crítica, também, ao sistema escolar, que costuma apresentar aos estudantes textos acadêmicos (DOLZ e SCHNEWLY, 1999) que não condizem com a realidade de vida destes aprendizes. Sendo assim, a sugestão do aluno reflete a necessidade de se fazer ouvido e de se posicionar, ter o seu direito de voz garantido. Traços de sua vivência se refletem na sugestão dada para trabalhar na aula. Ele ousa sair da forma do artigo de opinião e constrói seu texto aos moldes das letras de músicas do estilo rap e, nesse movimento, o sujeito se faz autor. Embora busque outro tipo de discurso, consegue

estabelecer um diálogo com os sentidos que circularam anteriormente sobre o tema, trazendo trechos que representam o seu dizer:

Nos vimos o vídeo do cantor Zé Ramalho: na aula de português; eu achei que essa música é muito antiga, e só favorece os alunos que tem mais idade; e se fosse uma mais na atualidade de debates da política desigualdade. Mas quem me dera se fosse sobre o Racionais? Uma das musica deles a Capítulo 4 versículo 3. Ela retrata a violência policial. (Demetrius: 13/03/2017)

O processo pedagógico que partiu do oral e se estendeu ao trabalho com os gêneros escritos, bem como o contato do aluno com as duas modalidades de uso da língua, também no cotidiano fora da escola, que permitiu a esse estudante, adolescente, reavaliar – no debate ele já tem a percepção dessa realidade – sua identidade e realidade de negro pobre brasileiro, morador de periferia e vítima de discriminação social, ressignificando seu papel social de cidadão que reconhece o seu direito garantido na Constituição de seu país, mas que não é efetivado na vida cotidiana! Vale mencionar o pressuposto bakhtiniano de que cada enunciado é pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de dada esfera da cadeia discursiva.

4.5. Discurso de conscientização de que a educação promove mudança social

Os discursos dos alunos refletem, notadamente, a necessidade de se fazerem ouvidos e de se posicionarem, terem o direito de voz garantido. Conseguem estabelecer diálogo com os sentidos que circularam anteriormente sobre o tema, trazendo trechos que representam seus dizeres e expressam na materialidade linguística, tons e expressões de crítica social próprios ao tema abordado apontando a educação como chave para a mudança/melhoria social.

Antônio faz uma crítica à relação desigual existente na educação. Para ele, a elite dispõe das melhores escolas para seus filhos, enquanto a população tem a precariedade das escolas públicas: “A desigualdade na educação ainda tem muita porque nas melhores escolas só estuda os filhos dos ricos, filhos de pessoas pobres não ficam junto com os dos ricos.” (13/03/2017)

Lúcia, em seu posicionamento por meio da escrita, traz o resultado de uma reflexão crítica da realidade, percebe a importância da educação para a mudança de vida: “A desigualdade social vem de longa data pois o homem sempre fez esta divisão.... Até hoje tem o preconceito contra o nordestino e o negro. [...] É por isto que cada vez mais quero estudar pois sem estudar não conseguimos nada, quem tem que fazer a diferença somos nós.” (13/03/2017)

A estudante reconhece a importância da escolarização como propulsora de conhecimento e conscientização da realidade da qual participa, as pessoas que não têm escolarização são as que mais sofrem as consequências da desigualdade e injustiça social. Sebastião, em seu texto, demonstra o processo de conscientização vivido por ele e menciona o fato como um alerta. Para ele, o povo precisa se conscientizar de seus direitos e lutar contra as desigualdades, destacando a precariedade da educação:

O que é necessário ou o que poderá ser feito para melhorar o Brasil e a luta contra as desigualdades sociais? Começa pela conscientização da população brigar contra a precariedade da educação, da saúde, da segurança e por uma melhor distribuição da renda e das riquezas, etc... Outro problema muito grave, está na camada da sociedade que não quer que o povo tenha acesso às informações e esta parte da sociedade está localizada nos formadores de opinião, como mídia que está a serviço dos poderosos desta nação. São os jornalistas, chamada grande imprensa que prestam um desserviço à nação, maquiando notícias por interesses escusos etc... (Sebastião: 13/03/2017)

A voz crítica, ao fazer menção à mídia, aos jornalistas, deixando a sua voz pessoal de alguém que não recebe o discurso da mídia como referência de valor para si, como discurso de verdade, mostra o contraponto entre o seu pensamento e este tipo de discurso. Os educadores que trabalham com jovens e adultos na escola noturna veem de perto a desmotivação deste público em relação à capacidade de aprender a linguagem escrita quando chegam na escola, fruto do que a sociedade inculca em suas mentes como verdade. Triste e dura verdade. Se eles não aprendem é porque são incapazes, se não crescem na vida é porque são fracos e incompetentes, conforme acentua Freire. Essa realidade, conforme pondera Geraldi (2018), constitui o desencontro dos homens no uso que se faz da linguagem. Nesse sistema educacional, criticado por Freire, o estudante de periferia, ao chegar na

escola, pode não se encontrar quanto ao uso da linguagem, com seus pares, se o trabalho de ensino de LP se voltar para a valorização da linguagem formal escrita e não reconhecer o valor das práticas orais representativas dos grupos dos menos favorecidos nos quais os alunos estão inseridos.

Nesse sentido, Freire (1988, p. 96) associa o uso da linguagem ao uso do poder:

Quem define que um certo padrão de fala é o certo? Se há um que é o culto, é porque há outro que é inculto. De quem é um e de quem é o outro? [...] Faz tudo isso quem tem poder e em função de seu poder, quer dizer, a serviço de seus interesses.

Sebastião percebe essa relação de imposição de uma classe à outra: “Outro problema muito grave, está na camada da sociedade que não quer que o povão tenha acesso às informações e esta parte da sociedade está localizada nos formadores de opinião”. (13/03/2017)

Freire trava uma luta ferrenha contra a leitura mecânica, não aceita o texto como uma codificação produzida por alguém e colocada diante de outros para decodificação. Sua leitura é a da palavra precedida da leitura de mundo: “Há, portanto, uma relação dialética entre a leitura do mundo, a leitura da palavra e a releitura do mundo e ‘escritura’ do mundo. Entendo por ‘escrever’ o mundo, transformá-lo” (FREIRE, 1981, p. 47). Acreditamos que escrever o mundo, para o aluno da EJA, o cidadão das margens, seja o fazer-se sentir integrante do processo pedagógico e no processo de trabalho com o mundo da escrita de forma que a leitura não seja apenas das palavras e dos textos, mas também a leitura da realidade do mundo em que vive.

Os participantes da pesquisa foram, aos poucos, ampliando seus repertórios argumentativos, passando pela interação por meio do debate, das rodas de conversas das leituras realizadas nas aulas, com escuta e fala participativas, ao trabalho de produção de argumentos no texto escrito, utilizando-se do discurso do outro, através da formação que se deu nos contextos educativos da sala de aula. Nesse processo, ao final do semestre e da série cursada, eles usaram o forró e o rap, outros gêneros discursivos, para mostrar que usam a linguagem de alunos vindos das margens da cidade de Diadema – com subempregos, com poucos espaços de lazer, sem cuidados por parte do Estado, alguns migrantes do nordeste

em busca de oportunidades de trabalho – e que continuam nas margens do sistema escolar (a EJA é uma modalidade de ensino com pouco investimento pelo poder público). Há de se fazer destaque ao descaso para com a EJA nos últimos anos! Embora discutam em suas letras das paródias, temas de crítica social, conseguem cantar e dançar, sorrir, embalando suas dores no ritmo da melodia como que para esquecer o que diz a palavra, a letra!

A injustiça social desse país
 Não deixa ninguém viver feliz
 A tristeza no coração
 Dos políticos tudo ladrão
 Enganando o povo pobre
 E mentindo pra população. [...] (trecho da paródia da música A vida do viajante de Luiz Gonzaga escrita em 07/06/17 pelos alunos)

A desigualdade é um prato cheio pra insanidade
 Não me incomodo, isso é a realidade.
 É a fé que nos move.
 Mesmo pagando nossos impostos e lutando pra ter nossos sonhos realizados.
 Apesar de noites mal dormidas, essas jornadas longas e muito cansativas.
 Só nos coloca na perspectiva.
 De ter cuidado com nossas vidas.
 Cuidado com sua liberdade.
 Não queira perdê-la em vão atrás das grades. Grades que nos impossibilitam de ter nossas conquistas, tenha isso em foco, não se arrisca (trecho da paródia de um rap escrito em 08/06/17 pelos alunos).

Através de uso e reconhecimento de práticas culturais específicas de seus grupos representativos de minorias sociais, com o debate, a canção popular, o rap, a paródia e a dramatização, os alunos encontraram os modos de falar e, posteriormente, utilizar os acervos das leituras realizadas no momento da produção da escrita – retomando discursos destes gêneros mencionados. Tais atividades, de relevância para o contexto social e escolar em que vivem – moradores da periferia de Diadema e estudantes de EJA, proporcionaram um percurso sócio-histórico só deles, escrito por eles e marcado, certamente, como um momento de participação efetiva no processo de ensino e aprendizagem. Esse processo de ser aluno ativo no aprendizado deu-lhes uma significação ao se fazerem ouvir – pois, ao lidar com as linguagens oral e escrita – como um poderoso instrumento formador na escola,

estes alunos puderam emitir seus posicionamentos prévios e, reformulá-los, nesse processo, a partir das leituras realizadas no percurso das aulas.

Os textos destes estudantes refletem o que expressa a concepção bakhtiniana em que a visão do autor é complexa porque está centrada no princípio dialógico constitutivo da linguagem, no lugar situado do autor diante de seu contexto sócio-histórico, com o qual interage respondendo a ele em consonância ou dissonância, o que demonstra a relação do aluno autor com o contexto sócio-histórico e o modo como abarca o tema.

Desse modo, em função do tema e do contexto de produção, momento em que o país passa por uma situação alarmante de corrupção na política, crise na economia, alta do desemprego, os alunos autores expressam a cruel realidade atual em seus textos, embasados em argumentos advindos do discurso do outro, obtidos por meio do debate, da leitura dos textos e do conhecimento de mundo deles, assegurando, assim, a capacidade do homem interagir na vida concreta: “A palavra ele a recebe da voz de outro e repleta de voz de outro. No contexto dele, a palavra deriva de outro contexto, é impregnada de elucidações de outros” (BAKHTIN, 2010, p. 232).

As análises permitem destacar, como vimos, que os discentes que apresentam grandes dificuldades com a leitura e a escrita, apesar das dificuldades, não se eximem de posicionar-se, interagem, comentam e escrevem sobre o tema abordado. Por fim, destacamos que o letramento prévio de cada aluno foi decisivo em relação a como o letramento escolar impactou formativamente cada um deles no desenvolvimento da escrita de seus textos, ao tratar do uso da palavra na comunicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em regime de dominação de consciências, em que os que mais trabalham menos podem dizer a sua palavra e em que multidões imensas nem sequer têm condições para trabalhar, os dominadores mantêm o monopólio da palavra, com que mistificam, massificam e dominam. Nessa situação, os dominados, para dizerem a sua palavra, têm que lutar para tomá-la. (FREIRE, 1968, p. 25).

Esta pesquisa teve como hipótese a afirmação de que o discurso escrito do aluno da EJA é possível, através de um trabalho que tenha a oralidade como ponto de partida, no processo de ensino de LP. Tal proposição confirma-se, pois a análise do *corpus* nos permitiu observar a utilização de argumentos junto ao discurso do outro nos discursos escritos dos alunos ao se posicionarem em relação à desigualdade social do país.

Tendo em vista os objetivos deste trabalho, em relação à apropriação de recursos linguísticos típicos do gênero artigo de opinião, observamos um aluno produtor de discurso escrito conforme a proposta pedagógica. Percebemos o caráter crítico e o posicionamento desse aluno no texto argumentativo, nessa vertente de investigação, valemo-nos, também, dos pressupostos freirianos.

Assim, os resultados da análise permitem observar a presença da capacidade responsiva bakhtiniana nos argumentos dos sujeitos de pesquisa – jovens e adultos reféns da desigualdade social – mediante tema estrategicamente selecionado para desencadear a reflexão crítica da realidade, a fim de desenvolver o processo de conscientização. Ao analisar os textos, consideramos todo o contexto de produção, a proposta autoral apresentada e o sujeito produtor, o aluno da EJA. Ao produzir seu texto, o aluno, ao evidenciar seu estilo, embora não o perceba, deve ser considerado na relação com o gênero e com a proposta do mesmo, por meio da qual expressa seu posicionamento axiológico diante do contexto social, expressando seus valores

e sua perspectiva crítica diante dos fatos. Conforme Pietri (2007) é importante considerar a relação leitor-texto para questionar quais conhecimentos o leitor traz no momento da leitura para compreender o texto e como esses conhecimentos são usados e ainda quais estratégias são utilizadas por ele, o leitor, para construir o sentido do texto levando em consideração os aspectos cognitivos envolvidos na atividade.

Nesse sentido, o contexto de produção do artigo de opinião nas aulas de LP, evidencia o posicionamento dos autores que fazem uso do discurso do outro para referenciar os seus dizeres. No tocante à circulação desse gênero, restrito à sala de aula e com o propósito de análise de uma pesquisa científica, há a necessidade de coletar e arquivar os textos para o estudo. No entanto, embora os autores tenham conhecimento disso, não sabemos se atentaram para este detalhe ao produzirem o texto. É interessante notar que, por ser uma atividade de prática escolar, que subjaz uma avaliação do professor, os estudantes procuram atender a essa realidade, demonstrando o conhecimento de que a argumentação, característica do gênero, também é utilizada para convencer o leitor.

Na medida em que os alunos vão participando de leituras de textos sobre o tema, vão ampliando seus repertórios de argumentos e aprendendo com o uso prático e não apenas com discursos teóricos do professor. Esse método de ensino vem ao encontro das discussões bakhtinianas sobre o funcionamento da linguagem e dos usos dos gêneros discursivos como organizadores de nossas ações na sala de aula como usuários da língua. Nos discursos orais dos alunos no debate, nas rodas de conversas e nos discursos escritos, os estudantes mostram uma coerência ao estabelecerem relação com o tema, bem como à concepção de linguagem constituída no diálogo, na interação e negociação nas relações humanas. Observamos a temática utilizada no trabalho com a oralidade como modalizadora do uso da argumentação na escrita, estando o aluno, mais preparado para emitir parecer sobre o tema, amparado no discurso alheio; a fala e a escuta compreensivas no debate e na roda de conversa como propulsoras de um dizer mais fundamentado no texto escrito, de teor argumentativo; a exploração das duas modalidades de uso da língua como causadora de reflexão por parte do alunado sobre a importância que tem a oralidade junto à escrita.

O trabalho pedagógico desenvolvido baseado em proposições bakhtinianas dos gêneros discursivos foi pensado em gêneros próximos à realidade do aluno, compreendendo que não há como abordar uma quantidade considerável de gêneros, frente ao tempo reduzido de aulas que a EJA oferece por ser um ensino supletivo que visa suprir a ausência do ensino no tempo adequado. Assim, o professor gerencia a seleção de gêneros e textos relacionados ao mundo dos alunos.

Na fase de preparação do aluno para o projeto de trabalho pedagógico, é apresentada a situação de ensino, a importância que a seleção do tema tem como marca de reflexão sobre a realidade que lhes cerca, a fim de encorajá-los para atuação concreta ao discutir oralmente e pela escrita na sala de aula, e também na vida concreta, fora da escola, como cidadãos cientes de seus direitos e aptos a lutarem por eles.

Com o discurso citado, os autores apreenderam discursos de outros, passando pelo processo de assimilação e apreciação, ao reutilizá-los no novo contexto de uso da língua, que não o debate e a roda de conversa, mas o artigo de opinião.

Nos sete artigos de opinião analisados, os autores com mais ou menos habilidade, utilizaram discursos anteriores ao construir o novo discurso. Em seus textos, utilizaram discursos dos autores consagrados dos textos lidos em sala de aula e de suas vivências particulares. Marcam, dessa forma, a presença constante e inevitável do dizer do outro no seu dizer, visto que o que sabemos é adquirido no contato com o outro, a aquisição de conhecimento, seja ele qual for, não acontece no isolamento, de mim para mim.

Averiguamos, com base nos dados, que a relação entre os gêneros é constitutiva do processo pedagógico em questão. Citamos o de domínio midiático, o religioso, o artigo de opinião, e, do cotidiano, o debate e a canção popular. No primeiro, houve a fundamentação argumentativa pelo argumento de autoridade – os autores consagrados dos textos fonte; no segundo, observamos a presença constante da argumentação pelo exemplo na fala de alguns alunos, partindo de um fato particular para adentrar na generalização.

Portanto, justificamos a relevância deste estudo ao contribuirmos para um ensino de LP na EJA que seja mais significativo, levando em consideração a vida

concreta dos estudantes e o contexto social da escola, pois cada comunidade tem suas características próprias, assim como cada turma e cada estudante. Ao final das etapas do trabalho pedagógico identificamos – por meio de observação de questionário respondido pelos discentes de forma anônima no último dia de aula –, que houve mais segurança ao usar a fala, ainda que, considerem que o conhecimento escolar deve se dá mais através da utilização e prática do ensino da escrita. Diante disso, esperamos contribuir para uma maior compreensão da relação entre a oralidade e a escrita no ensino de LP na EJA, visto que são constitutivas do ensino de LP.

Vimos nos discursos dos alunos sujeitos da pesquisa, o ter o que dizer, para quem dizer e como dizer, como desencadeadores do uso da palavra, ora com a fala, ora com a escrita. É interessante ressaltar a necessidade de haver o respeito ao ritmo de aprendizagem destes alunos de EJA, ao direito à palavra, e, às diferentes possibilidades de escrita. Com base nos autores, pontuamos a escola como um espaço privilegiado para lidar com as dívidas das desigualdades. É função social da escola promover estratégias de ensino em que a capacidade interpretativa do aluno permita-lhe compreender a sua própria história de modo a lutar por dias melhores e por uma vida menos injusta! A partir dos postulados de Bakhtin, observamos nos textos dos alunos, o encontro de diversas vozes – o aluno autor, o autor consagrado, o discurso da vivência, representados nas múltiplas vozes que eles representam, marcando a construção e reconstrução de significados nos dizeres dos alunos.

Os textos mostram que, embora eles se enxerguem como aqueles que são silenciados por meio do uso da escrita, uma realidade presente no país, marcam resistência e, apesar de eles estarem numa posição de não pertencimento da escrita, eles escrevem, eles dizem! A escrita formal pode retirar a autonomia do aluno quando usada para estigmatizar, ele não se sente legitimado a dizer, não reconhece seu direito de voz! No entanto, na situação escolar de produção de texto escrito, como tarefa pedagógica, ele pode enfrentar seus medos e limitações e emite a sua opinião, rompendo com os padrões da sociedade elitista que separa seus cidadãos pelo uso da linguagem e está tomando, assumindo o seu direito de voz através da escrita escolar! O estudante de EJA tem direito ao seu espaço na escola, é preciso que pessoas se disponham a lutar por políticas públicas que defendam e sustentem a oferta de qualidade para esta modalidade de ensino.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Problemas da poética de Dostoievski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

_____. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010a.

_____. **Questões de Literatura e Estética**. Trad. Aurora F. Bernadini et al. São Paulo: Unesp/Hucitec, 1993.

_____. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Problemas da Poética de Dostoiévsk**. 5ª. ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.

_____. **Teoria do Romance I: a estilística**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Ed. 34, 2015.

_____; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. Trad. Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. 16ª. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin: Dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2009a.

_____. (Org.). **Bakhtin e o círculo**. São Paulo: Contexto, 2009b.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

_____. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. In: **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 20 dez. 1996.

_____. Conselho Nacional de Educação. Parecer CEB nº. 11/2000. **Diretrizes Curriculares para Jovens e Adultos**. Brasília, MEC, mai. 2000.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Proposta Curricular para Educação de Jovens e Adultos: Segundo Segmento do Ensino Fundamental: 5ª a 8ª Séries: Introdução**/Secretaria de Educação Fundamental, 2002, p. 256.

COLELLO, S. **A escola e a produção textual: Práticas interativas e tecnológicas**. São Paulo: Summus, 2017.

CUNHA, Celso. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2009.

EMERSON, Caryl. **Os 100 primeiros anos de Mikhail Bakhtin**. Trad. Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.

ESCOLA MUNICIPAL DR. MÁRIO SANTALÚCIA. **Projeto Político Pedagógico**. Diadema: PPP, 2017.

FREIRE, P. **Conscientização – teoria e prática da libertação**. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. P. **Pedagogia do oprimido**. 18 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

_____. P. **O processo educativo segundo Paulo Freire & Pichon-Riviere.** São Paulo: Vozes, 1991a.

_____. **A educação na cidade.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 1991b.

_____. **Professora sim, tia não.** São Paulo: Olho d' Água, 1993.

_____. **A pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da Esperança:** um encontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

_____. **Pedagogia da indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. 4. ed. São Paulo: Unesp, 2000.

_____. **Política e educação.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **À sombra desta mangueira.** São Paulo: Olho d' Água, 2003.

_____. P; SHOR, Ira. **Medo e ousadia.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____; FAUNDEZ, Antônio. **Por uma pedagogia da pergunta.** 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

GERALDI, João Wanderley. (Org.). **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 1997.

_____. **Paulo Freire e Mikhail Bakhtin:** um encontro que não houve. Disponível em: <<http://blogdogeraldi.com.br/paulo-freire-e-mikhail-bakhtin-um-encontro-que-nao-houve/>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico de 2010.** Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/diadema/panorama>>. Acesso em: 06 ago. 2017.

_____. Trajetórias de acesso ao mundo da escrita: relevância das práticas não escolares de letramento para o letramento escolar. In: **Perspectiva**, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 375-400, jul./dez. 2010. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/2175795X.2010v28n2p375/18442>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

LOCH, J. M. de Paula; BINS, K. L. Genro; MORAES, S. Campos; HUERGA, S. **EJA: planejamento, metodologias e avaliação**. FNDE, PNBE. Porto Alegre: Mediação, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2009.

_____; DIONÍSIO, Ângela Paiva. **Fala e Escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MORSON, Gary Saul; EMERSON, Caryl. **Mikhail Bakhtin: Criação de uma prosaística**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: EDUSP, 2008.

PIETRI, Émerson de. **Práticas de Leitura e Elementos para a Atuação Docente**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

_____. Os estudos linguísticos e a constituição de objetos de discurso: os conceitos da linguística textual como referência para o tratamento teórico-analítico da escrita escolar. In: **Alfa, revista linguística**, São José Rio Preto. São Paulo, v. 58, n. 2, p. 371-400, dez. 2014. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981579420140002003711ng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 jan. 2019.

_____. A oralidade, a escrita e as condições de produção de textos na escola: a constituição da escrita escolar em objeto de investigações acadêmicas. In:

Perspectiva, Florianópolis, v. 30, n. 2, p. 573-602, mai./ago. 2012. Disponível em: <<file:///C:/Users/Daniella/Downloads/21583-89174-2-PB.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE DIADEMA. **Diagnóstico Situacional da Educação**. Diadema, 2017. Disponível em: www.diadema.sp.gov.br. Acesso em: 12 fev. 2017.

POSSENTI, Sírio. Índícios de autoria. In: **Perspectiva**, Florianópolis, v. 20, n. 01, p. 105-124, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/10411/9677>. Acesso em: 20 jan. 2019.

PRETI, Dino. **Estudos de língua oral e escrita**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

_____. **Oralidade em textos escritos**. São Paulo: Humanitas, 2009.

SAUL, Ana Maria (Org.). **Paulo Freire e a formação de educadores**: múltiplos olhares. São Paulo: Articulação Universidade/Escola, 2000.

_____; SILVA, Antonio Fernando Gouvêa. O legado de Paulo Freire para as políticas de currículo e para a formação de educadores no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos pedagógicos**, Brasília, v. 90, n. 224, p. 223-244, jan. /abr. 2009. Disponível em: <<http://rbep.inep.gov.br/index.php/rbep/article/view/507/491>>. Acesso em: 20 set. 2017.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLS, Joaquim. Os gêneros escolares – das práticas de linguagem ao objeto de ensino. In: **Revista Brasileira de Educação**, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Genebra, n. 11, mai./jun./jul./ago. 1999. Disponível em: <http://anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBDE11/RBDE11_03_BERNARDEJOAQUIM.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2019.

SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO DE DIADEMA. **Dados estatísticos**. Disponível em: <www.diadema.sp.gov.br>. Acesso em: 05 jan. 2018.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Proposta Curricular de Educação de Jovens e Adultos**. Gráfica da SME, Diadema: 2007.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Plano Municipal de Educação**. Gráfica da SME, Diadema: 2016.

SILVA, Roberto da; SOUSA, João Clemente Neto; MOURA, Rogério. **Pedagogia Social**. 3. ed. v. 1. São Paulo: Expressão & Arte, 2014.

_____; MACHADO, E. Monteiro; CARO, S. M. Pessagno. **Pedagogia Social: Contribuições para uma Teoria Geral da Educação Social**. 1. ed. v. 2. São Paulo: Expressão & Arte, 2011.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

TAKAHASHI, H. Yagui. **Evangelho segundo Racionais MC's: ressignificações religiosas, políticas e estético-musicais nas narrativas do rap**. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal de São Carlos, 2014.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1947.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1986.

VOLOCHÍNOV. **Marxismo e filosofia da Linguagem**. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

ANEXOS

ANEXO 1 – Textos trabalhados com os alunos

Texto 1: A crônica da desigualdade

Não é de hoje que se ouve dizer que o Brasil abriga uma minoria que desfruta de uma qualidade de vida superior a das elites dos países mais avançados, ao mesmo tempo em que possui um contingente humano em situação de pobreza que lembra as nações mais miseráveis do planeta. A dualidade social parece ser nossa marca registrada. Ao circular pelos maiores centros urbanos a desigualdade salta aos olhos. Na cidade de São Paulo, por exemplo, condomínios de luxo são cercados por favelas que crescem do dia para noite e nos semáforos veículos caríssimos e de última geração contrastam com multidões de pessoas vendendo quinquilharias.

A desigualdade social brasileira foi destacada nos últimos dias em anúncio da pesquisa da “pobreza” do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e de um relatório da “riqueza” produzido pelo banco de investimento Merrill Lynch e pela financeira Capgemini. Tudo isso foi caprichosamente temperado pela ostentação nos meios de comunicação da divulgação da inauguração em São Paulo da nova superloja de uma tradicional boutique que atende a “elite da elite” brasileira.

O trabalho do IPEA revela dados vergonhosos em diferentes áreas. Os números do mercado de trabalho apontam que o desemprego atinge 10% das pessoas e que 45,5% dos trabalhadores atuam na informalidade. No tocante à renda, 53,9% dos brasileiros ganham por mês metade de um salário mínimo.

A educação também registra números vexatórios na pesquisa do IPEA. Temos 14,6 milhões de analfabetos (12% da população) e menos de 70% das crianças de 7 a 14 anos conseguem chegar à oitava série. Na saúde, 25,1 crianças a cada mil nascimentos morrem antes de completar um ano de idade. No levantamento sobre as condições de moradia o trabalho revela ainda que 17 milhões de brasileiros moram em residências superlotadas (mais de três pessoas por cômodo) e 6,6 milhões vivem em favelas.

Num país onde 1% dos mais ricos (1,8 milhão de pessoas) se apropriam de uma renda equivalente à detida pelos 50% dos mais pobres (90 milhões de pessoas)

não era de se esperar resultados diferentes dos que foram divulgados pelo IPEA. Por outro lado, cabe ajuizar que o efeito mais abominável dessa terrível desigualdade, que ampliou perigosamente a marginalidade econômica e social, é o risco constante vivido pela grande massa de brasileiros no que se refere à preservação da vida. Em 13 anos o número de homicídios no país cresceu 155%.

Para contrastar com os dados do IPEA, os da Merrill Lynch e da Capgemini mostraram que o número de milionários no Brasil cresceu mais de 7% de 2003 para 2004. Segundo o relatório, há no país 98 mil pessoas com patrimônio declarado acima de US\$ 1 milhão. O principal motivo apontado pelo relatório para o aumento no número de ricos brasileiros foi a aplicação das atuais políticas monetária e fiscal.

O relatório sobre os novos milionários evidencia uma situação dramática e cruel envolvendo a política econômica praticada em nosso país. As escorchantes taxas de juros funcionam como máquina de sucção que absorve recursos da produção e os direciona em favor dos rentistas. Com isso, monta-se uma dinâmica onde a cada ano acentua-se o dramático fosso social existente no país mais desigual do mundo.

Os relatórios da “pobreza” e da “riqueza” revelam que ainda estamos longe do ideal de igualdade de oportunidades em nosso país. Não se deve esperar que apenas o governo atenuar a crônica desigualdade brasileira, mas rever as políticas públicas é um importante e indispensável passo. Manter políticas sociais de natureza assistencialista não elimina a pobreza e a miséria. Precisamos sim de ações efetivas voltadas à geração de empregos e à promoção da educação pública como formas de se realizar o potencial de mobilidade social do país. Enquanto isso, o quadro vai se agravando dramaticamente, com os ricos tornando-se milionários, a miséria crescendo, e a classe média, desaparecendo.

Marcos Cintra Cavalcanti de Albuquerque, doutor pela Universidade Harvard, professor titular e vice-presidente da FGV, foi deputado federal (1999-2003). Secretário das Finanças de São Bernardo do Campo. www.marcoscintra.org

Texto 2: As Desigualdades Sociais no Brasil

O crescente estado de miséria, as disparidades sociais, a extrema concentração de renda, os salários baixos, o desemprego, a fome que atinge milhões de brasileiros, a desnutrição, a mortalidade infantil, a marginalidade, a violência, etc., são expressões do grau a que chegaram as desigualdades sociais no Brasil.

As desigualdades sociais não são acidentais, e sim produzidas por um conjunto de relações que abrangem as esferas da vida social. Na economia existem relações que levam a exploração do trabalho e a concentração da riqueza nas mãos de poucos. Na política, a população é excluída das decisões governamentais.

Até 1930, a produção brasileira era predominantemente agrária, que coexistia com o esquema agrário-exportado, sendo o Brasil exportador de matéria prima, as indústrias eram pouquíssimas, mesmo tendo ocorrido, neste período, um verdadeiro “surto industrial”.

A industrialização no Brasil, a partir da década de 30, criou condições para a acumulação capitalista, evidenciado não só pela redefinição do papel estatal como na interferência na economia (onde ele passou a criar as condições para a industrialização), mas também pela implantação de indústrias voltadas para a produção de máquinas, equipamentos, etc. A política econômica, estando em prática, não se voltava para a criação, e sim para o desenvolvimento dos setores de produção, que economizam mão-de-obra. Resultado: desemprego.

A pobreza absoluta

Quando se fala em desigualdades sociais e pobreza no Brasil, não se trata de centenas de pessoas, mas em milhões que vivem na pobreza absoluta. Essas pessoas sobrevivem apenas com 1/4 de salário mínimo no máximo!

A pobreza absoluta apresenta-se maior nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Para se ter uma ideia, o Nordeste, em 1988, apresentava o maior índice (58,8%), ou seja, 23.776.300 pessoas viviam na pobreza absoluta. Em 1988, o IBGE detectou, através da Pesquisa Nacional por Amostra em Domicílios, que 29,1% da população ativa do Brasil ganhava até 1 salário mínimo, e 23,7% recebia mensalmente de 1 a 2 salários mínimos. Pode-se concluir que 52,8% da população ativa recebe até 2 salários mínimos mensais.

Com esses dados, fica evidente que mais da metade da população brasileira não tem recursos para a sobrevivência básica. Além dessas pessoas, tem-se que recordar que o contingente de desempregados também é muito elevado no Brasil, que vivem em condições piores que as desses assalariados. As condições de miserabilidade da população estão ligadas aos péssimos salários pagos.

A extrema desigualdade

Observou-se anteriormente que mais de 50% da população ativa brasileira ganha até 2 salários mínimos. Os índices apontados visam chamar a atenção sobre os indivíduos miseráveis no Brasil. Mas não existem somente pobres no Brasil, pois cerca de 4% da população é muito rica. O que prova a concentração maciça da renda nas mãos de poucas pessoas.

Além dos elementos já apontados, é importante destacar que a reprodução do capital, o desenvolvimento de alguns setores e a pouca organização dos sindicatos para tentar reivindicar melhores salários, são pontos esclarecedores da geração de desigualdades.

Quanto aos bens de consumo duráveis (carros, geladeiras, televisores, etc), são destinados a uma pequena parcela da população. A sofisticação desses produtos prova o quanto o processo de industrialização beneficiou apenas uma pequena parcela da população.

Geraldo Muller, no livro “Introdução à economia mundial contemporânea”, mostra como a concentração de capital, combinado com a miserabilidade, é responsável pelo surgimento de um novo bloco econômico, onde estão Brasil, México, Coréia do Sul, África do Sul, são os chamados “países subdesenvolvidos industrializados”, em que ocorre uma boa industrialização e um quadro de enormes problemas sociais.

O setor informal é outro fator indicador de condições de reprodução capitalista no Brasil. Os camelôs, vendedores ambulantes, marreteiros, etc, são trabalhadores que não estão juridicamente regulamentados, mas que revelam a especificidade da economia brasileira e de seu desenvolvimento industrial.

TOMAZI, N. Dácio. **Iniciação à Sociologia**. SP: Atual, 1993. Publicado por: Equipe Brasil Escola.

Texto 3: Canção/poema *Cidadão* na voz de Zé Ramalho

<p>Tá vendo aquele edifício, moço? Ajudei a levantar Foi um tempo de aflição Eram quatro condução Duas pra ir, duas pra voltar.</p> <p>Hoje depois dele pronto Olho pra cima e fico tonto. Mas me vem um cidadão. E me diz desconfiado: "Tu tá aí admirado? Ou tá querendo roubar?"</p> <p>Meu domingo tá perdido Vou pra casa entristecido. Dá vontade de beber. E pra aumentar meu tédio Eu nem posso olhar pro prédio Que eu ajudei a fazer.</p> <p>Tá vendo aquele colégio, moço? Eu também trabalhei lá Lá eu quase me arrebento. Fiz a massa, pus cimento. Ajudei a rebocar.</p> <p>Minha filha inocente Vem pra mim toda contente: "Pai, vou me matricular." Mas me diz um cidadão: "Criança de pé no chão Aqui não pode estudar."</p>	<p>Essa dor doeu mais forte Por que é que eu deixei o norte? Eu me pus a me dizer. Lá a seca castigava, Mas o pouco que eu plantava Tinha direito a comer.</p> <p>Tá vendo aquela igreja, moço? Onde o padre diz amém, Pus o sino e o badalo Enchi minha mão de calo Lá eu trabalhei também.</p> <p>Lá foi que valeu a pena Tem quermesse, tem novena E o padre me deixa entrar. Foi lá que Cristo me disse: "Rapaz deixe de tolice Não se deixe amedrontar. Fui eu quem criou a terra Enchi o rio, fiz a serra Não deixei nada faltar.</p> <p>Hoje o homem criou asa E na maioria das casas Eu também não posso entrar. Fui eu quem criou a terra Enchi o rio, fiz a serra, Não deixei nada faltar. Hoje o homem criou asas E na maioria das casas Eu também não posso entrar.</p>
---	---

ANEXO 2 – Debate (20/02/17)

O que você entende sobre desigualdade social? Quais são as diferentes formas de desigualdade social que você pode perceber na sociedade, no trabalho, na comunidade onde vive?

Demetrius (F1) fessora a falta de dinheiro né? É desigualdade social... umas pessoa ter muito e outras ter pouco.

Antônio (F1) tem muito né... é... no Brasil há desigualdade na saúde... na educação... no trabalho, né? agora tem uma que não acaba né? É a do pobre e do rico... porque o rico precisa do pobre e o pobre precisa do rico também né... pra poder viver... só isso... mas pra melhorar isso tem que... os nosso político... depende muito deles né... pra poder melhorar muita coisa... senão não melhora nunca, entendeu?

Nenhum aluno se manifesta. Após um período de silêncio, a professora comenta:

Professora (F1): então seu Antônio tá colocando aqui gente... que na sociedade onde a gente vive sempre vai existir o rico e o pobre... sempre vai existir essa relação e aí ele colocou também... eu tô repetindo aqui porque como ele falou baixo... tá tímido é:: a questão política né que a gente precisa mesmo falar aqui da questão política ... é que a desigualdade se dá por conta disso né... então quem gostaria de complementar concordando ou discordando da opinião do seu Antônio?

Givanilson (F1): sobre a desigualdade social... o que eu entendo um pouco é... eu creio que também há respeito pelo ser humano né? pela pessoa... uma pessoa é de uma cor... tipo branca ou negra... então a desigualdade/a discriminação... a discriminação... as pessoas são todas... é... iguais... entendeu? pra mim são todas iguais e:: deve ter o mesmo tratamento de uma:: de uma pessoa negra ou branca... pra mim tem que ser o mesmo tratamento.

Professora (F2): Quem de vocês já foi vítima de alguma injustiça? Como isso aconteceu? E aí quando a gente fala de injustiça entra a questão do preconceito de cor, de religião, de gênero, etc.

Francisco (F1): O preconceito que eu vejo maior também... É:: tipo... na sociedade tipo nós, né? não temos leitura... foi criado tipo um preconceito em cima da gente... então qualquer coisa que você for fazer... as pessoa cria um preconceito... mesmo que não precisa de leitura pra fazer aquilo... mas a pessoa não aceita você fazer entendeu? porque você não tem a escolaridade entendeu? Isso é um preconceito só que ninguém ver como se fosse um preconceito mas que é um dos maior que tá tendo... hoje o cidadão perdeu o direito na sociedade de TRABALHAR de fazer qualquer coisa por causa que ele não tem um diploma... isso é um preconceito que eu MAIS... que A GENTE sofre mais.

Sebastião (F1): é... então... eu queria falar o seguinte... a:: é... por exemplo o presidente Lula né, pode falar isso? ele é motivo de chacota por muitas pessoas porque... às vezes ele fala o português ERRADO e:: e nunca foi visto pela questão da capacidade né? o que o colega falou aí é verdade... as vezes você é:: é capaz né? você tem... é pode desempenhar um trabalho e:: por causa disso né... de um diploma ou algo parecido... principalmente no mercado de trabalho hoje né... é por exemplo... eu tenho duas filhas e estão... agora uma arrumou emprego mas as duas estavam e eu também estou desempregado né... e a primeira coisa que eles pedem é:: nas como... um perfil né pra/pro cargo e tudo mais é experiência... agora eu pergunto como é que alguém que nunca trabalhou pode ter

experiência né? então a falta de oportunidade que já entra naquele primeiro... primeira pergunta que já passou né que é da desigualdade social... acontece muito isso... então existe pessoas experientes no mercado de trabalho e:: e não tá tendo oportunidade exatamente por isso... pelo que ele falou aí né... e:: e também estão constatando que muitas pessoas aposentados inclusive alguns professores também tão voltando ao trabalho por falta de:: novos né no mercado... tem pessoas engenheiro já ouvi falar engenheiros médicos tal que... aposentados por causa da::? demanda né e por falta de novos funcionários competentes que até tem diplomas né mas por falta de experiência de competência estão requisitando... o mercado tá requisitando esses é:: antigos é:: né profissionais pra retornarem ao mercado de trabalho então isso que ele falou é verdade ã:: muitas vezes exigem experiência e capacidade e não dão oportunidades né então é isso mesmo.

Professora (F3) após outro tempo de silêncio: Então entra aí a questão é:: de refletir... segundo a fala do Sebastião que pode fazer vocês reflitam sobre a volta à escola. Porque como o mercado de trabalho exige é o conhecimento hoje, muitos de vocês estão aqui por conta disso não é?

Zenilton (F1): é muitos estão né... porque se só tem rico e a gente não procurar os estudo hoje em dia... a coisa vai ficar mais complicada mais pra frente... se a gente que agora tá sendo complicado... imagina os novo que tão vindo... se não tiver estudo... a desigualdade vai ser maior ainda... que nem o seu Francisco falou... os políticos... os político só vê pra eles né... o racismo... o estudo... a saúde fica tudo aí a critério do deus dará.

Queremos ouvir agora as mulheres professora. (vozes masculinas).

Lúcia (F1): Bom eu... tem trinta e poucos anos que eu não voltava na sala de aula né... aí... aí a minha filha sempre me cobrava isso... mãe por que você não volta a estudar mãe? aí eu resolvi voltar... mas tá sendo muito bom... pra mim assim... sobre a questão da desigualdade a gente passa muito por isso no trabalho né... às vezes as pessoas por não terem assim um grau assim mais alto... por exemplo... uma professora né... eu trabalho numa escola né... eu trabalho na cozinha numa creche e às vezes as professoras nem sempre são assim... tão educadas com a gente né... às vezes a gente sofre assim certo tipo de coisa e assim a gente sente na pele no dia a dia né... assim esse/essa desigualdade porque nem todo mundo trata você assim... igual pra igual tem gente assim... que trata assim como se você fosse sempre menos né... e às vezes assim tem pessoas que acha que é tanta coisa e a gente não é nada... é tão... somos tão frágil.

Professora (F4): Então nesse exemplo aqui da Lúcia ela tá colocando a:: questão da discriminação como um fator mesmo do ser humano né... pelo exemplo que ela vive no trabalho dela o que a gente pode observar é que a:: faz parte do ser humano... não é somente um determinado tipo de profissional... um determinado tipo de ser humano que vai fazer/o... que é preconceituoso... isso tem haver com a cultura com a educação...

Zenilton (F2): Mas isso aí tudo é culpa da gente mesmo... a gente não tem boca pra falar e aceita o que eles querem é... tanto na educação como no salário na aposentadoria... então a gente fica pra baixo por causa da gente mesmo a gente não põe a boca no trombone.

Professora (F5): Todas as pessoas têm acesso as mesmas condições de vida? Tem acesso aos mesmos bens materiais?

Dayany (F1): não... uns têm muito e outros não têm nada ((risos e mão na boca, timidez))

Samara (F1): o rico tem coisa boa pra comer na mesa e o pobre sem nada ((risos)).

Outra vez o silêncio, a pergunta é retomada... Por que alguns têm muito e outros não tem o que comer? Isso é justo?

Dayany: não... isso é desigualdade social... não é justo né? Uns terem tanto e outros não.

Givanilson (F2): eu acho que... na minha opinião... aí é os políticos... porque a gente coloca... a sociedade coloca os político lá pra defender a gente... pra defender a nossa causa... pra nos trazer educação... e::: à população né... uma saúde boa... uma educação boa e:: eles num olham pra isso... eles dão o suficiente tipo pra... pra... tipo só pra ELES... o que acontece aí nesses rolos que já apareceu aí né... muitos... conta suíça dinheiro em outros países enquanto nós os pobres aí estamos sofrendo com educação péssima... entendeu... nuuum capacita nuuum os professores ou os alunos... entendeu a minha opinião é isso aí.

Antônio (F2): como ele falou né... esse problema de/da pessoa enriquecer é:: num tem nada a ver com político não...

Professora (F6): como é que é seu Antônio?

Antônio (F3): é que isso do cara enriquecer não pertence à política... porque a maioria dos jogador de bola eles são filho de pobre... entendeu e hoje eles são tudo rico a maioria... e não tem nada haver com político... entendeu... se você nasce pa/pra ficar rico... cê/cê fica rico... se nasceu pra ficar pobre morre pobre... então não tem nada haver... no MEU VER... com política não.

Professora (F7): Então seu Antônio na opinião do senhor as pessoas que são pobres que não têm saúde de qualidade, não têm, muitas vezes nem o alimento, a moradia, o senhor acha que não tem haver com as políticas sociais?

Antônio (F4): Isso aí tem. O bom emprego né... a comida na mesa... aí já depende do político... agora recurso não.

Professora (F8): A questão das pessoas que moram na rua porque não tem onde morar, o senhor vê como de responsabilidade dos governantes?

Antônio (F5): exatamente... isso aí depende porque é da política... entendeu? agora esse negócio da pessoa ficar milionário igual o Ronaldinho o jogador de bola... não tem nada haver com política não.

Sebastião (F2): aí são as chamadas políticas sociais que no Brasil não é praticada né e::: faz parte da Constituição isso aí... é: os políticos eles não segue isso... agora a falta de oportunidades se dá exatamente disso... porque isso que ele citou é::: é uma MINORIA... é uma minoria que tem isso né... num é... isso de maneira nenhuma vai entrar nas pesquisas... nem nos índices como... melhorando a desigualdade social... isso nem entra... né a:: a igualdade social só vem com programas desenvolvidos pelo governo né... com suas políticas sociais que eles tanto falam e não praticam... então por exemplo a solução seria por meio da EDUCAÇÃO né é:: as pessoas estão na rua e a gente tem a criminalidade todo dia isso... é exatamente por causa disso né... só que não é de um dia pra outro... o Brasil é um país colônia todo mundo sabe né... e desde o seu descobrimento que vem essa desigualdade vem de cima pra baixo ((sinaliza a posição verticalizada) quer dizer... quem tem muito continua tendo muito... a distribuição de renda que entra na primeira pergunta a desigualdade social é::: é a PIOR INJUSTIÇA SOCIAL que existe poucos tem muito e muitos não tem... então se dá por isso... agora isso que ele falou agora ((aponta pro colega Givanilson)) das políticas sociais eu resumiria nisso é:: muitos falam tentam mas até hoje no

Brasil e eu acho que num vai acontecer nunca é:: aconteceu essa política né pra se tornar menos injusta né... essa distribuição de renda né é verdade? Não... e é nesse sentido aí ((risos)) e acho que esse debate vai longe porque... vai longe porque assim aaaa desigualdade social no Brasil é uma questão de educação CULTURAL né... é cultural isso vem de gerações... de gerações nós estamos sofrendo isso hoje mas não é de hoje não... vem de centenas de anos desde que o Brasil existe né.

Professora (F9): então é tão certo você vê que é:: a gente pode observar a respeito aqui das falas dos colegas de vocês que está enraizado na cultura da população... na mente da população de que não tem jeito... de que a gente tem que aceitar que a gente não precisa mudar... não deve fazer nada... é isso mesmo?

Alguns alunos: não.

Francisco (F2): tem que correr atrás pra mudar isso aí né... mas só vai mudar se estudar... se nós não desenvolver nós vamo ficar pa trás do mesmo jeito foi o que aconteceu... ó vou falar de mim mesmo... eu mesmo... eu trabalho... faço um serviço há... uns trinta ano já... minha patroa chegou pra mim ó tem que estudar se não estudar infelizmente não tem como continuar... pra ver como que é você faz uma coisa há trinta ano depois desse tempo cê consegue fazer a mesma coisa entendeu? aí é onde eu falo que:: existe o preconceito né... se eu tivesse um diploma qualquer com certeza mesmo que eu tivesse fazendo aquela mesma aquele mesmo serviço lá ela não ia falar isso pra mim... isso é um preconceito que tem... o que eu faço hoje se eu bater na porta se eu chegar em qualquer porta aí não dão oportunidade pra mim né... então eu considero isso um preconceito.

Professora (F10): A diferença entre o homem e a mulher na sociedade atual tem melhorado em relação ao passado?

Samara (F2): a discriminação existe ainda... por mais que a mulher lute pra encontrar o espaço dela... não tem jeito o salário nunca que vai ser igual o do homem.

Silêncio... Professora: Alguém mais quer falar?

Lúcia (F2): é que nós mulheres sempre trabalhamos mais né gente ((risos e olha pros colegas da sala descontraída)) a mulher trabalha no trabalho... trabalha em casa... cuida de filho cuida de marido mas a gente continua ganhando menos BEM menos né é: assim dá pra se contar assim a mulher que ganha mais do que o homem né ((risada)) então gente a desigualdade assim... EXISTE e ela é BEM VISÍVEL no nosso dia a dia né. E a gente continua trabalhando bem mais né.

Antônio (F6):: é a diferença da mulher hoje em dia mudou muito né? é por causa do trabalho... às vezes há trinta quarenta ano as mulheres só servia pra cuidar de filho né e hoje não a mulher trabalha igual o homem... então tem uma igualdade né... só não o salário entendeu.

Professora (F11): O negro continua sendo o mais pobre da população e junto com isso surgem outros problemas como a falta de acesso aos estudos e à universidade, os estereótipos negativos ligados à criminalidade, à violência da polícia. Isso melhorou no país?

Demétrius (F1):: fessora eu creio que não.. porque até hoje eu escuto falar que as pessoa apanha da polícia... a polícia mata... mas esse negócio eu acho que não acaba não fessora... porque que nem às vezes a pessoa apanha... tem hora que os cara vai pegar a pessoa num vai querer deixar vivo né fessora... vai querer matar porque se a pessoa for lá

e denunciar... faz um gesto que não conheço só pelo fato fessora de ser negro... eu falo porque pode perguntar pra ele ((aponta pro adolescente do outro lado)) como que é... mas se a polícia ver um preto ela pode achar que ele tá fazendo coisa errada tá ligado? que nem aquele dia aqui na escola... eu sabe os azuzinho... o policial eu saindo da escola com o caderno na mão... o policial veio falar que eu que tava zoando com ele sendo que eu tinha acabado de sair da classe... Já sofri preconceito já... que a pessoa olha assim e fala assim nossa aquele menino é preto tá ligado é bandido que discrimina pela cor... que não gosta de preto mesmo fessora é racista

Professora (F12): A questão racial mostra muito de quem discrimina, é a pessoa pobre de espírito.

Zenilton (F3):: é sem noção né professora porque acho que o interesse não é a cor da pele... interesse é o que tem... é algo da pessoa... a discriminação no Brasil é totalmente ... hoje em dia todo mundo quer discriminar um preto... um moreno... num dá valor ((embargo na voz)) mesmo você passando bem vestido ou mal vestido ele discrimina mesmo... fala assim olha lá vai o negrinho... nunca fala... não chega a falar pra pessoa... mas comenta com outros entendeu? uma discriminação TOTAL aí.

Professora (F13): Quem já presenciou alguém sendo discriminado?

Dayane (F2): já... já vi dentro do ônibus a mu/um homem tava sentado né... dentro do ônibus... é ele era negro ... aí chegou a mulher e aí sentou do lado dele né e aí a mulher ficou tipo olhando assim pra mim assim fazendo gesto sabe como assim da cor dele e depois levantou e saiu de perto dele e ele ficou sozinho ali naquela cadeira.

Professora: Eu queria ouvir de vocês sobre a questão mesmo como ser humano o que vocês acham da pessoa que é capaz de julgar o outro pela cor da pele?

Sebastião (F3): a:: é um problema social mas acho que principalmente a:: a falta de amor... o que tá faltando é amor... quem ama realmente não vai maltratar a pessoa mas aí é o que a gente chama de mais subjetivo né de cada um mas eu acho que vai mais da educação mesmo porque... é:: vamos imaginar... um lar onde os pais ensinam os filhos que não deve discriminar... os filhos dificilmente vão fazer isso né? Então é: até queria falar voltando um pouquinho sobre a questão do negro eu acho que o negro e o pobre... estão mais ou menos no mesmo patamar de rejeição porque até já falaram em pena de morte no Brasil... muita gente fala que se tivesse isso... só ia morrer preto e pobre... ninguém ia querer saber do branco... sendo pobre pra mim... é:: provavelmente entrarão na lista né? então tem isso... agora a questão do ser humano como tratar as pessoas muitas vezes o que falta aí é amor... e tem uma palavra que diz... que é bíblica né... que diz que o meu povo foi destruído porque lhe faltou conhecimento... o povo é destruído por causa disso... vale pra todas as camadas sociais... religiosos... ateus... pra todo mundo... uma nação só sofre mesmo essa discriminação... a desigualdade social porque falta conhecimento... quem é informado... quem conhece realmente não vai eleger político corrupto por exemplo... então uma pessoa que tem informação... que tem conhecimento muda uma nação... então falta amor e é mais abrangente porque o Estado é laico e se não pode falar você pode até tirar se for o caso... eu só citei essa passagem porque vale pra tudo né... vale pra tudo pra todos né.

Professora (F14): emoções não separa classe social como Sebastião colocou. Não é cor da pele ou nível social que vai tornar o ser humano mais humano ou menos humano, ele citou a bíblia e a bíblia é uma referência também... então não é nível social ou cor da pele que vai tornar o ser humano mais humano ou menos humano, não é isso?

Zenilton (F4): é: a senhora lembra daquele fato que passou na televisão... acho que há um ano atrás? Só enxergou o menino depois que ele tentou salvar a vida da mulher? ele tomou seis tiros lá na catedral? então... aquilo é amor sim pelo ser humano ((demonstra emoção))... ele perdeu a própria vida... então fica difícil... todo mundo ia julgar mesmo porque ele era um mendigo... aí chega o final que ele perdeu a vida pra salvar outro isso que é INCRÍVEL mas hoje em dia ninguém é reconhecido por essas coisa não.

Professora (F15): Sobre a questão da criminalidade, quem vai pra cadeia?

Alguns alunos: o pobre é que vai pra cadeia .

Professora (F16): Então o rico é que fica impune?

Antônio (F7): ficava né... agora não fica mais não... agora vai pra cadeia o rico entendeu... não é só pobre que vai pra cadeia agora não ((risos)) até o rico vai pra cadeia... até os políticos já tem um bocado na cadeia.

Professora (F17): E os deputados e senadores?

Antônio (F8): já tem um bocado na cadeia.

Alguns burburinhos ininteligíveis na sala.

Zenilton (F5): os deputado vai pra cadeia aonde pelo amor de Deus?

O debate é interrompido porque acaba o tempo cronológico da aula. Ao ouvir o “sinal” os alunos levantam-se e saem da sala sem esperar um fechamento.

ANEXO 3 – Rodas de conversas

1 – Roda de conversa do texto A crônica da desigualdade de Marcos Cintra (24/02/17)

((os alunos ficam em silêncio, a professora procura iniciar a conversa))

Professora: qual é a temática do texto?

Demetrius: desigualdade

Professora: desigualdade...

Demétrius: social

Professora: e dentro desse tema desigualdade social quais os subtemas abordados em relação à desigualdade social?

Dayany: trabalho... educação.

Lúcia: saúde.

Demetrius e Fátima: desemprego. ((Falam juntos))
((silêncio por alguns segundos))

Professora: quando ele fala da educação... quais são os dados que ele dá sobre educação?

Dayany: 14,6 milhões... de analfabetos.

Professora: quais são os outros dados de educação que ele dá... ele dá a porcentagem de analfabetos...

Dayany: e 12% da população... e menos de 70% das crianças de 7 a 14 anos não consegue chegar a 8ª série.

Professora: o que vocês acham gente desse número aí... menos de 70% das crianças de 7 a 14 anos não consegue terminar a 8ª série... por gentileza eu preciso da opinião de vocês... quem gostaria de começar... de falar sobre isso... quer falar Dayany... Demetrius ((silêncio por alguns segundos))

Professora: o que que vocês acham desse dado gente? ((silêncio por alguns segundos))

Professora: O que que significa 70% vocês conseguem ter uma dimensão disso?

Lúcia: É muita coisa.

Professora: São adolescentes... o que tá acontecendo... não é pra gente se perguntar?

Dayany: eu acho que é educação né... porque 14 anos ainda é: né uma adolescente.

Jeovânia: muitos porque têm filho cedo e tem que parar de estudar

Professora: também tem esse fator aí... os adolescentes estão é: vão se perdendo aí... quando a gente diz assim... usa esse termo de ir se perdendo entre aspas... porque o adolescente está se tornando pai e mãe... Onde é que está o erro na opinião de vocês?

Dayany: Na educação...

Professora: Mas quando você fala em educação... a que educação você se refere... ao sistema... à família?

Dayany: a família também. ((silêncio por alguns segundos))

Lúcia: eu acho assim que: se você tem um objetivo na vida... você luta e você consegue... agora se você na primeira dificuldade que você encontra ... você vai lá e se entrega... aí a tendência é só piorar né... porque uma coisa puxa outra né

Sebastião: então... eu acho que o principal problema é na falta de informação... as pessoas não estão informadas do que está acontecendo... por exemplo... é:: por que que os ADOLESCENTES... os jovens... as crianças é:: não têm acesso às escolas... isso já é o resultado do que aconteceu com os pais delas... e com os avós e então... essa camada pobre da sociedade que estão aleijadas de todos esses... isso que a gente tá vendo... vem se arrastando desde que o Brasil foi descoberto... e num é interesse eu não sei se posso falar isso mas não é interesse da elite né... não é interesse da elite que nós povão tenhamos as informações... porque com isso na mão né... tendo acesso a essas informações teremos educação... teremos menos corrupção... quer dizer... o país muda... quer dizer é um negó é um é algo muito mais complexo do que isso que a gente tá conversando agora né... então

pra resumir... eu acho que o principal é a falta de informação... e que vem nisso que ela falou a: a educação ou a falta de educação... a ausência da educação se dá exatamente por isso... porque vem se arrastando há muito tempo... dos nossos avós dos nossos bisavós... enfim... é isso não tendo acesso às informações não tem educação... e não tendo educação não vota corretamente... não votando corretamente vai colocar político lá que vai manter esse sistema e aí vai muita coisa gente

Zenilton: a primeira diferença de nosso país de sociedade vem mais da parte dos político... a maioria dos político levaru a isso... então hoje em dia... o que a gente faz é:: desigualdade... falta de informação... é: educação... pobreza... favela é: enfim... vem tudo parte de do destino.. porque que nem nosso companheiro ali falou eu acho também que não é as criança hoje em dia não é falta de informação porque na data que nós tá de hoje... acho que é muito difícil não ter informação... porque a: dependendo do que a gente vê na televisão escuta no rádio informação tem mais aí bastante... aí então a educação já vem lá desde lá de baixo né... o pai a mãe... porque eles num tiveru estudo... então já é um fator muito grande... e agora os político levaru a fazer tudo isso aí... fazer crescer mais a população... é pobre... depender deles... pra eles poder crescer e a gente ficar pra trás né... a gente que eu falo é a parte de pobre....

Professora: que é uma grande parte num é... que é a maioria né... da população.

Zenilton: fica mei difícil... quanto mais rico hoje no mundo eles não se preocupa com a população pobre... porque: eles são milionário... então pra eles tanto faz a gente ganhar bem ou não pra eles não vai depender de nada porque tudo que eles quer eles consegue... aí fica difícil.

Professora: gente agora eu gostaria de ouvir aí o povo adolescente que eu não ouvi ainda é:: gente... é: essa diferença que se dá é: no quesito de saúde e educação... a Constituição brasileira não deixa claro que todo cidadão tem direito à educação de qualidade... saúde de qualidade... o que... esse texto tá mostrando que isso acontece no concreto?

((Silêncio por uns segundos))

Professora: o texto tá mostrando gente... que o brasileiro... a população dispõe de uma educação de qualidade... de uma saúde de qualidade?

Demetrius: não fessora... não porque ta mostrando que a taxa ta bem baixa de educação e saúde ((quando caminho em direção a ele, abaixa a cabeça e pede pra não gravar, ninguém mais quer falar))

2 – Roda de conversa do texto As desigualdades sociais do Brasil de Nelson Tomasi (02/03/17)

Após a leitura do texto inicia-se a roda de conversa:

Sebastião: então eu quero falar aqui da:: de algo que já é o reflexo da:: desigualdade é por exemplo a desnutrição a mortalidade infantil a marginalidade tudo isso já é um reflexo ta... da desigualdade... quer dizer... a desigualdade causa tudo isso né... aqui ta dizendo que é/são expressões usadas para expressar a desigualdade social no Brasil então essa/essas expressões é exatamente isso é:: se como é que eu vou dizer... então a desigualdade leva uma nação um país a sofrer isso né... tem mais coisas inclusive mas desde a primeira vez que eu li o texto eu queria falar sobre isso... que:: isso já é um reflexo ou seja o resultado que depois fala no desemprego... mas o desemprego e a falta de:: condições que a população sofre é: traz tudo isso sofrimento desigualdade violência né então é isso.

((Os alunos riem, mas nenhum se manifesta, tem uma na janela olhando o movimento da rua))

Givanilson: é a mortalidade infantil e pegando um pouquinho aqui da fome é:: quantos pais de família né que às vezes por um... salário baixo também que não tem o que colocar na mesa do/para os seus filhos e as vezes chega até passar necessidade porque só tem a comida e às vezes tem uns que não tem sua casa própria... também não tem é... como é que fala ter como pagar conta energia água e precisa desse dinheiro... então as vezes o salário MUITO baixo... o salário baixo não supre com essas necessidades que têm nas suas casas né... então falando um pouquinho da fome que atingiu milhões de brasileiros na minha opinião é mais sobre isso aí... a questão dos salários muito baixos e:: não ter moradia para essas pessoas né... então é muita desigualdade porque uns ganham demais e outros ganham menos e chega nesse ponto de muitas pessoas passarem necessidade...

Professora: e outra questão que está sendo colocada aí no texto no terceiro parágrafo né porque já andamos pelo primeiro e pelo segundo e o terceiro então.. digo... o quarto parágrafo e último.

Demétrius: aí é sobre desigualdade né fessora ((dirijo-me a ele e ele)): não não não fessora é o meu amigo aqui.

Dificuldade para surgir alguém pra falar.

Demetrius ((resolve se deixar gravar)): eu acho assim fessora... que... as pessoa que tem dinheiro podia ser menos egoísta né... pegar e reivindicar por condições melhores para as pessoas todas terem os mesmos salários né fessora... só isso que eu tenho a dizer só. E a população mais pobre fessora tem que trabalhar... não pode fazer as coisa errada né fessora... por causa que as coisa são tão difícil e tem muitas pessoa que fala assim ah: situação tá difícil vou pegar vou roubar fazer coisa errada... mas isso aí não da futuro pra ninguém fessora.

Muito bem Demétrius, quem mais gostaria de dar a opinião? ((conversas paralelas e risadas uns pedindo que os outros falem)). Surge um momento de descontração, embora tímidos com a situação de estarem sendo gravados, eles parecem esquecer e conversam e riem naturalmente até que Zenilton levanta a mão:

Zenilton: Professora eu tava vendo aqui na matéria da senhora sobre o:/ a política né... por isso a gente vem sofrendo com a dívida do Brasil muito grande... eu fiquei vendo uma pesquisa hoje... na pesquisa tava me informando que a gente já tava acabando as divida... eu não acredito nisso... e desde que eu sou criança e que eu me conheço sei que a dívida do Brasil é muito grande... apesar que o Lula diz que uma vez conseguiu... a economia conseguiu debater um pouco essas dívida... porém por mais que ele abateu tudo a razão social do... de nós que é mais pobre... fica em terceiro lugar né? como a saúde sofre muito com isso... a escola né as conta da água luz e Põe aqui muitas matéria a gente fica vendo... então é mais difícil cai a ficha que os mais pobre que mora em favela... que nem hoje eu tava vendo a pesquisa na televisão a favela pegou fogo aí mais de 300 pessoas ficaram desabrigadas... como seria pra poder as pessoa ter uma moradia agora... tudo bem a prefeitura vai dá um certo conforto... mas... o conforto que ela dá é um colchãozinho que mal dá pra dormir... a pobreza no Brasil vem através dessas coisa aí ó política... a gente mesmo que não fala... não tem vontade de falar... pelo Brasil... as coisa fica mais complicada... então meu ponto de vista é esse aí a gente vem sofrendo com a desigualdade. ((Passeio com o celular na sala toda e nada, toca o sinal do horário do jantar e alguns ficam na sala, outros saem.))

Givanilson: É: no último parágrafo aonde foi lido o setor informal é: aquelas pessoas que não são registradas né... que... é por exemplo os camelôs que não são registrados em firma

enfim que não têm empresa aberta... eu acho que essas pessoas deveriam ter um espaço na no mercado... pode até tirar da rua... mas colocar em outro local tipo um shopping... um shopping popular né... eu acho que a prefeitura deveria legalizar essas pessoas que acorda cedo e que trabalha com honestidade... tem alguns... alguns que não faz né com honestidade... mas tem outros que fazem com honestidade que quer levar o pão pra... pra sua família... então na minha opinião é: deveria ter uma legalização pra essas pessoa e um incentivo maior pra... pra essas pessoa que a gente vê muito principalmente na 25 de março o pessoal gritando olha o rapa olha o rapa e o pessoal correndo igual louco tem uns que é vai ali só pra fazer alguma coisa de errado mas tem muitos pais de família que quer... levar o pão pra suas famílias... então essas pessoas merecem uma dignidade e um espaço legal pra fazer seu trabalho.

Sebastião: então é... eu não queria ficar falando só eu e ele né... porque se não... tem que dá oportunidade pra outras pessoas... então quando fala aqui que existe 4% da população muito rica prova que a concentração maciça tá nas mãos de poucas pessoas... aí vem naquela questão das políticas sociais né... porque como ele falou o povo quer trabalhar né mas não tem condições... então é questão de oportunidade muitas vezes né... é: mas pra isso aí a gente tem que ser crítico... tem que criticar o setor do governo né porque estas políticas públicas só o governo pode fazer né só o governo... o incentivo por exemplo os impostos acabam... por que é que os camelôs aqui: aqui mesmo no Serraria... a gente anda por estas ruas e vê um monte de camelôs por aí ... por que a pessoa vai pro setor informal?

Zenilton interrompe: se você olhar a área dos camelô a desigualdade já não é essas coisa também... porque se você pegar uma barraquinha e ficar perto do camelô ele não vai deixar você trabalhar... aí é que entra a questão mais complicada da desigualdade... se ele quer um ambiente para trabalhar ele tem que dá vaga pros outro também... que tão um pouco mais sofrido porque todo mundo pode ter... eu trabalho hoje em dia mas se eu perder o trabalho como que eu vou sustentar a família? Vou ter que ter uma vaga também... né não? Como eu vou ficar? Aí fica mais difícil né? Então acho que por eles também né e inclusive e a gente mesmo não é só eles eu to comentando aqui mas é só uma colocação a gente mesmo tem que dá a mão pra nós mesmo.

Sebastião: mas aí Zenilton é mais uma questão de organização né... porque não se organiza.

Zenilton: então... pela desorganização deles há essa desigualdade... que nem você vê ((Não entendi, há sobreposição de vozes)) é o pessoal... a gente fala tanto da desigualdade cê vê... motoqueiro é enxergado como ladrão... é enxergado como marginais... mas tem muito pai de família que vai trabalhar como motoqueiro pra ganhar o seu salário... às vezes não é um salário digno... que nem a professora mesmo outro dia sofreu um acidente porque usa moto pra vir trabalhar... então é debater o dia a dia né?

Sebastião: é: outra coisa professora é a questão de quem é desempregado... como o colega estava falando e porque não sobrevive porque os impostos a carga tributária é muito grande... então quer dizer a pessoa começa uma coisinha pra sobreviver e a carga tributária cai e não sobrevive... em resumo a culpa é do governo... tem mão de obra o povo quer trabalhar... muitos querem trabalhar mas falta isso... quando por exemplo eles mesmo ficam na guerra lá porque falta organização... isso cabe ao prefeito ao governo.

Samara: pelo que eu li aqui o que entendi falta um equilíbrio no padrão de vida a população... porque aqui em cima cinquenta por cento... tem quatro por cento rica... poucos têm carro geladeira televisores e mais em baixo se quiser ter alguma coisa vai ter que sobreviver... como?... se virando... como pode... vendendo isso ou aquilo... arriscando a vida por aí pra poder fazer parte da sociedade.

Lúcia: eu acho assim que no Brasil é tudo assim... tudo muito assim desigual Ana... porque um... uma parte uma boa parte da riqueza né... fica só com os rico... e muitas das vezes eles muitas das vezes quantas pessoas não querem trabalhar né... e muitas das vezes nem condições nem um emprego assim num consegue e tem piorado muito né... porque nem um EMPREGO... que no ano passado assim... uma parte da população tinha esse ano já não tem mais né... então tá tudo assim difícil como fala diz aqui só 4% por cento da população é rica... ou seja o que eles querem que eles lança e o preconceito porque grande parte da riqueza fica só com eles... enquanto nos a MENOR a MENORZINHA parte que tem... e a gente tem vida sofrida levanta cedo pra trabalhar... pra ganhar o nosso pão de cada dia muitas vezes tem muitas pessoas ...como os camelo por exemplo né... eu passo cinco e meia da manhã aqui perto aqui do centro e eles tão tudo montando as barraca já... eu trabalho numa creche ali em cima e eles já estão ali lutando né... e muitas das vezes... às vezes também no centro porque muitas das vezes eles tão lá montando lá o seu negócio e muitas das vezes vem aquele povo aquele pessoal lá né o rapa sai correndo né e é o seu emprego... é o seu PÃO... então no Brasil é muito difícil sobreviver... cada dia que passa tá mais difícil e o nosso governo não faz nada por nós... eu acho que assim falta um governo que verdadeiramente se preocupe com a população.

3 – Roda de conversa do texto Cidadão (08/03/17)

Após a mostra de vídeo da música Cidadão na voz de Zé Ramalho, inicia-se a roda de conversa. O contexto da aula é este: três adolescentes nos fundos da sala, conversando e cobrindo o rosto com a cortina, saem da sala antes de acabar a aula. Demetrius critica muito a música, ri alto, questiona a escolha da professora. Sebastião tenta falar. A professora tenta explicar ao adolescente o porquê de sua escolha. A professora repete o objetivo das aulas anteriores para sustentar a escolha da música. Demetrius insiste em criticar a música e a época em que a mesma foi lançada. A professora pergunta se os alunos não entenderam a letra e alguns começam a relatar o que entenderam. Segue a roda de conversa que flui, outros alunos participam e, dessa forma, a aula rende. Por fim, Sebastião começa falando:

Então... quer dizer a gente tá falando de desigualdade social e essa música ela... ela retrata isso. Agora o que causa é... o que provoca a desigualdade social e o que torna mais grave ainda... é exatamente a gente não prestar atenção em coisa como essa letra por exemplo. Então se você não valoriza aí por exemplo... não leva a sério nada... você vai continuar sem saber sem ter sua vida melhorada né... então por exemplo eu queria dizer que na voz do Zé Geraldo eu acho mais bonito mais que o Zé Ramalho né... entendeu... e ele gravou antes... então por exemplo não sei se a maioria prestou atenção... mas você poderia pensar um pouquinho né refletir... refletir sobre o que tá sendo falado né ...Antes de se divertir... de brincar... de fazer... até chacota de uma coisa que é muito séria... poderia refletir um pouquinho a música moderna... a música sei lá... diferente que os colegas estão falando num trata desses assuntos... num trata desses assuntos... então é uma pena... é uma pena porque uma coisa rica... riquíssima... seria muito importante pra gente... e eu fico até meio constrangido né... uma hora dessa... é vê que as pessoas não valorizam né... meu comentário é mais como uma espécie de desabafo... porque a gente tá tendo a oportunidade de melhorar né... de crescermos... quando a oportunidade apresenta diante de nós a gente nem percebe às vezes... não percebe às vezes não é culpa de ninguém é porque as pessoas foram levadas a essa situação é triste isso.

((A professora fala e Demétrius pede licença pra falar.))

Demétrius: Não... essas musica aí é foda mano... Licença fessora mas essa música aí é o rei da boiada né fessora... ninguém merece não fessora... essa música aí para pessoa entender ela tem que ser daquela época... mesmo que a letra seja fácil.

Professora: Pessoal vocês não conseguiram entender nada do que está escrito nessa música? ((Risadas da turma))

Dayane: eu consegui.

Jorge: eu entendi porque foi dado o exemplo da vida mais pobre né que ele tinha... e aí ele foi e construiu prédio... fez é... escola e não conseguiu... e não podia nem colocar a filha no lugar né. ((conversas paralelas)) ((Professora pede silêncio e diz)): quem não conseguiu entender... aqui o colega Jorge tá falando exatamente o que foi retratado no texto.

Jorge: e na igreja ele conseguiu... onde ele trabalhou ele conseguiu.

Lúcia: de tudo que ele construiu ele não conseguiu nada lá... ele não morou... nem escola ele conquistou.

Professora: Por que será que ele não conseguiu participar dessas construções que ajudou a fazer?

Dayane: por causa do preconceito né.

Professora: que tipo de preconceito que entra aí?

Dayane: a profissão... por ele ser pedreiro eu acho né.

Lúcia: por ele ser bem simples né... simples porque ele... ele construiu... mas nem ele não podia entrar por ele ser tão simples que ia lá e ficava olhando... e visitar... mas ele não podia entrar porque aí o povo Lá dentro sei lá... ficava falando você veio aqui para que? para roubar aqui? porque os prédios chique por exemplo da Paulista... quando você olha assim né... você... você chega perto e começa a olhar ((risos)) na Avenida Paulista alguém já tá te monitorando... filmando você... cê quer o que? cê tá querendo o que? porque você quer alguma coisa ((risos mais a vontade)).

Professora: gente vocês estão vendo como o que você disse ((olhando para o Demetrius)) acabou de ser desdito... desfeito? você vê quando a Lúcia fala que a questão do preconceito está pelo fato dele ser pobre e a outra colega de vocês diz pelo fato de ele ser um pedreiro e estar diante de prédios que fazem parte de uma cidade... de um bairro de elite... então o que a Lúcia coloca... que pelo fato de ele estar Lá... ele já é visto como um ladrão... então a linguagem dessa música é simples... não é uma linguagem erudita não... é:: eu não iria colocar uma música com linguagem erudita pra vocês ((risos)) o Demetrius está certo quando ele diz que é uma música... uma música antiga pra ele não é... mas é uma música que trata de uma temática que sempre existiu e que sempre vai existir... enquanto existir vida... enquanto existir raça humana)).

Demetrius pede a fala: professora mas vamos supor que fosse uma musiquinha mais MODERNA fessora... não é... não destratando não o que você tá fazendo não... é isso... vamos supor se fosse uma música... vamo supor os racionais fala disso... vamo supor violência policial fessora... cê vai colocar essa música aí... eles conhecem eu não conheço... tenho dezenove anos fessora.

Professora: eu entendi o seu posicionamento tá Demétrius?

Zenilton: o sentido que o rapaz da música tava falando ali... aquele nosso amigo e muitos ali... ((aponta pro colega Sebastião)) eu também já passei por isso quando eu tava falando

pra eles... a casinha de sapê que apareceu ali eu morei em uma... e teve uma época na minha vida que eu vim morar em São Paulo... eu saí do interior apesar de ter nascido aqui... aí fui morar no interior... quando eu cheguei aqui o que tinha pra mim fazer... praticamente era nada... na minha idade 19 anos... o que que eu fiz... ou era engraxate de sapato ou eu ia trabalhar na feira... quando eu passava numa barraca ou os pessoal não deixava a gente ficar perto... uma barraca de feira... muitas vezes eu também fiquei na área de segurança... e eu tinha que fazer obrigadamente a tirar qualquer pessoa na frente do meu prédio... eu tinha que fazer... tirar mendigo parar de catar latinha... isso que eu já tinha passado anos atrás né... e:: como eu falo há uma razão social muito grande... mas muitos colegas da gente tã trabalhando lá e às vezes também tã passando pela mesma dificuldade... não tem em casa o que comer... as vezes tã ganhando o pão de cada dia... então o que que acontece... tudo bem nosso amigo aqui falou né ele tem 19 a hoje em dia no Brasil aqui tá muito evoluído tem internet... tem videogame televisão tem parque de diversão... o futebol na favela ou onde for.. não deixa de ter... então antigamente a gente não tinha isso não tinha um parque não tinha um pipa pra empinar... não tinha umas bolinha de gude sabe o que a gente fazia carinho de latinha... pra andar na estrada rodando pneu de carro... então... hoje em dia não... você não vê uma criança fazer isso... não vê criança brincando na rua assim... se vê já vai falar que é preconceito sai daqui seu trombadinha... sai daqui cê tá fazendo o que aqui na frente da loja? Então é preconceito também... sai daqui seu trombadinha sai daqui ou muitas vezes até xinga ... é vem lá da favela tipo assim... aí fica as coisa que a gente comenta aqui é mais do que a gente vê no dia a dia né então hoje não hoje

Professora: eu brinquei disso também.

Professora: faz parte da vida né.

E agora a senhora vê eu vim estudar... agora me escolheram duas vezes... mas eu vim estudar agora porque fui obrigado... na época que eu era solteiro é no trabalho... fazer alguns curso entendeu... na época que eu estudei eu tinha o que... onze anos... doze anos... estudei no interior... falta a gente começar a comentar aqui... mas se for puxar mesmo do começo... o fim não existe... porque pela razão social vai viver toda a vida.

Demetrius pede: fessora desculpa... eu sou o mais novo fessora... essas música aí não sei eles... mas vamo supor... tem que tratar de uma coisa mais atual vamo supor violência policial... esse negócio aí fessora é muito antigo.

Profesora: eu sei Demétrius... mas o tema aqui não é violência policial.

Demetrius: Não eu sei fessora... você não pergunta se a gente assiste essas músicas... eles ainda tem cabeça pra assistir essas música que tem mais idade fessora... mas a gente novo... eu não sei... posso pedir ajuda a minha amiga ali fessora. ..que eu não sei o nome dela?

((Professora rir: não... porque ela vai fazer o dela e você vai fazer o seu. E ele se recusou a fazer)). ((Todos caem na gargalhada)).

ANEXO 4 – Questionário Diagnóstico da SME

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE DIADEMA
 SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
 Departamento de Expansão do Ensino
 Serviço de Educação de Jovens e Adultos (EJA)
 Rua Canadá, 26 – Centro – Diadema – SP – CEP: 09921-040 – Telefone: (11) 4072 – 7062 – eja@diadema.sp.gov.br

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO

EMEB: _____
 Nome do Aluno: _____
 Série: _____

1. Sexo:

☐ Masculino
 ☐ Feminino

2. Idade:

☐ de 15 a 20 anos
 ☐ de 41 a 50 anos
☐ de 21 a 30 anos
 ☐ acima de 51 anos
☐ de 31 a 40 anos

3. Naturalidade (onde nasceu):

☐ Diadema
 ☐ Sergipe
☐ Bahia
 ☐ Paraíba
☐ Ceará
 ☐ São Paulo
☐ Alagoas
 ☐ Minas Gerais
☐ Maranhão
 ☐ Paraná
☐ Pernambuco
 ☐ Outros

4. Profissão:

☐ Construção Civil
 ☐ Motorista
☐ Comércio
 ☐ Moto Boy ou Girl
☐ Metalúrgica
 ☐ Segurança
☐ Doméstica
 ☐ Manicure
☐ Ajudante Geral
 ☐ Desempregado (a)
☐ Cozinheiro (a)
 ☐ Trabalhos esporádicos (bico)
☐ Autônomo (a)
 ☐ Outros

5. Região onde reside:

☐ Eldorado
 ☐ São Bernardo do Campo
☐ Centro
 ☐ São Paulo
☐ Taboão
 ☐ Serraria
☐ Piraporinha
 ☐ Outro Município

6. Há quanto tempo mora em Diadema?

☐ Menos de 1 ano
 ☐ de 5 a 10 anos
☐ de 1 a 3 anos
 ☐ Mais de 10 anos
☐ de 3 a 5 anos

7. Já frequentou a escola anteriormente?

☐ Sim
 ☐ Não

8. Em caso afirmativo. Qual modalidade de ensino frequentou?

☐ EJA

☐ REGULAR

9. Há quanto tempo estuda na EJA?

☐ É a primeira vez

☐ 2 anos

☐ 6 meses

☐ Há mais de 2 anos

☐ 1 ano

☐ Já frequentei, desisti e voltei

☐ 1 ano e 6 meses

10. Por que voltou a estudar?

☐ Exigência do trabalho

☐ Ajudar filhos em idade escolar

☐ Crescimento pessoal

☐ Outros

11. Por que não concluiu o Ensino Fundamental no tempo normal?

☐ Dificuldade de aprendizagem

☐ Não havia escolas próximas da residência

☐ Mudança de residência

☐ Trabalho

☐ Motivos familiares

☐ Outros

☐ Doença

12. Quais motivos atrapalham ou poderão interferir em sua assiduidade?

☐ Procurar emprego

☐ Não ter recurso para aquisição de material escolar

☐ Motivos familiares

☐ Doença

☐ Dificuldade de aprendizado

☐ Outros

☐ Incompatibilidade de horário

☐ Nenhum

13. Quais são suas opções de lazer?

☐ Ver TV

☐ Cinema, parques, praças

☐ Passear com a família

☐ Casa de parentes

☐ Praticar esportes

☐ Outros

☐ Igreja

14. O que costuma ler?

☐ Jornal

☐ Não sei ler

☐ Revistas

☐ Não leio por falta de tempo

☐ Romances e poesias

☐ Não gosto de ler

☐ Bíblia

15. Assinale um assunto que você gostaria de receber informações na escola:

☐ Informática

☐ Sexualidade

☐ Saúde

☐ Drogas

☐ Segurança

☐ Outros. Quais? _____

☐ Alimentação

16. Como você espera que a escola contribua em sua formação?

ANEXO 5 – Questionário da Professora

Dados do aluno pesquisado:

1. Nome completo:
2. Sexo: () Feminino () Masculino
3. Idade: () 15 a 20 () 21 a 30 () 31 a 40 () 41 a 50 () 51 a 70
4. Estado Civil: () Casado () Solteiro () Separado () Divorciado () Viúvo
5. Onde você nasceu?
6. Há quanto tempo você mora em Diadema? E no bairro Serraria?
7. Qual a sua profissão:
8. Você mora em casa própria ou alugada? Apartamento próprio ou alugado? Outros.
9. Você tem acesso à internet? () Sim () Não
10. Onde você costuma acessar a internet? () Outros () Lan house () No trabalho. () No celular. () Em casa.
11. Qual a finalidade da escolarização pela EJA? () Aumentar meu salário. () Apenas ter mais conhecimento. () Apenas ter um diploma. () Outro ____ () Mudar de profissão. () Mudar de emprego. () Melhorar no emprego.
12. Qual disciplina você crê que vai lhe ajudar mais no seu objetivo? Por quê? 13. Qual a sua disciplina preferida?
14. Que disciplina você menos gosta? Por quê?
15. Como você classifica o ensino da Língua Portuguesa na EJA? () Bom () Muito Bom () Excelente () Péssimo. () Ruim. () Razoável.
16. O que você mais gosta no ensino das aulas de Língua Portuguesa? () As atividades de Escrita. () A gramática. () A Leitura e interpretação de textos. () Trabalhar com o dicionário. () As atividades Orais (falar). () Outros ____ () Fazer Redação.
17. O que você mais deseja aprender com as aulas de Língua Portuguesa?
18. Como você avalia seu grau de satisfação quanto ao curso da EJA?
() Razoavelmente satisfeito () Satisfeito () Muito Satisfeito () Não Sabe () Nada Satisfeito. () Pouco Satisfeito
18. Como você avalia o seu desempenho e participação nas aulas?
() Razoavelmente satisfeito () Satisfeito () Muito Satisfeito () Não Sabe () Nada Satisfeito. () Pouco Satisfeito
19. Há quanto tempo você está na EJA? () 1 a 6 meses () 6 a 12 meses () 1 ano a 1 ano e 6 meses () 2 anos ou mais de 2 anos
20. Você pretende continuar estudando na EJA? Por quê?
21. Você acha que está conseguindo alcançar seu objetivo? Por quê?

ANEXO 6 – Textos dos Alunos (escritos em 13/03/17 em 2 aulas de 45 minutos)

Em D.S. moitôo Santolúcia
 língua Pasteguera
 Produção de texto: Ouségo de Opinião
 Nome: António motuira de Oliveira
 Data: 13/3/2017
 Professor: Ana Urquiza

igualdade Para Todos

O Autor Tomaz Nelson diz que "A Nossa economia do Brasil Ela Não Está Bem porque quando a Economia Ela Vai Bem Não falta Emprego. Não Tem fome, Violência fica menor."

Sobre a desigualdade da Educação Tem muitos filhos de Pessoas humildes que queriam estudar, mas muitas vezes a própria deficiência da Escola proíbe, o mesmo que é filho de Pessoas humildes porque só tem filho da Rica.

Sobre a saúde, a desigualdade ainda é mais forte ainda em Nosso Brasil. Porque os melhores médicos são para os Ricos, para os Pessoas humildes ainda os melhores médicos ainda são poucos para os Pobres. mas isso quem são culpados são os Nossos Políticos Brasileiros.

A desigualdade na Educação ainda tem muita porque mas melhores escolas só estudam os filhos dos Ricos,

filhas de Pessoas Pobres Não
 ficam junto com os dos Ricos,
 (que poderia ser igual tem todos porque as escolas
 no Brasil. Em cidade grande ainda tem ^{que}
 que melhoram muitas as Escolas do favela como
 até o ensino médico. Porque nas cidades pequenas
 que tem no Brasil, ainda falta muitas coisas
 para as crianças que estudam, falta material,
 falta transporte para os alunos, muitas vezes
 falta merenda para os alunos, falta
 uniforme. Tudo isso ainda tem que melhorar.
 É só os governos trabalharem para o Bem de Todos
 os Brasileiros.

O Zé Romão em sua canção, Essa música
 Realmente é nossa realidade de todos Bra-
 sileiros: "Tá vindo aquele edifício, moço
 Aguarda a levantar."

Para o nosso Brasil Acabar com a Des-
 igualdade a última coisa é os nossos Poli-
 ticos Pararem de Roubar Para Poder Sobrar
 dinheiro. Para melhorar a Educação, melhorar
 mais a segurança, melhorar mais a Saúde.
 Ter melhor salário para todos os Traba-
 lhadores Brasileiros. É isso que falta em
 nosso Brasil, é também Bem governante
 para por o nosso Brasil em ordem.

Am

Nome: Zenilton Braga Lacorda
 Provas de texto.
 Artigo de opinião

18/3/17

Tema: Desigualdade Social
 Título: Pobreza Na Favela

No mundo em que vivemos percebemos que os indivíduos são diferentes, aspectos: coisas materiais, Raça, Sexo, Cultura e outros. Os aspectos mais simples para constataremos que os homens são diferentes são físicos ou sociais. Constatamos isso em nossa sociedade. Pois nela existem indivíduos que vivem em mansões rodeados de coisas luxuosas e com muito dinheiro, enquanto outros não sabem nem o que comer durante o dia com o comentário do professor revela como é o dia a dia. (O autor cita professor durante que comentou que o camelo. É muito pesado como ele para ganhar o pão e ele depende das pessoas que vão na sua banca para comprar, poder sustentar sua família. O povo Brasileiro da classe mais pobre sofre com a saúde, por motivos que não tem médico, que também depende de seu salário, que é muito inferior. Os remédios ambulantes também sofrem com o dia inteiro para ganhar seu miseráveis trocados, que ajudam a sustentar a família. Como escola também tem muitos gastos, fica muito difícil.

para sustentar citando que é pública e

Os governos que recolhem os livros das crianças também é muito prejudicial. Tudo isso desigualdade social. O autor já tem o mesmo como é muito difícil a sobrevivência na cidade grande e a desigualdade social, e contando sobre tudo isso na realidade como.

O Brasil sofre com a desigualdade social. A desigualdade no Brasil tem que tirar os políticos como já estão fazendo coisa, vai ficar muito difícil porque na política, tirando assim, os corruptos não têm lugar. Em mais países tem isso, como na África, Nigéria também, é muito ruim. O Brasil, por falar sobre isso.

EM: Dr. Mário Santalucia
 Língua Portuguesa
 Produção de Texto: Artigo de Opinião

Nome: Luiza Leopoldino
 Data: 16/03/19
 Professora: Ana Urquiza
 Título: A Pobreza e a fome

O autor tomaz Nelson de Que.

"As desigualdades sociais não são acidentais, e sim produzidas por um conjunto de relações que abrangem as esferas da vida social." A desigualdade social vem de longa data pois o Homem sempre fez esta divisão.

agente vir esta desigualdade não só no Brasil mais também em outros países. Sempre tem o rico e o pobre. ali Hoje tem o Privilegiado contra o Nordestino e o negro.

Na Política a População é excluída das discussões.

Na música, o cantor do Zé Ramalho fala sobre o nordestino que veio da roça para a cidade onde foi trabalhar como Pedreiro onde constrói prédios como é difícil viver em um lugar onde a pessoa que constrói não tem o direito nem de olhar de cima. É lá onde o Privilegiado está sempre aconfortado.

A Pobreza é uma realidade muito difícil mas real nos nossos dias pois a fome a miséria as pessoas morando na rua daí você vê e não pode fazer nada enquanto os nossos governantes pode fazer muito e não faz. isto é revoltante, gostaria que fosse diferente as coisas no Brasil, enquanto isto não acontece vamos caminhar.

Não vejo nada ser feito apenas malamente que muitas vezes não leva a nada. Eu não espero no Homem e sim em Deus. Também não puto de sindicato pois se você faz greve desconta do seu salário pois já é pouco.

E por isto foi cada vez mais quero estudar pois sem estudo não conseguimos nada, quem tem que fazer a diferença somos nós. Deus diz faça a tua parte e te ajudarei.

F.M. DR. Maria Santalúcia

160317

Língua Portuguesa

Produção de texto: Artigo de Opinião

Dayamy Jesus de Oliveira

professora: Ana Urquiza

Personas que vivem Desprezadas

Quando se fala em Desigualdade Social e Pobreza no Brasil, o Autor Nelson Dacio Tomazi afirma que "não se trata de lentemas de pessoas, mas em milhões que vivem na pobreza absoluta". Com certeza! principalmente nas Regiões Norte, Nordeste e Centro Oeste existem pessoas que vivem na extrema pobreza. Infelizmente uma Desigualdade Social muito grande, com certeza um país de uma enorme extensão e de uma grande Riqueza e apesar dos anos que se passa este cenário não muda com as nossas Riquezas nas mãos de uma minoria, e a grande parte sobrevive com salário mínimo. Pessoas que estão à margem e a mercê da miséria que sobre desamparo e orfandade abandonam a sua Serra natal em busca de uma vida melhor.

O Desemprego é muito triste em
neste Brasil, precisamos trabalhar para
sobreviver, fico pensando se continuo
assim como estou, o que será de nós?
pessoas batalhadoras, pais de famílias

e Extremamente humildes!

Eu vi no vídeo do Zé Ramalho, cantor, alguns temas abordados na letra da música "Lidodão" ^{que} foi escolhida para demonstrar distanciamento entre os indivíduos privilegiados e os mais humildes, além de demonstrar como a sociedade Burguesa pode ser muito cruel quando não considera as pessoas ^{como} "Lidodão".

Eu penso diferente: que as pessoas têm mesmo que trabalhar de ^{qualquer} ~~modo~~ ^{modo} pro-
mete, até porque são direitos nossos.

EM DR. Mano. Santalúcia
 Língua Portuguesa
 Produção de Texto: Artigo de Opinião
 NOME: Givanilson Urbano de Lima
 DATA: 16/03/2017
 PROF: Ana Urquiza
 Título: A Pobreza no Brasil

O autor Nelson Odeio ~~Comiteu~~ "Quando Se Fala em desigualdade Social e Pobreza no Brasil, não se trata de centenas de pessoas, mas em milhões que vivem na pobreza absoluta." A desigualdade Social e a Pobreza são problemas sociais que afetam a maioria dos países na atualidade. A Pobreza existe em todos os países, pobres ou ricos, mas a desigualdade Social é um fenômeno que ocorre principalmente em países não desenvolvidos. Desigualdade de Renda, desigualdade de oportunidade, desigualdade escolar, etc.

Existem pessoas que ganham absurdos, exemplo jogadores de Futebol, Apresentadores de TV, Políticos, e o nosso Salário Mínimo aumenta uma "Migalha" de ano em ano, mas quando é para aumentar os Salários dos Políticos, aumentam na maior facilidade. Precisamos agarrar a Boca no trombone em base dos nossos direitos, não devemos desistir e nem desanimar porque só depende de nós.

Na música "Cidade" do cantor Zé Ramalho, eu entendo que, mesmo que agente trabalhe, não somos valorizados pelo nosso trabalho, mas o país

que eu plantava não tinha direito de colher, onde muitos patrões que exploram os seus funcionários, humilhando e muitas vezes maltratando sem direito de opinião.

Como consequência da desigualdade Social no Brasil, temos os grandes problemas que nos afetam diretamente, podendo ser visto a todo hora e todo momento, Exemplo: Má administração Pública, Falta de interesse da sociedade, o Patrimônio, corrupção, Falta de uma educação básica de qualidade e até Falhas culturais, os nossos Políticos precisam se interessar pelos menos favorecidos.

Sebastião Bernardino de Sousa 11/6/03/17

Produção de texto / Artigo de opinião.
Tema: Desigualdade Social. Título: A missão
De um povo sem esperanças.

Vista
"As desigualdades sociais não são acidentais,
e sim produzidas por um conjunto de relações,
que abrangem as áreas da vida social," Segundo
Tomazi, Nelson Dácio, autor da obra "Introdução à
Sociologia," que foi publicada por: Editora Brasil
Escola. Em outras palavras, quem paga o preço
desta desigualdade, não deve nada e nem foi quem
provocou esta situação, que podemos chamar de
injustiça social.

As desigualdades sociais no Brasil, acontecem
por vários fatores; entre esses fatores, estão a
falta de conhecimento da população em relação aos
seus direitos, tais como, exigir que a constituição
seja cumprida. Este simples fato deixa
a população alheia a alguns direitos como
acesso à educação gratuita a partir do ensino
médio etc. Também não eleger a assinalar
casos políticos corruptos no poder. não ter
as informações e conhecimento desta realidade
que nos leva a pensar um país melhor a partir
de nós e de como nós podemos cobrar dos
nossos representantes; e isto, só será possível mi-
diante o conhecimento. Só assim é possível ter
consciência de nosso papel na sociedade e de
nossas responsabilidades como cidadãos.

As desigualdades, as diferenças, as dificuldades,
são muitas. Porém, o que mais dificulta, e fica
mais perceptível é o choque cultural, nos

DATAPEL

Costumes, tradições da Pátria, os modos de
maneira de viver, assim, o Povo Brasileiro o
homem do campo não se acostuma na cidade.
Se o homem do campo tiver assistência em
sua terra natal, jamais sairá do seu
lugar de origem. Para se aventurar em
terras estranhas. "Foi lá que nasci, lá quero
morrer". Já dizia a antiga canção popular.
Na minha opinião, o maior problema está
no fato de os políticos e os nossos governan-
tes em sua grande maioria não terem
uma política visando o desenvolvimento social
como prioridade.

- O que é necessário ou o que poderá ser feito
para melhorar o Brasil e a luta contra as
desigualdades sociais? Começa pela conscientização
da população brasileira contra a precariedade
da educação, da insegurança e por uma melhor
distribuição da renda e das riquezas, etc. Outro
problema muito grave está na camada
da sociedade que não quer que o Povo
tenha acesso às informações e esta parte da
sociedade está localizada nos formadores
de opinião, como mídia que está a serviço
dos poderosos desta nação, são os jornalistas,
a chamada grande imprensa que prestam um
deserviço à nação, maquiando notícias
por interesses escusos etc. Temos que
(?) melhorar o nível dos nossos políticos, rotando
em gente bem intencionada e honesta.

TEMA 1 DESIGUALDADE

17/04/2018

Nome:

Produção de Teses
Artigo de opiniãoPensar de viver

No mundo de hoje em dia, nós vemos e presenciamos que? Que o ser humano está a cada dia mais ambicioso e individualista; tudo por motivos. Que nós queremos. Apesar disso isso é como o reflexo de um espelho mas, os seus erros não são notáveis. Mas nós continuamos persistindo no erro. As vezes, você acha que está fazendo a coisa certa e na verdade você está fazendo o errado. É igual aqui semelhante a eu, estava trabalhando do lado de fora avia vantagem e fui ao contrário, mudei de serviço. Te andando bem mais, conheço melhores detalhes um pouco mais tem outras vantagens como café da manhã e trabalho na máquina Ejetora e tempo para se almorçar, refrigerante.

A diferença é que a poltrona é você não ter condições ou até mesmo as vezes não ter o que comer, e tentar se deslocar para conseguir algo para seus filhos comer. É como o ditado Nada como um dia por outro se seguir perto; Deus ilumina os seus caminhos e lhe o necessário para alcançar suas metas. É não apertar a alavanca e deixar os problemas e levar você; se você se orientado pelos caminhos certos suas coisas iram, ser feitas com orgulho mesmo que seja, um grande jornada.

Demétrius V.
(17/04/2017)

Nos vimos o vídeo do cantor Zé Ramalho: Na aula de Português, Eu achei que essa é muito antiga, e só favorece os alunos, que tem mais idade: E se fosse uma mais na atualidade de debates da política desigualdade.

Mas quem ^{me} dera se fosse sobre o Racismo?

Uma das músicas preferidas é Capítulo 4 Versículo 3.

Ela retrata a violença policial, desigualdade e as letras sempre retratando a realidade.

Uma injustiça a violença policial. Apesar de sermos pessoas que lutam e pagamos seus impostos; Ihe - diga uma coisa se você é negro e tudo bem mas difícil para estudar trabalhar!!! Até mesmo ser bem visto pela sociedade?

A sociedade nos mutiliza, nos oprime e tenta silenciar as vozes. Mas sempre tem pessoas que fazem, literalmente o oposto. E com o oposto vem o que é proposto!!!

"As algemas, milhares de sentenças, problemas, crimes, as prisões e penas." É o que me faz forte, contra o sistema até a morte.

~~Depois~~ Citados pelos opressores =

Malandro bom é mandro morto, a ocasião faz o ladrão,

^{Vem} pense, Uma mentira nossa vale dez verdades e bdrão também.
Um na rua morte

"Por isso sempre faça o que é certo que é errado. Se luta as cadeias e os cemitérios

Textos digitados conforme escrita original dos alunos

Antônio – Igualdade para todos

O autor Tomazi Nelson diz que “A nossa economia do Brasil ela não está bem porque quando a economia ela vai bem, não falta emprego. Não tem fome. A violência fica menor.

Sobre a desigualdade da educação tem muitos filho de pessoas humildes que queria estudar, mas muitas vezes a própria direção da escola já proíbem, o menino que é filho de pessoas humildes porque lá só tem filho de rico.

Soubre a Saúde, a desigualdade ainda é mais forte ainda em nosso Brasil. Porque os melhores médicos são para os ricos, para as pessoas humildes ainda os melhores médicos ainda são poucos para os pobres. Mas isso quem são culpados são os nossos políticos brasileiros.

A desigualdade na educação ainda tem muita porque nas melhores escolas só estuda os filhos dos ricos, filhos de pessoas pobres não ficam junto com os dos ricos. Que poderia ser igual tem todos porque escola no Brasil. Em cidade grande ainda tem que melhora muitas escolas do primeiro ano ater o ensino médio. Porque nas cidades pequenas que tem no Brasil, ainda falta muitas coisas para as crianças que estuda falta material, falta transporte para os alunos, falta uniforme. Tudo isso ainda tem que melhorar é só os governos trabalhar. Para o bem de todos os brasileiros.

O Zé Ramalho em sua canção, essa musica realmente é nossa realidade de todos os brasileiros ta vendo aquele edifício moço ajudei a levantar.

Para o nosso Brasil acaba com a desigualdade. A primeira coisa e os nossos políticos para de rouba para puder sobra dinheiro. Para melhora a educação. Melhora mais segurança. Melhora mais a saúde. Ter melhor salário para todos os trabalhadores brasileiros e isso que falta em nosso Brasil, e também bons governantes para por o nosso Brasil em ordem.

Zenilton – Pobreza na favela

No mundo em que vivemos percebemos que os indivíduos são diferentes, aspectos: coisa materiais raça. Sexo. Cultura e outra. Os aspectos mais simples

para constataremos que os homens são diferentes são físicos ou sociais. Constatamos isso em nossa sociedade. Pois nela existem indivíduos que vivem em mansões rodeados de coisas luxuosas e com mesa muito farta todos os dias enquanto outro não tem sequer o que comer durante o dia como comentou o professor, revela como é o dia a dia. O autor cita professor durante que comentou que camelo. É muito sofrido como ele para ganhar o pão e ele depende das pessoas que vão na sua banca para comprar poder sustentar sua família e o povo brasileiro da classe mas pobre sofre com a saúde por motivos que não tem médico que também depende de seu salário que é muito inferior com os vendedores ambulantes também sofre com o dia inteiro para ganhar seus míseros trocados. Que ajuda a sustentar família. Como escola também. Tem muita coisa que fica muito difícil para manter citando que é pública.

Os garis que recolhem os lixo das ruas também é muito sofrido isto tudo e desigualdade social. O cantor Ze Ramalho cita como é muito difícil a sobrevivência na cidade grande e a desigualdade social e cantando falar sobre tudo isso na verdade como.

O brasileiro sofre com a desigualdade social. A desigualdade no Brasil tem que tirar todos os políticos corruptos como já estão fazendo mais vai ficar muito difícil porque na política tá indo bem mas os corruptos tem tudo lugar. No mais países tem isso como na África Nigéria também e sofrido muito obrigado por falar sobre isso sim.

Lúcia – A pobreza e a fome

O autor tomaz Nelson diz que “As desigualdades sociais não são acidentais, e sim produzidas por um conjunto de relações que abrangem as esferas da vida social.” A desigualdade social veio de longa data pois o homem sempre fez esta divisão. A gente vê esta desigualdade não só no Brasil mais também em outros países. Sempre tem o rico e o pobre. Até hoje tem o preconceito contra o nordestino e o negro.

Na política a população é excluída das decisões. Na música Cidadão do Zé Ramalho, fala sobre o nordestino que veio da roça para a cidade onde foi trabalhar como pedreiro onde construía prédio como é difícil viver em um lugar onde a pessoa

que constrói não tem o direito nem de olhar depois. E pio onde o preconceito esta sempre acontecendo.

A pobreza e uma realidade muito dificil mas real nus nossos dia pois a fome a miséria as pessoas morando na rua dói você ver e não pode fazer nada enquanto os nossos governante pode fazer muito e não faz. Isto é revoltante, gostaria que fosse diferente as coisas no Brasil, enquanto isto não acontece vamos caminha.

Não vejo nada ser feito apenas movimento que muitas vezes não leva a nada. Eu não espero no homem e sim em Deus. Também não participo de sindicato pois se você faz greve desconta do seu salário pois já e pouco.

E por isto que cada vêz mas quero estuda pois sem estuda não conseguimos nada, quem tem que fazer a diferença somos nós. Deus diz faça a tua parte e ti ajudarei.

Dayany – Pessoas que vivem desprezadas

Quando se fala em desigualdade social e pobreza no Brasil *o autor Nelson Dacio Tomazi afrima que* “Não se trata de centenas de pessoas, mas em milhões que vivem na pobreza absoluta.” Com certeza! Principalmente nas regiões Norte, Nordeste e Centro Oeste existem pessoas que vivem na extrema pobreza. Infelismennte uma desigualdade social muito grande, com certeza um país de uma enorme extensão e de uma grande riqueza e apesar dos anos que se passam este cenário não muda com as nossas riquezas mas mãos de uma minoria, e a grande parte sobrevive com salário mínimo. Pessoas que estão a margem e a mercê da miséria que sobre desespero e coragem abandonam a sua terá natal em busca de uma vida melhor.

O desemprego é muito triste em nosso Brasil precisamos trabalhar para sobreviver fico pensando se continuar assim como estar, o que será de nós? Pessoas trabalhadoras pais de famílias e extremamente humilhados.

Eu vi no vídeo do Zé Ramalho cantor alguns temas abordados na letra da musica Cidadão que foi escolhida para demonstrar distanciamento entre os indivíduos privilegiados e os mais humildes, além de demonstrar como a sociedade burguesa pode ser muito cruel quando não considera as pessoas pobres como “cidadãos”.

Eu penso diferente que as pessoas tem mesmo que cobrar de nossos políticos que promete até porque são direitos nossos.

Givanilson – A pobreza no Brasil

O autor Nelson Dacio comentou quando se fala em desigualdade social e pobre no Brasil, não se trata de centenas de pessoas, mais em milhões que vivem na pobreza absoluta. A desigualdade social e a pobreza são problemas sociais que afetam a maioria dos países na atualidade. A pobreza existe em todos os países, pobre ou ricos, mais desigualdade social é um fenômeno que ocorre principalmente em países não desenvolvidos. Desigualdade de renda, desigualdade de oportunidade, desigualdade escolar, etc.

Existem pessoas que ganham absurdo, exemplo jogadores de futebol, apresentadores de TV, políticos, e o nosso salário mínimo aumenta uma mixaria de ano em ano, mas quando e para aumentar os salários dos políticos aumentam na maior facilidade. Precisamos agir colocar a boca no trombone em busca dos nossos direitos não devemos desiste e nem desanimar porque só depende de nós.

Na musica Cidadão do cantor Zé Ramalho, eu entendo que mesmo que agente trabalhe nós não somos valorizados pelo nosso trabalho, mas o pouco que eu plantava não tenha direito de comer, onde muitos patrões que explora os seus funcionários humilhando e muitas vezes matratando sem direito de dá opinião.

Como consequência da desigualdade social no Brasil temos os grandes problemas que nos afetam diretamente podendo ser visto a toda hora e todo momento, exemplos má administração pública, falta de interesse da sociedade, egoísmo, corrupção, falta de uma educação básica de qualidade e até fatores culturais. Os nossos políticos precisam se interessar pelos menos favorecidos.

Sebastião – A miséria de um povo sem esperança

“As desigualdades sociais não são acidentais, e sim produzidas por um conjunto de relações, as esferas da vida social.” *Segundo* Tomazi, Nelson Dário autor da obra “iniciação À sociologia”, que foi publicado por: Equipe Brasil Escola.

Em outras palavras, quem paga o preço desta desigualdade, não deve nada e nem foi quem provocou esta situação que podemos chamar de injustiça social.

As desigualdades sociais no Brasil, acontecem por vários fatores, entre esses fatores, estão a falta de conhecimento da população em relação aos seus direitos, tais como, exigir que a constituição seja cumprida. Este simples fato deixa a população aleijada de alguns direitos como acesso à educação gratuita a partir do ensino médio etc...Também não eleger e assim colocar políticos corruptos no poder. Não ter as informações e o conhecimento desta realidade, que nos leva a pensar um país melhor a partir de nós e de como nós podemos cobrar dos nossos representantes; e isto, só será possível mediante o conhecimento. Só assim é possível ter consciência de nosso papel na sociedade e de nossas responsabilidades como cidadãos.

As desigualdades, as diferenças as dificuldades, são muitas. Porém, o que mais dificulta, e fica mais perceptível é o choque cultural, nos costumes, tradições às raízes, os modos e maneiras de viver. Assim, o pacato cidadão, o homem do campo não se acostuma na cidade. Se o homem do campo tivesse assistência em sua terra natal, jamais sairia do seu lugar de origem, para se aventurar em terras estranhas. *“Foi lá que nasci, lá quero morrer.”* Já dizia a antiga canção popular. Na minha opinião, o maior problema está no fato de os políticos e os nossos governantes em sua grande maioria não terem uma política visando o desenvolvimento social como prioridade.

O que é necessário ou o que poderá ser feito para melhorar o Brasil e a luta contra as desigualdades sociais? Começa pela conscientização da população brigar contra a precariedade da educação, da saúde, da segurança e por uma melhor distribuição da renda e das riquezas, etc...Outro problema muito grave, está na camada da sociedade que não quer que o povão tenha acesso as informações e esta parte da sociedade está localizada nos formadores de opinião, como mídia que está a serviço dos poderosos desta nação. São os jornalistas, chamada grande imprensa que prestam um desserviço à nação, maquiando notícias por interesses escusos etc...Temos que melhorar o nível dos nossos políticos; votando em gente bem intencionada e honesta.

Demetrius – Proesa de viver

No mundo de hoje em dia, nós vemos e presenciamos o que? Que o ser humano está a cada dia mais ambicioso e individualista; tais por motivos que nós só observamos. Apesar de tudo isso é como o reflexo de um espelho mas, os seus erros não são notáveis. Mas nós continuamos persistindo no erro. Às vezes, você acha que está fazendo a coisa certa e na verdade você está fazendo o errado. É igual ou semelhante a eu estava trabalhando do lado de casa avia vantagem e foi ao contrario, mudei de serviço. To andando bem mais, condições melhores recebo um pouco mais tem outras vantagens como café da manhã e trabalho na maquina ejetora e tenho hora de almoço, refrigerante.

A diferença é que a pobreza é você não ter condições ou até mesmo as vezes não ter o que comer, e tentar se deslocar para conseguir algo para seus filhos comer. É como o ditado Nada como um dia após o outro se seguir certo; Deus ilumina os seus caminhos e lhe dá o necessário para concluir suas metas. “E não adianta abaixar a cabeça e deixar os problemas levar você; se você ser orientado pelos caminhos certos suas coisas iram, ser feitas com orgulho mesmo que seja, uma grande jornada.

Nos vimos o vídeo do cantor Zé Ramalho: na aula de português; eu achei que essa música é muito antiga, e só favorece os alunos que tem mais idade; e se fosse uma mais na atualidade de debates da política desigualdade. Mas quem me dera se fosse sobre o Racionais? Uma das músicas deles a Capítulo 4 versículo 3. Ela retrata a violência policial. Apesar de sermos pessoas que lutam e pagão seus impostos; lhe digo uma coisa se você é negro e tudo bem mais difícil para estudar trabalhar!!! Até mesmo ser bem visto pela sociedade! A sociedade nos martiriza, nos oprima e tenta disfarçar as regras. Mas sempre tem pessoas que fazem literalmente o oposto. E com o oposto vem o que é proposto!?! “As algemas, milhares de centenas, problemas, crenças, proezas e poemas.” “É o que me faz forte, contra o sistema até a morte. Ditados dos opressores: Malandro bom é malandro morto, a ocasião faz o ladrão. Pensou em agir nunca pense, uma mentira nossa vale dez verdades e ladrão burro na rua mora também. Por isso sempre faça o que é certo que o errado só lota as cadeias e os cemitérios.

ANEXO 7 – NORMAS PARA A TRANSCRIÇÃO

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	Do nível de renda... () nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	E cumé/ e reinicia
Entonação enfática	maiúscula	Porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	::podendo aumentar para ::: ou mais	Ao emprestarem os... éh::: ...o dinheiro
Silabação	–	Por motivo tran-sa- ção
Interrogação	?	E o Banco. Central.. certo?
Qualquer pausa	...	São três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcrissor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	''''	...a demanda da moeda '' vamos dar essa notação '' demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	[ligando as linhas	A. Na [casa da sua irmã B. sexta- feira?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	“ “	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRRElra entre nós”...

ANEXO 8 – FOTOS DOS ALUNOS NAS AULAS